



Romance de

**RICHARD
OSBORNE**

Baseado no Roteiro de

JOE ESZTERHAS

UM CRIME BRUTAL.

UMA ASSASSINA EXCITANTE.

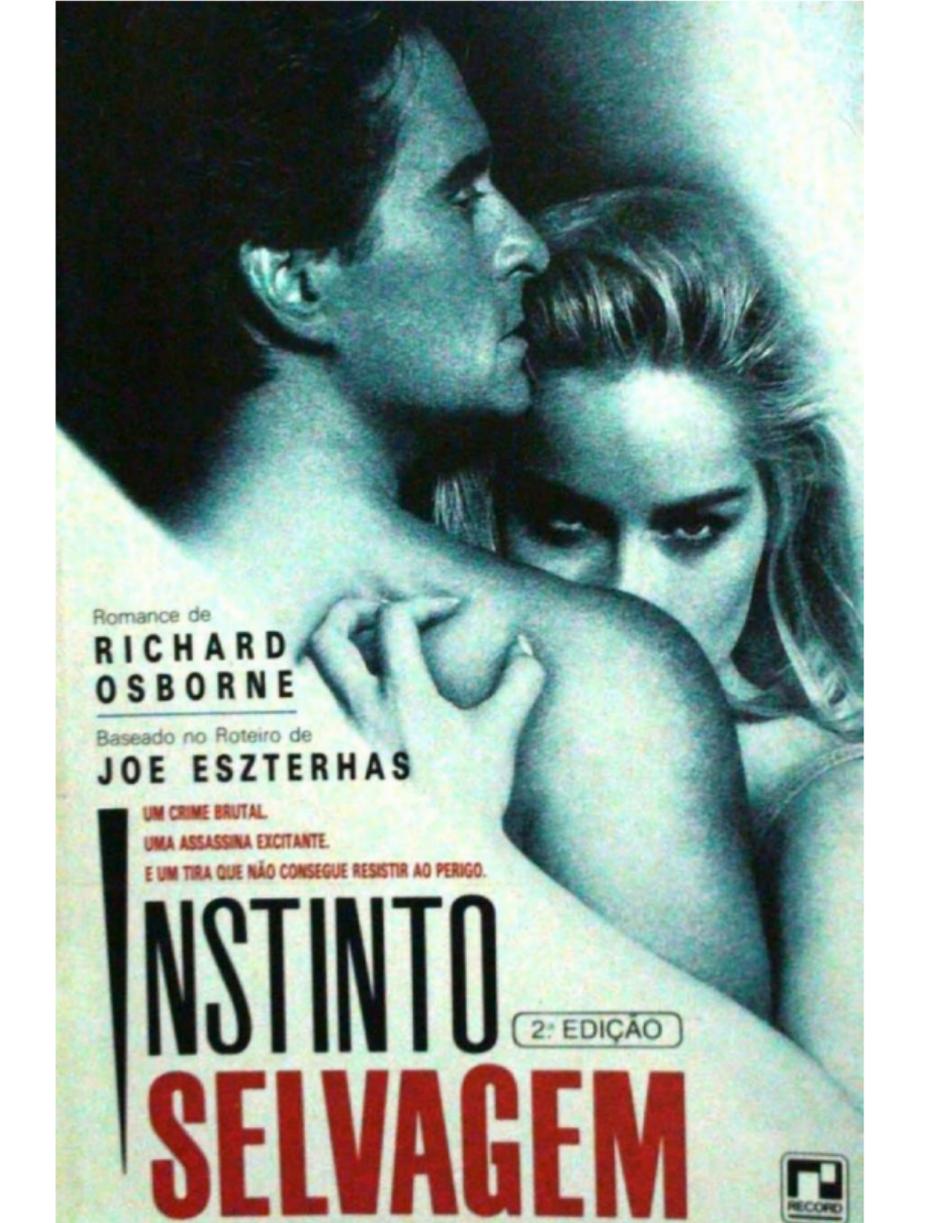
E UM TIRA QUE NÃO CONSEGUE RESISTIR AO PERIGO.

INSTINTO

2ª EDIÇÃO

SELVAGEM





Romance de
**RICHARD
OSBORNE**

Baseado no Roteiro de
JOE ESZTERHAS

UM CRIME BRUTAL.
UMA ASSASSINA EXCITANTE.
E UM TIRA QUE NÃO CONSEGUE RESISTIR AO PERIGO.

INSTINTO

2ª EDIÇÃO

SELVAGEM



EDIÇÃO RECORD



Instinto

Selvagem

Romance de Richard Osborne

Baseado no roteiro de Joe Eszterhas

Tradução de

A.B. PINHEIRO DE LEMOS

2ª EDIÇÃO

2

Título original norte-americano

BASIC INSTINCT

Copyright © 1992 by Carolco/Le Studio Canal + V.O.F.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa para o Brasil adquiridos pela

DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S.A.

Rua Argentina 171 – 20921-380 – Rio de Janeiro, RJ – Tel.: 580-3668

que se reserva a propriedade literária desta tradução Impresso no Brasil

ISBN 85-01-04013-4

PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL

Caixa Postal 23.052 – Rio de Janeiro, RJ – 20922-970

Instinto Selvagem

Mulheres atraentes e sensuais, jogo de paixão e sedução, assassinatos brutais e misteriosos e um detetive cujo trabalho de investigação é tão inebriante quanto qualquer droga tornam este magistral *Instinto Selvagem* um dos livros mais polêmicos dos últimos tempos.

Baseado no roteiro de cinema de Joe Eszterhas, Richard Osborne compõe uma trama policial capaz de arrepiar o leitor a cada página. No mundo das drogas, psicoses e homossexualismo, Nick Curran, o detetive da polícia de San Francisco, é desafiado a elucidar o horripilante e frio assassinato de um astro do rock. A emoção e o suspense acompanham todos os passos do Departamento de Polícia que esbarra com uma principal suspeita — a loura e deslumbrante Catherine Tramell, uma escritora cuja ficção relata exatamente o assassinato nos menores e mais sangrentos detalhes.

Mas surgem outros fatos que comprometem a história, onde Nick Curran, envolvido em sutis insinuações e sedutora sensualidade, apenas pode contar com seu instinto selvagem de sobrevivência para se desvencilhar das teias diabólicas das mentes psicopatas e descobrir o verdadeiro assassino.

Não é de hoje que este tema alucinante, repleto de paixão, prazer e sexo, desfila nas mentes dos bons escritores.

4

Prólogo

A MÚSICA SAÍA de um reluzente aparelho de CD, perto da janela, no quarto, o volume baixo. Além da janela, a cidade de San Francisco despertava para uma rara manhã clara; não haveria o famoso nevoeiro de San Francisco naquele dia.

Na cama, uma enorme cama de latão, deitava-se Johnny Boz — um homem rico, sem dúvida, e também um homem de gosto, mas gostos bons e maus. Gostava de arte e de música, do luxo informal; os gostos maus eram mais destrutivos — drogas pesadas, alguma submissão e as mulheres erradas.

A mulher montada em seu peito nu era linda. Os cabelos louros compridos caíam pelos ombros, os seios perfeitos balançavam como frutas maduras por cima de seu rosto, sedutores, um pouco além do alcance de seus lábios famintos.

A mulher baixou a boca vermelha para a sua e beijou-o, sôfrega, a língua ansiosa. Ele reagiu ao beijo, sugando aquela língua para o fundo de sua boca. Ela estendeu as mãos de Johnny acima de sua cabeça e imobilizou-as. Tirou uma echarpe branca de seda de debaixo do travesseiro e amarrou os pulsos juntos, depois prendeu-os à grade de latão da cama.

Ele fez força para se libertar, os olhos fechados, em êxtase.

Ela desceu por seu corpo e Johnny penetrou-a, bem fundo. Os quadris da mulher subiam e desciam. Ele arqueava o corpo, projetava-se para cima, tentando aprofundar-se ao máximo naquele corpo, sentindo todo o seu peso.

Estavam capturados pelo momento, dominados pela força irresistível do sexo e do narcótico. Os olhos fechados, ela empinou e depois despencou com toda força, os quadris empalados no homem. Arqueou as costas, ressaltando os seios altos e firmes.

Ele sentiu que seu orgasmo aflorava das profundezas e inclinou a cabeça para trás, expondo a garganta branca, a boca se abrindo num grito silencioso, os olhos revirando. Em tormento de prazer, ele puxou e rasgou a seda que segurava seus braços.

O momento dela chegara. Havia um brilho prateado em sua mão, um pedaço de metal, afiado e mortífero. A mão direita baixou, rápida e cruel, a arma perfurando a garganta pálida, que no mesmo instante se tornou vermelha de sangue. O homem teve uma convulsão, o corpo sacudido pela dor da morte súbita e violenta e pela força total do orgasmo.

Muitas e muitas vezes, a mulher baixou o braço para a garganta de Johnny, o peito, os pulmões. Os lençóis creme se tornaram vermelhos. Ele morreu, projetando corpo e alma para a mulher.

5

Capítulo Um

AS LUZES VERMELHAS e brancas no alto dos carros da polícia, espalhados pelo quarteirão 3500 da Broadway, na frente da casa vitoriana de Johnny Boz, em Pacific Heights, faiscavam como faróis. O ar estava impregnado pela estática e zumbido do tráfego de rádio policial. Alguns madrugadores — os passeadores de cachorro, no jargão da polícia — observavam a cena como espectadores de teatro; os guardas ali adotavam a atitude de indiferença que decorria de uma longa e constante familiaridade com o assassinato.

Um carro da polícia sem qualquer identificação — sem cromados, sem frisos, sem qualquer acessório extra, de tal forma que só podia ser um carro da polícia — desceu pela rua, e parou junto do agrupamento de guardas e carros. Dois homens saltaram e contemplaram a fachada da elegante casa vitoriana. O mais velho dos dois, Gus Moran, acenou com a cabeça em aprovação, comentando:

— Um bom bairro para um homicídio.

— Não resta a menor dúvida de que estamos tendo uma classe superior de homicídio nesta cidade – respondeu seu parceiro. – Deve ajudar na atração de turistas.

Os dois não podiam ser mais diferentes. Como o carro que guiava, Gus Moran nunca poderia ser tomado por outra coisa que não fosse um típico representante do Departamento de Polícia de San Francisco. Mas os olhos irradiavam vinte anos de desilusão. O homem sentia-se cansado.

O parceiro, Nick Curran, era mais jovem e mais difícil de definir.

Usava um bom terno, um pouco elegante demais, indicando que era um tira no momento em que se punha os olhos nele. Mas havia algo mais em sua pessoa, a esperteza das ruas, a dureza da cidade grande, a ligeira arrogância e confiança de um homem que passava a vida, um dia sim, outro também, com um revólver junto do peito. Ao contrário de seu parceiro desanimado, para Nick Curran o jogo ainda continuava, as regras mudavam todos os dias. Na maior parte do tempo, a única regra era a de que não havia regras.

As ruas se tornavam cada vez mais brutais, mas Curran ainda podia controlá-las. Não desistira, nem pretendia... pelo menos ainda não.

Abriam caminho pelos guardas até a porta, entraram na casa elegante. Moran farejou o ar como um sabujo e bateu de leve com um dedo no lado do nariz. Havia um cheiro naquela casa, um cheiro que ele já

encontrara antes — não muitas vezes, é verdade, mas bastava senti-lo uma vez para se saber o que significava.

— Dinheiro – murmurou ele. Correu os olhos pelo ambiente sofisticado, os móveis perfeitos e informais em *art deco*, os tapetes grossos, 6

os quadros nas paredes. – Muito bonito. Quem era mesmo a porra desse cara?

— Um astro do rock, Gus. Johnny Boz.

— Nunca ouvi falar.

Nick sorriu. Se Gus já tivesse ouvido falar de Johnny Boz, ele teria a maior surpresa. O gosto musical de Moran, se é que se podia chamar assim, reduzia-se ao *country* tradicional do Texas.

— Ele surgiu depois do seu tempo, em meados da década de sessenta.

Deve estar lembrado... *hippies*, o verão do amor. Você devia estar de uniforme na ocasião, quebrando cabeças no Heights.

— Eram dias felizes – comentou Moran.

— Boz era um deles. Cinco ou seis grandes sucessos. Depois, tornou-se respeitável... isto é, em termos do *rock*. Tem um clube no centro, na Fillmore. – Nick olhou para o Picasso pendurado no vestibulo. – Mas com certeza virou um aristocrata.

Moran seguiu na frente para o quarto todo sujo de sangue.

— Aristocrata? – murmurou Gus. – Agora ele não é mais nada.

Boz continuava esparramado na cama, um pedaço de carne, amarrado à estrutura de latão. Era difícil para Moran imaginar um conjunto mais sangrento de ferimentos do que as perfurações múltiplas na garganta, ainda mais num corpo com o coração batendo forte de êxtase e drogas. Os lençóis dispendiosos estavam escuros de sangue ressequido, o colchão encharcado até as molas.

Curran olhou fixamente para o corpo, como se o fotografasse com a mente, e depois virou-se, balançando a cabeça, olhando para os policiais que lotavam o quarto.

— Parece que temos aqui uma porra de uma convenção policial – resmungou ele.

Havia o pessoal do laboratório, os homens do local do crime, que examinariam o quarto inteiro, revistando e pesquisando, de forma tão meticulosa que poderiam até escrever toda a história do lugar; a turma da medicina legista, que faria a mesma coisa com o cadáver perfurado de Boz; e dois detetives da divisão de homicídios, Harrigan e Andrews. Fora muito azar deles tropeçar no crime naquele período cinzento indefinido em que deixavam o plantão e Curran e Moran entravam. Dois guardas uniformizados olhavam tudo, curiosos. Em suma, o bando habitual no local de um assassinato.

Mas havia também dois outros tiras, que não eram do tipo que normalmente aparecia no local de um crime. Curran recuou para um canto do quarto opulento, olhando de cara amarrada para o Tenente Phil Walker e o Capitão Mark Talcott. Walker, o chefe da divisão de homicídios, tinha todo o direito de estar ali... embora irritasse Curran o fato de que a morte de um ex-astro do *rock* atraísse os figurões, o que não acontecia, por exemplo, 7

com o assassinato de uma mãe que vivia à custa da previdência social em Hunters Point. A presença de Talcott, subchefe de polícia e o principal representante político do gabinete do prefeito, indicava que algo grande estava acontecendo. Algo que tinha muito pouco a ver com o crime, Curran sabia, e muito com a política da cidade de San Francisco.

Gus Moran, que não era nenhum tolo, olhou para os dois superiores e depois alteou uma sobrancelha para o parceiro.

— Nunca seja assassinado, Nick. Não terá privacidade se isso acontecer.

— Sábias palavras – murmurou Curran.

— Vocês já conhecem o Capitão Talcott? – perguntou Walker aos dois.

— Claro – respondeu Curran. – Estou sempre lendo notícias a seu respeito na coluna de Herb Caen.

— Muito engraçado, Nick – disse Talcott.

— O que um representante dos altos escalões está fazendo aqui, Capitão?

Moran sabia como ser polido. Era muito melhor nisso do que Curran.

Talcott cruzou os braços, correu os olhos pelo quarto, a própria imagem de um líder.

— Observando – respondeu ele, muito sério.

Gus Moran sorriu, enquanto Nick Curran tinha de fazer um grande esforço para não cair na gargalhada. Walker lançou-lhe um olhar furioso.

Sua expressão era eloquente: não sacaneie os caras errados.

O médico-legista tirou o que parecia ser um enorme termômetro da carne do fígado de Johnny Boz. Saiu com um ruído aspirado dos mais repulsivos.

— Hora da morte? – perguntou Walker.

O legista leu o mostrador.

— Trinta e três graus. Ele vem esfriando há algum tempo... em torno de seis horas. – O legista olhou para seu relógio. – O que situa a hora da morte por volta de quatro horas da madrugada.

A turma do laboratório armava um equipamento eletrônico. Parecia um aspirador, com uma lanterna anexada, só que era uma lanterna que projetava um fecho fino de luz verde. Era a mais nova engenhoca da polícia de San Francisco, um *scanner* de raio *laser*, capaz de encontrar todos os vestígios de presença humana no quarto – impressões digitais, sangue, cabelos, pele.

— O que aconteceu? – indagou Talcott.

— A criada chegou há uma hora e encontrou-o – informou Walker. –

Ela não dorme no emprego.

— Uma boa maneira de começar o dia – comentou um dos homens da patologia.

8

O *scanner* de raio *laser* estava pronto para entrar em ação.

— Alguém pode fechar as cortinas, por favor? – pediu o técnico.

Um dos guardas uniformizados puxou as grossas cortinas, o quarto ficou às escuras. O bastão do *scanner* projetava uma luz verde insalubre, que se refletiu no teto espelhado, tingindo os rostos dos policiais com uma cor fantasmagórica.

— Então talvez não tenha sido a criada – disse Gus.

— Ela tem cinquenta e quatro anos e pesa mais de cem quilos.

— Não há equimoses no corpo – informou o legista.

— Não foi mesmo a criada – continuou Gus, impassível. – Tudo seria muito mais fácil se fosse ela.

— Boz deixou o clube ontem por volta da meia-noite – disse Andrews. – Foi a última vez em que alguém o viu. Isto é, o viu com vida.

— Deixou o clube sozinho? – perguntou Curran.

— Com a namorada – respondeu Harrigan.

— Que não tem cinquenta anos, nem pesa cem quilos, eu suponho – interveio Moran.

Nick olhou para o corpo.

— Qual foi a arma?

— Um furador de gelo – informou Harrigan.

Ele entregou a Curran um saco de prova de plástico transparente.

Continha um furador de gelo, com uma crosta de sangue ressequido.

— Muito bem pessoal. Dá para chegar perto. Cheirar a vítima, senti-la. Quantos ferimentos?

— Cerca de uma dúzia – respondeu o legista. – Três ou quatro superficiais, mas oito ou por aí... qualquer um deles seria fatal. Amarrado desse jeito, ele sangraria até a morte em poucos minutos. Com uma dúzia de perfurações, virou a porra de uma peneira. O pescoço virou um coador.

— Onde encontraram o furador de gelo? – indagou Nick Curran.

— Em cima da mesinha de café, na sala de estar.

O *laser* pegou alguma coisa na cama, manchas de umidade, aparecendo como equimoses escuras.

— Tem por todos os lençóis – comentou o técnico. – Parece que dá uns três ou quatro litros.

— Espantoso! – exclamou Nick

— O cara gozou antes de ser gozado – acrescentou Gus Moran.

— Gozou e morreu ao mesmo tempo – disse Harrigan, rindo.

— Já chega! – protestou Talcott, a voz firme. – Senhores, o caso é

muito delicado. O Sr. Boz era um dos grandes contribuintes para a campanha do prefeito. Era o presidente do comitê do Palácio de Belas-Artes...

Gus franziu o rosto.

— Ele não era um astro do *rock*?

9

— Um astro do *rock aposentado* – explicou Walker.

— Em San Francisco, Gus, o *rock* é arte – esclareceu Nick.

— O Sr. Boz era um astro do *rock* de espírito cívico e muito respeitável – declarou Talcott, ainda mais solene.

Isso se aplicava também ao seu clube noturno na Fillmore. A área fora outrora um centro de *jazz* sério e *rock* da pesada. Agora, era um distrito de *yuppies*, com modas da moda, mas respeitáveis, restaurantes que serviam os pratos mais caros da cozinha que estivesse em voga no momento e butikues elegantes.

Todos os policiais ali estavam pensando que o cadáver na cama não parecia com um *Mister* em qualquer coisa, muito menos com *Mister* de espírito cívico e respeitável.

— E o que é isto? – perguntou Gus, olhando para uma pilha de pó branco num espelho na mesinha-de-cabeceira.

— À primeira vista, eu diria que se trata de um pouco de cocaína de espírito cívico e muito respeitável – respondeu Curran. – Isto é, assim me parece. Mas posso estar enganado...

Talcott recusou-se a ser atraído. Falou devagar, com toda calma, mas não havia como se equivoocar com o gelo em suas palavras:

— Escute aqui, Curran, vou receber muita pressão por causa deste caso. Não quero nenhum erro.

Erro, no léxico de Talcott, não significava alguma mancada no trabalho policial, mas sim qualquer confusão que fosse politicamente perigosa para o departamento e seus chefes.

— Ouviu isso, Gus? – disse Curran. – Nada de erros.

— Faremos o melhor de que somos capazes – garantiu Moran. – Não se pode pedir a um homem mais do que isso, certo?

— Certo. Quem é a namorada?

— Seu nome é Catherine Tramell, Divisadero, 2235.

— Outro bairro de classe – comentou Moran. – Vamos ter uma linda excursão pela Bagdá da baía. Oh, desculpem! Tinha esquecido. Não a chamamos mais assim.

— Vamos embora, Gus – disse Curran, encaminhando-se para a porta.

Na escada, onde os outros não podiam ouvir, Gus Moran disse:

— Talcott acordou cedo. Geralmente não começa a trabalhar antes de completar os dezoito buracos no campo de golfe.

— Tem razão – concordou Curran. – Johnny Boz e o prefeito deviam ser muito ligados.

— Nick!

Eles se viraram para avistar o Tenente Walker parado no alto da escada.

10

— Qual é o problema, Phil? – perguntou Curran. – Deveríamos pedir licença para nos retirarmos? Ou o quê?

— Você tem uma reunião marcada para as três horas. Não deixe de comparecer.

— Perdoe-me se eu estiver enganado, Phil, mas não acabamos de ganhar um homicídio? Quer que eu investigue o caso ou quer que me encontre com a porra do psicanalista do departamento?

— Compareça ao encontro e cuide do caso. Mas faça um favor a todos nós... mude sua atitude.

Curran sorriu.

— Que tal duas em três vezes?

— Se quer manter seu emprego, Nick, não deixe de aparecer às três horas.

— Está certo.

— Já estou me sentindo melhor – disse Phil Walker. – Talvez você também se sinta.

— Puxa, Nick, você tem um talento todo especial – murmurou Gus.

– Leva o sol para onde quer que vá.

— É a pura verdade. E agora vamos fazer uma visitinha na Divisadero.

11

Capítulo Dois

SE VOCÊ ATRAVESSA por toda a extensão uma das ruas compridas que cruzam San Francisco no sentido norte-sul, certamente vai passar por quase todos os tipos de bairros, o espectro completo, desde super-ricos aos pobres mais miseráveis. Em nenhum outro lugar isso se tornava mais evidente do que na Divisadero. Em uma outra extremidade, à

beira d'água, eram encontrados os vagabundos, bêbados e viciados. Lá em cima, nas Heights, a partir do número 2200, viviam os cidadãos mais ricos de San Francisco.

A Divisadero, 2235 ajustava-se com extrema perfeição ao resto da área, parecendo mais uma mansão do que uma casa comum, com o mesmo cheiro de dinheiro que era tão óbvio na residência do falecido Johnny Boz.

Não foi surpresa para nenhum dos dois detetives o fato de serem atendidos na porta por uma criada, e também não ficariam surpresos se ela os encaminhasse para a entrada dos fundos, a que era usada por entregadores e serviçais. A criada era uma chicana, mais do que provavelmente uma imigrante ilegal, e sabia reconhecer a face da autoridade quando a encontrava. Não parecia feliz. Eles mostraram seus emblemas.

— Sou o Detetive Curran e este é o Detetive Moran, do Departamento de Polícia de San Francisco.

Um medo fugaz passou pelo rosto da criada.

— Da polícia – acrescentou Moran, tranquilizador –, não de *la Migra*.

A criada, em momento algum, parecia absolutamente tranquilizada.

— Entrem – murmurou ela.

Conduziu-os pela casa, deixando-os numa sala de estar. Era elegante e imponente, com janelas altas, formando arcos, viradas para leste, na direção da curva azul da baía de San Francisco. Curran e Moran ficaram impressionados — de um modo geral, homicídios não levavam os tiras a lugares tão elegantes.

Havia um quadro pendurado na parede da direita e Gus Moran examinou-o atentamente, como se fosse um *connoisseur*.

— Isso é ótimo – disse ele. – Boz possui um Picasso e a tal de Catherine Tramell também tem um. Ambos são Picassos.

— Não imaginava que você sabia quem foi Picasso, Gus, muito menos que fosse capaz de identificar um dos seus quadros.

— É extremamente fácil. – Moran sorriu. – Basta saber o que tem de procurar, na verdade. Por exemplo, uma assinatura grande. Está vendo ali embaixo, no canto? Está escrito “Picasso”, tão claro quanto o dia. É uma pista infalível.

12

— O Picasso dela é maior do que o Picasso dele – comentou Nick

— Dizem que o tamanho não faz diferença – declarou uma voz de mulher.

Moran e Curran se viraram. Havia uma linda loura parada ao pé da escada, os olhos azuis-claros bem separados. Os maldades poderiam ser a inveja de qualquer modelo de moda. Usava um colete preto e dourado todo bordado, um *jeans* preto bem justo e botas pretas de vaqueiro. Parecia o tipo de mulher que um astro do *rock* gostaria de ter em seus braços.

— Lamentamos incomodá-la – disse Curran –, mas gostaríamos de fazer algumas...

— Vocês são da Entorpecentes? – perguntou a mulher, friamente.

Se estava assustada com a presença da polícia, não demonstrava: ela fazia um excelente trabalho em disfarçar o medo.

— Homicídios – respondeu Nick

A mulher acenou com a cabeça para si mesma, como se Curran confirmasse algo que já imaginara.

— O que vocês querem?

— Quando foi a última vez que viu Johnny Boz? – indagou Gus.

— Ele está morto?

— Por que acha isso?

Gus não desviara os olhos do rosto da mulher desde que ela entrara na sala.

— Não viriam aqui por outro motivo, não é mesmo?

Um ponto para a sacana, pensou Nick Curran.

— Esteve com ele ontem à noite?

Ela sacudiu a cabeça.

— Acho que estão procurando por Catherine, não por mim.

— Quer dizer que não é...

Nick Curran interrompeu o parceiro:

— Quem é você?

— Sou Roxy.

— Mora aqui? Mora com Catherine Tramell?

— Isso mesmo. Sou... sua amiga.

— É sempre muito bom ter amigas – murmurou Gus.

— Será que você pode nos dizer onde encontrar sua amiga, Roxy?

Ela não respondeu imediatamente, mas observou-os com a maior atenção. Curran e Moran podiam quase vê-la pensando, tramando seu próprio movimento, calculando qual a melhor maneira de se proteger e à

sua “amiga”. Havia um ar de ilegalidade em Roxy. Parecia o tipo de pessoa que se ressentia de fornecer à polícia até mesmo as informações mais inofensivas. Mantinha a boca fechada por uma questão de princípios.

— Vai nos contar? – insistiu Gus. – Ou prefere tornar as coisas mais difíceis para

você?

13

Roxy ainda hesitou por mais um momento, mas acabou cedendo.

— Ela está na praia. Tem uma casa em Stinson Beach.

— É um lugar enorme – ressaltou Nick – Não pode ser um pouco mais específica?

— Seadrift – disse Roxy. – Seadrift, 1402.

— Não foi tão difícil assim, não é? – indagou Nick

Os dois detetives se viraram para sair.

— Estão perdendo seu tempo – declarou ela, a voz firme. – Catherine não o matou.

— Eu não disse que ela o matou – lembrou Nick – Mas talvez ela tenha alguma ideia sobre o culpado. A menos que tenha sido você.

Roxy balançou a cabeça, sorrindo desdenhosamente.

— Não é melhor vocês irem logo embora? É uma longa viagem até Stinson.

— É verdade – disse Gus –, mas está fazendo um lindo dia para uma viagem.

Gus na verdade tinha razão. Era um dia extremamente lindo para um passeio, e uma excursão a Stinson passava por muitos lugares bonitos e pontos de atração turística. A ponte Golden Gate, a passagem por Sausalito, da Rodovia 101 para a Rodovia 1, a famosa estrada litorânea, que descrevia curvas e mais curvas à beira do penhasco, seguindo para o norte.

A cidade de Stinson Beach não era grande coisa para se contemplar.

Um pouco de lojas, uns poucos bares, uns poucos pontos de artes e artesanato para atender aos turistas. A população era uma curiosa combinação dos ricos, que tinham ali suas casas ao estilo de Malibu, alguns *hippies* que ainda se apegavam às lembranças prezadas, mas confusas dos anos sessenta e pessoas comuns das classes trabalhadoras, nascidas e criadas ali, mas que não se

enquadravam em nenhum dos outros grupos.

Parecia que Catherine Tramell pertencia à classe dos ricos, que usavam Stinson como um recreio. A casa ficava na Rodovia 1, bem recuada. Equilibrava-se de forma precária à beira do mar, oferecendo da varanda vistas espetaculares da praia e do Pacífico.

Havia dois Lotus Esprits estacionados no caminho. Um era de um preto comum, o outro de um branco comum, como se os donos não quisessem atrair a atenção, embora guiassem dois dos carros mais exóticos por ali. Gus Moran olhou para os carros e resmungou:

— Confere.

— O que confere?

— Depois dos Picassos dele e dela, o passo lógico seguinte seriam os Lotus dele e dela.

— Talvez sejam dela e dela.

14

— Qualquer coisa. Seja como for, é bom encontrar finalmente alguém que tem um carro mais veloz do que o seu.

— Mais caro talvez – disse Nick –, mas não mais veloz.

Não estavam falando sobre o carro da polícia; falavam, isto sim, sobre o carro particular de Nick, o que ele usava quando estava de folga, um Mustang de cinco cilindros.

A porta da frente da casa era larga e imponente. Tinha dois enormes painéis de vidro, nenhum deles coberto por cortinas. Com ou sem cortinas, a privacidade dos moradores era garantida pela localização da casa. A menos que, como Nick, a pessoa não se importasse nem um pouco e fosse dar uma espiada.

O andar térreo da casa era um espaço aberto e ele pôde ver da porta da frente até o terraço, empoleirado por cima da praia, como um jardim suspenso. Uma mulher sentava ali, de costas para Nick, olhando para o mar.

— Vê alguma coisa? – indagou Moran.

— Vamos dar a volta – disse Nick, seguindo na frente.

A mulher no terraço pareceu tão surpresa ao vê-los quanto Roxy se mostrara, e igualmente satisfeita. Lançou um olhar longo e duro para Nick, depois desviou o rosto. Sua curiosidade fugaz fora satisfeita, como se achasse que a vista das ondas rebentando na praia fosse muito mais interessante. Os olhos azuis da mulher deixaram-no apreensivo. Eram grandes e espertos, fixando-o como faróis, compreendendo-o num instante.

Como Roxy, ela era loura e linda. Mas enquanto Roxy tinha uma aparência de modelo, Catherine Tramell possuía uma beleza menos severa, mais clássica. Era o tipo de rosto que contemplava orgulhoso o mundo de retratos do século XVIII — um rosto de uma mulher da nobreza, uma aristocrata. E, no entanto, por trás daquele semblante aristocrático havia uma insinuação sutil, uma sensualidade envolvente, um fogo intenso e abafado.

— Catherine Tramell? Sou o Detetive...

— Sei quem são vocês. — Ela falou calmamente. Não podia ou não queria sustentar o olhar deles. Preferia contemplar o mar, como se extraísse seu controle do tumulto das ondas. — Como ele morreu?

— Foi assassinado — respondeu Gus.

— Isso é óbvio. Como ele foi...

Nick interrompeu-a, em tom brusco:

— Com um furador de gelo.

A mulher fechou os olhos por um momento, como se estivesse imaginando a morte sangrenta e violenta de Johnny Boz, e depois sorriu...

um sorriso um tanto quanto estranho, cruel, satisfeito. Aquele sorriso, ou aquele rosto, provocou um arrepio em Gus. Ele olhou para o parceiro e alteou as sobrancelhas, indicando: tem coisa aí. Nick ignorou sua opinião silenciosa.

15

— Há quanto tempo o namorava?

— Eu não o namorava. Fodia com ele.

Agora ela era uma garotinha, dizendo palavras proibidas para chocar os mais velhos. Gus não se impressionou.

— E o que você é? Uma profissional?

A mulher virou o rosto para ele, finalmente, com o mesmo sorriso tênue nos lábios cheios.

— Não. Sou uma amadora.

— Há quanto tempo fazia sexo com ele?

Ela deu de ombros.

— Um ano... um ano e meio.

— Esteve com ele ontem à noite? – perguntou Nick.

— Estive.

— Deixou o clube com ele?

— Deixei.

— Foi para casa com ele?

— Não.

— Mas esteve com ele.

— Acabei de dizer que sim.

— Onde? Quando?

Catherine Tramell suspirou, como se as perguntas de Nick fossem muito chatas, elementares demais para merecerem uma resposta.

— Tomamos um drinque no clube. E saímos juntos. Eu vim para cá, ele foi para casa.

Ela tornou a dar de ombros, uma linguagem do corpo que dizia: “Fim da história”.

— Alguém mais esteve com você ontem à noite?

— Não. Não estava com ânimo nenhum para companhia.

Nick há muito já havia concluído que não gostava de Catherine Tramell.

Independente do que pudesse pensar a respeito de Johnny Boz, ou do interesse do chefe de polícia pelo caso, persistia o fato de que um homem havia sido brutalmente assassinado. Catherine Tramell tratava toda a coisa como se fosse apenas uma quebra de etiqueta, e nada mais.

— Deixe-me perguntar mais uma coisa. Lamenta a morte dele?

Catherine fitou-o, os olhos de um azul profundo tornando a envolvê-lo, desta vez como uma das ondas na praia lá embaixo.

— Lamento, sim. Gostava de foder com ele.

E depois ela voltou a olhar para o mar.

— E esse tal de Boz... – começou Gus Moran.

Ela interrompeu-o, erguendo a mão como um guarda parando o trânsito.

— Não estou mais com vontade de falar.

16

Era preciso muita coisa para fazer Gus perder o controle, mas a atitude de Catherine Tramell começava a afetá-lo, como já acontecera com seu parceiro.

— Escute, dona, podemos continuar a conversa na delegacia, se é assim que prefere jogar.

Ela se manteve inabalável.

— Leia meus direitos e me prenda. E depois irei para a delegacia.

Não era um desafio, era a declaração de um fato. Nick teve a impressão de que Catherine Tramell, de alguma forma estranha, daria um jeito de escapar, se a detivessem.

— Sra. Tramell...

— Podem me prender, de acordo com os regulamentos, caso contrário...

— Caso contrário? – protestou Gus, indignado. – Não há “caso contrário”!

— Caso contrário, saiam daqui. – Ela virou os olhos azuis para fitá-los e acrescentou, mais suave: – Por favor.

Havia muita gente na polícia de San Francisco que achava que Curran e Moran eram propensos a agir impetuosamente, exagerar nas situações e fazer a coisa errada. Mas nem mesmo Nick e Gus seriam capazes de justificar a prisão de Catherine Tramell. Nada tinham: nenhuma prova, concreta ou circunstancial, e nenhuma causa provável. Não era um mistério para os dois detetives, eles não tinham qualquer pressentimento.

Por isso, fizeram o que ela lhes sugerira. Saíram de lá.

Já haviam percorrido cerca de 25 quilômetros, de volta a San Francisco, quando Gus resolveu romper o silêncio:

— Boa garota.

17

Capítulo Três

NICK QUASE CONSEGUIU chegar a tempo para o encontro marcado às três horas. Gus guiou o carro da polícia tão depressa quanto era possível, pela Rodovia 101, atravessou a ponte Golden Gate como um maluco, xingando os motoristas que andavam devagar na extremidade de Marin e no engarrafamento do meio da tarde no Presídio. Ainda assim, é

um longo percurso de Stinson Beach à chefatura de polícia e por isso o relógio marcava 3h15 quando Nick abriu a porta da sala de Beth Garner, a psiquiatra do Departamento de Polícia de San Francisco.

— Desculpe, Beth – disse ele, avançando pela sala. – Tive de fazer uma viagem imprevista a Stinson.

Curran parecia muito mais transtornado com o atraso do que a psiquiatra. Beth Garner era uma mulher atraente com apenas trinta anos de idade e há dois no cargo. Nick Curran era seu amigo antigo — um cliente e, por um breve período, seu amante. Envolver-se com um detetive — e ainda mais alguém sob seus cuidados profissionais — era uma violação da política do departamento e da ética de sua profissão. Mas Curran possuía um magnetismo intenso, era a quintessência de um policial — o tipo de atração que a levava a trabalhar na polícia, em primeiro lugar. Ela sentia-se sinceramente satisfeita por vê-lo.

— Como vai, Nick?

Curran conhecia o suficiente de psiquiatria para compreender que quando eles

perguntavam como vai, não era apenas uma indagação cortês sobre sua saúde.

— É uma pergunta capciosa, Beth. Estou bem.

— Está?

— Ora, Beth, deixe disso! Sabe que estou bem. Por quanto tempo terei de continuar a fazer isso?

— Por tanto tempo quanto a Divisão de Assuntos Internos quiser – respondeu ela, calmamente.

Beth já estava acostumada à irritação de Curran. Não era muito diferente da reação de outros policiais sob sua supervisão. Em algum lugar, na alma de cada policial, espreitava uma dúvida sobre a psiquiatria. De certa forma, era pouco viril conversar com um analista, homem ou mulher.

Depreciativo. Todos os dias, os policiais da cidade levavam malucos recolhidos nas ruas ao Hospital Geral de San Francisco, onde permaneciam até serem despachados para o hospício estadual em Napa. Ou tomavam conhecimento de que colegas seus estavam sendo submetidos a uma

“avaliação psiquiátrica”. Qual era a diferença entre um policial sob 18

cuidados psiquiátricos e algum lunático arrancado da Market Street no momento em que bradava aos quatro cantos que era Jesus Cristo?

— Tudo isso não passa de besteira – resmungou Curran. – Eu sei disso. Você sabe. É pura coação.

Beth Garner sorriu, sugestiva. Era típico de um policial se abrigar por trás de um termo jurídico para contestar algo de que não gostava ou mesmo temia.

— Por que não senta? Vamos conversar. Não há mal nenhum nisso.

Curran sentou, os braços cruzados.

— É tudo besteira – insistiu ele, como se pusesse um ponto final à questão.

— Provavelmente é mesmo. Mas quanto mais cedo acabarmos com essas sessões, mais depressa você poderá esquecê-las. Sabe tão bem quanto eu, a política não é minha.

— A política é besteira também.

— Não necessariamente.

— O que isso significa?

— Quer você tenha percebido ou não, Nick, deve ter sofrido um certo trauma depois do... incidente.

— Oh, Deus, o incidente! Por que não chama pelo nome que é? As mortes. Os dois pobres e inocentes turistas, espectadores em suas camisas de malha do Fisherman's Wharf, que se meteram no caminho das balas saídas do cano de uma automática de nove milímetros, empunhada por um certo detetive da polícia de San Francisco. E você quer falar sobre trauma?

Não se preocupe com o *meu* trauma. Já pensou no trauma de ser morto por um policial? *Isso* é o que eu chamo de trauma.

— Quer dizer que se sente culpado?

— Pelo amor de Deus, Beth, quem não se sentiria?

— É uma reação bastante saudável.

— Ora, por favor...

Beth Garner escreveu algumas anotações na pasta de Nick, aberta sobre a mesa, à sua frente. Escreveu numa letra pequena, firme e impecável.

— As coisas estão correndo bem. Já lhe disse, as coisas andam tão bem quanto...

— Quanto o quê?

— Quanto podem ser quando se tem um trabalho como o meu, e o departamento não pára de pressioná-lo, insinuando que você ficou completamente pirado.

— Sabe muito bem que não é isso o que estou lhe dizendo. Confia em mim, não é?

— Confio.

19

E era verdade. Não porque ela fosse uma analista, com um jaleco branco e um diploma, mas porque, independente de todo o resto, era primeiro e acima de tudo

uma amiga dele.

— O que me diz de sua vida pessoal? Tem alguma coisa a relatar?

Qualquer coisa que gostaria de me dizer a respeito?

— Minha vida pessoal... Ah, sim, está se referindo à minha vida *sexual*. Minha vida sexual vai bem, obrigado.

Ele fez uma pausa, sorriu. Não havia o menor sentido em mentir para ela.

— Minha vida sexual, na verdade, tem sido uma merda desde que parei de me encontrar com você. Deixei de encontrá-la, exceto em termos profissionais. — Nick levantou a mão, a palma virada para fora. — Está

vendo? Começo a ficar com calos.

— Não acha isso um tanto adolescente, Nick?

— Tem razão. Desculpe, Beth.

— Tem bebido? Ou continua longe do álcool?

— Já se passaram três meses.

Para um homem que outrora tivera o hábito arraigado do Jack Daniel's, três meses de lei seca era uma façanha e tanto.

— Drogas?

— Nada.

— Nem coca?

— Nem coca — declarou ele, enfático. — Beth, estou me livrando de tudo isso. Cai fora... até parei de fumar.

Ele sorriu. Não fumar, para um homem de alta pressão, num trabalho de alta pressão, demonstrava um autocontrole espantoso.

— Como é não fumar?

— É uma merda.

Nick se achava ali há quase quinze minutos e o nervosismo já o dominava.

Sentia-se ansioso em sair, voltar às ruas, e descobrir quem retalhara Johnny Boz. Seu trabalho era tão inebriante quanto qualquer droga.

— E agora, Beth, pode fazer o favor de dizer à Divisão de Assuntos Internos que estou bem. Que sou nada mais, nada menos que um tira médio, saudável, totalmente perdido, e depois me deixar ir embora?

Beth Garner hesitou por um momento, antes de responder. Encerrar as sessões significava que não tornaria a vê-lo; e, no entanto, em termos profissionais, não podia recomendar que ele continuasse a vir. Parecia-lhe que Nick era exatamente o que dizia ser: um detetive da polícia, normal, com um trabalho sujo a realizar... isto é, se é que se podia dizer que havia um detetive de homicídios “normal”.

— Farei meu relatório à divisão...

— E?

20

— Direi que você é um tira médio, saudável, totalmente perdido.

Está bom assim?

Curran sorriu, caloroso.

— Obrigado, Beth.

Ele se encaminhou para a porta.

— Ainda sinto saudade de você, Nick

Beth Garner falou baixinho, o suficiente para que ele fingisse que não a ouvira.

Os problemas burocráticos de Nick naquele dia ainda não haviam terminado. Saindo da sala de Beth Garner, desceu quatro andares pela escada, passando da tranquilidade da seção de pessoal para o caos ruidoso que era a sala dos detetives. Havia ali o tumulto habitual, telefones tocando, máquinas de escrever matraqueando e detetives corpulentos berrando com suspeitos e uns com outros. Controlar o índice de criminalidade numa cidade em que qualquer coisa pode acontecer como San Francisco não era o tipo de atividade recomendável para alguém que gostasse de um ambiente de trabalho calmo. Normalmente, Nick Curran apreciava a anarquia quase descontrolada da seção, encarando o tumulto e o aperto como se fosse seu habitat natural. Hoje, porém, a confusão ao seu

redor era inquietante, refletindo a inquietação que ele sentia: pelo assassinato de Johnny Boz, a afeição óbvia de Beth Garner e o sorriso ténue e o olhar insinuante de Catherine Tramell.

Gus Moran recebeu-o com mais uma notícia indesejável. O velho detetive levantou-se quando Nick apareceu, com um ar cansaço, e disse:

— Talcott está na sala de Walker.

— Isso é ótimo.

— Ainda observando, eu acho. Não observou o suficiente esta manhã.

— O cara é um idiota observador.

— Como foi a coisa com a nossa boa doutora?

— Ela sente saudade de mim.

Gus abriu a porta da sala de Walker.

— Puxa, quando *ela* trepa, é pela vida inteira.

A multidão na sala do chefe da Homicídios era apenas um pouco menor do que o monte de policiais naquela manhã no quarto de Johnny Boz.

Harrigan e Andrews funcionavam como apoio e haviam passado o dia ao telefone, obtendo informações sobre Boz, seus negócios, amigos e inimigos.

Também haviam recolhido os dados sobre o local do crime e esperavam por Moran e Curran para relatarem tudo o que fora descoberto.

Walker parecia bastante tenso, irritado de esperar pelos dois detetives.

Mas como fora ele quem insistira que Curran comparecesse de qualquer maneira à sessão com Garner, não podia se queixar se Nick chegara um 21

pouco atrasado. Talcott não perdera nem um pouco da calma controlada que exibira às oito horas daquela manhã.

Nick e Gus mal haviam passado pela porta quando Walker se levantou.

— Muito bem, vamos começar.

Como se fosse ligado de repente, Harrigan desatou a ler suas anotações.

— Dezesseis golpes no peito e pescoço. Não há impressões digitais aproveitáveis, nenhuma porta ou janela foi arrombada, nada desapareceu.

— Em outras palavras – disse Moran, arriando numa cadeira –, nada de nada.

— Deixe o homem acabar – protestou Curran.

Ele estava servindo duas xícaras de café do bule que ficava numa mesa perto da janela. Despejou creme sem gordura e açúcar numa xícara em grande quantidade como Gus gostava.

— Agradeço sua cooperação, Nick – disse Harrigan, sarcástico. –

Com toda sinceridade.

Ele não passara o dia inteiro trabalhando no caso para ser tratado de forma condescendente pelos dois companheiros.

— Não há de quê – respondeu Nick

Ele pôs a xícara de café na frente de Gus e tomou um gole da sua.

— Não havia impressões digitais no furador de gelo – disse Andrews, pegando a deixa de seu parceiro. – É uma PDM...

— PDM? – indagou Talcott.

— Prova de merda – explicou Gus. Uma pausa e ele acrescentou, como um pensamento posterior: – Capitão.

— Pode-se comprar um furador daquele tipo em mil lojas... é

bastante comum. Poderíamos pôr quinhentos homens para investigar essa pista, mas nunca descobriríamos sua origem.

— E a echarpe? – perguntou Curran.

— Cara. Hermes... seiscentos dólares. – Harrigan balançou a cabeça, espantado.
– Seiscentos dólares por uma echarpe. Quem tem tanta grana?

— Os ricos – respondeu Gus.

— Sei disso, mas seiscentos dólares... por uma *echarpe*?

— Harrigan! – interveio Walker, num tom que dizia “vamos logo com isso”.

— Verifiquei com a Hermes... há uma na Union Square... eles vendem oito ou dez por semana, aqui na cidade. Há duas lojas em Marin que também as vendem, e outra Hermes em San Rafael, de onde saem mais oito ou dez. No total, a Hermes diz que vendem vinte mil por ano, no mundo inteiro. O que dá doze milhões de dólares por ano só em *echarpes*.

Porra!

22

— Podemos nos concentrar nas vendas na área da baía – declarou Walker. – Não é impossível. Mas se ela comprou em outro lugar, em Hong Kong ou Paris, por exemplo, então não temos a menor possibilidade de descobrir qualquer coisa.

— Ela? – indagou Moran. – Como sabe que foi uma ela?

— Alguma prova de que ele estava tendo sexo com um homem?

Walker dirigiu a pergunta a Andrews e Harrigan. Os dois sacudiram a cabeça.

— Não.

— Foi uma ela, Gus.

— Isso mesmo – acrescentou Andrews – Não há nada na biografia de Boz que sugira algum interesse por homens.

— Nada de meninos para Boz – comentou Gus.

— Falem-nos sobre ele – pediu Curran.

— O pó era mesmo cocaína, Nick..

Curran e Talcott trocaram um olhar, como espadas se cruzando.

— ...da melhor qualidade, alto conteúdo. Aquela merda era muito mais pura do que qualquer coisa que o pessoal da Entorpecentes tem encontrado nas ruas ultimamente. A maior parte tem um conteúdo mínimo, para o *crack*. Esta é coca da melhor qualidade, típica da alta classe da era Reagan.

— Algumas pessoas são muito antiquadas – interveio Moran. – Não gostam das coisas em moda.

Todos os policiais — Walker também, mas não Talcott — tiveram de rir. A

última coisa em moda feita por Gus Moran fora a compra de um traje informal, e isso acontecera em 1974. Ele ainda o usava, de vez em quando, para grande embaraço de todos.

— Ele inalou a cocaína – continuou Andrews. – Havia resíduos em seus lábios e pênis...

— Ele inalou do próprio pau? – perguntou Moran.

Andrews sorriu.

— Ora, Gus, deixe-me acabar. Boz deixa cerca de cinco milhões de dólares, não tem herdeiros, nenhuma ficha criminal, exceto uma queixa contra ele e sua banda por depredarem um hotel, em 1969. Ele pagou uma multa, pagou os prejuízos e se livrou.

— Sabemos que ele gostava de sua coca – continuou Harrigan. –

Gostava de suas garotas, gostava de seu *rock*.

Nick Curran tomou um gole de café.

— Gostava também do prefeito?

Talcott lançou-lhe um dos seus olhares de aço patenteados.

— Muito bem – disse Walker. – O que temos sobre as mulheres?

23

— Havia algumas com quem saía, todas elas da sua turma do clube.

A namorada firme, sua mulher, a trepada principal... essa era Catherine Tramell.

Talcott se empertigou.

— Ela é relevante neste caso? É uma suspeita?

— O que acha, Nick? – indagou Walker.

Curran deu de ombros, tomou outro gole de café.

— Gus?

— Tenho de concordar com a avaliação de meu colega sobre a culpabilidade da

Sra. Tramell.

— Neste caso, deixem-me dar minha opinião – declarou Walker. –

Ela é uma suspeita.

Todos ficaram surpresos, mas Talcott pulou, como se tivesse acabado de receber um choque elétrico.

— Com que base diz isso?

Walker tinha suas próprias anotações.

— Catherine Tramell. Trinta anos de idade. Sem antecedentes, sem condenações. Formou-se com distinção em Berkeley, em 1983. Dois cursos: literatura e psicologia. Filha de Marvin e Elaine Tramell.

— Isso não passa de coisa de *Quem É Quem* – disse Talcott.

— E por que ela estaria no *Quem É Quem*? – indagou Curran, com um ar inocente. – É uma intelectual esperta. Afinal, foi para Berkeley...

uma boa universidade estatal. Ao contrário daqueles elitistas de Palo Alto.

Num gesto involuntário, Talcott tentou esconder o anel de Stanford em sua mão direita.

— O que não a torna uma mulher do povo, Nick – protestou Walker.

— Sei disso, pois já a conheci.

— Por acaso ela mencionou que é órfã?

— Ah, mas que coisa triste! – exclamou Gus. – Vamos todos chorar por isso. É triste demais.

Walker tornou a consultar suas anotações.

— Catherine Tramell. Única sobrevivente de Marvin e Elaine Tramell, que morreram num acidente de barco em 1979. A pequena Catherine, com dezoito anos de idade na ocasião, era a única herdeira... de cento e dez milhões de dólares.

— Porra! – murmurou Harrigan.

A cifra pareceu pairar na sala por um momento. Nick balançou a cabeça, como se quisesse desanuviá-la.

— Está brincando? Ela vale mesmo tanto assim?

— Cento e dez milhões – repetiu Walker.

— Para aqueles de vocês que não gostavam de fazer o dever de casa

– disse Gus –, isso é um onze seguido por sete zeros.

24

— Não posso entender por que a fortuna pessoal da Sra. Tramell a transforma numa suspeita de homicídio.

— Espere um instante. Vai ficar melhor. Ela não é casada...

— Estou disponível – declarou Gus. – Sabem, havia alguma coisa naquela garota... me deu vontade de cuidar dela. Juro.

— ...mas já estive noiva, uma vez, de um certo Manuel Vasquez.

— Seu jardineiro? – sugeriu Harrigan.

— Manuel Vasquez? – repetiu Nick – Esperem um pouco... por acaso estamos falando de *Manny Vasquez*?

— O próprio – respondeu Walker.

— Estão querendo me gozar – disse Andrews.

— Impossível – acrescentou Harrigan, enfático.

— Quem? Quem? – indagou Talcott, em tom de urgência.

— Não pode ser – protestou Moran.

— Eles até solicitaram uma licença de casamento, no aprazível estado de Nova Jersey.

— Quem? Quem?

Talcott remexia-se em sua cadeira como alguém que perdera o arremate de uma piada que fizera todos os outros se desmancharem em gargalhadas.

Harrigan livrou-o de sua angústia:

— Manny Vasquez, Capitão, deve estar lembrado. O pugilista. Peso médio. Era um lutador ágil, com movimentos rápidos, uma direita espetacular...

— Queixo de vidro – disse Nick

— Não me lembro.

Talcott parecia perplexo.

— Lembra sim, Capitão. Manny Vasquez morreu numa luta, em pleno ringue. O que causou a maior confusão... onde foi mesmo?

— Atlantic City, Nova Jersey – informou Walker. – Setembro de 1984.

— Estou adorando – comentou Nick – Ela tem cem milhões de dólares. Fode com pugilistas e astros do *rock*. E tem um diploma para entortar a cabeça das pessoas.

— Mas nada disso a converte numa candidata ao assassinato de Johnny Boz – protestou Talcott. – Não há nada aqui para sugerir, por um instante sequer, que ela tivesse algum motivo para querê-lo morto. A vida particular de uma pessoa é só da sua conta.

— Especialmente em San Francisco – comentou Gus Moran, sem se dirigir a ninguém em particular.

— Ainda não acabei – anunciou Walker.

— Deixe-me adivinhar o resto – interveio Nick – Ela já foi acrobata de circo? Não? Então era um homem? Fez uma operação de mudança de sexo, certo?

25

— Esqueceu o diploma em literatura, Nick Ela é escritora...

— Uma chatice – sugeriu Moran.

— Nem tanto. Ela publicou um romance no ano passado, sob um pseudônimo. Querem saber sobre o que era?

— Espere um instante – disse Nick – Aposto que isso sou capaz de adivinhar.

— Duvido muito – respondeu Walker.

— Então ela publicou um romance – interveio Talcott outra vez –

Não há crime nenhum nisso.

— Não estou dizendo que há, só que a história é... um tanto esquisita, digamos assim. – Walker fez uma pausa dramática. – É sobre um astro do *rock* aposentado que é assassinado por sua namorada.

Os risos cessaram.

— Acho melhor eu passar algum tempo com esse livro – murmurou Nick.

Tarde daquela noite, Nick estava sentado sozinho em seu apartamento, absorvido em sua leitura da hora de dormir — *Amor Perigoso*, de Catherine Woolf. Nick já dera uma olhada na segunda orelha. Havia uma foto da autora e informações biográficas em duas linhas: Catherine Woolf vive na Califórnia Setentrional, onde trabalha em seu terceiro romance. Agora, enquanto devorava página após página, ele parou de ler subitamente e pegou o telefone. Ligou para a casa de Gus. E antes que o parceiro tivesse tempo de se queixar da hora, Nick foi logo dizendo:

— Página sessenta e sete, Gus. Sabe como ela liquida o namorado?

Com um furador de gelo, na cama, as mãos dele amarradas por uma echarpe branca de seda.

Nick desligou o telefone, em meio a um silêncio aturdido.

26

Capítulo Quatro

NA MANHÃ SEGUINTE, todos os participantes da reunião na sala de Walker receberam um exemplar de *Amor Perigoso*, de Catherine Woolf.

Nick lera o livro na noite anterior e não sabia direito o que pensar a respeito.

Não conhecia nem se importava com literatura. Mal lia qualquer coisa além dos relatórios policiais e do *San Francisco Chronicle*, mas foi capaz de perceber a força do texto e a precisão enervante da sequência do assassinato. Uma dúzia de vezes, enquanto lia através da noite, voltara à

página de *copyright* do livro. Ali, preto no branco, estava a verdade indubitável: o livro fora publicado um ano e meio antes do assassinato de Johnny Boz. A vida —

ou, mais precisamente, a morte — imitando a arte.

Toda a equipe se encontrou na sala de reuniões, inclusive Talcott. Lá

estavam também Beth Garner e um homem mais velho, o Dr. Lamott. Ele não pertencia à polícia, e os policiais na sala o fitaram cautelosos, como fariam com qualquer pessoa de fora. Beth Garner fez a apresentação:

— O Dr. Lamott ensina a patologia do comportamento psicopático em Stanford. Achei que seria melhor convidá-lo a servir como consultor do departamento nesse caso. Não é a minha área básica de conhecimento.

— Dr. Lamott — disse Talcott, como se já estivesse preparando uma argumentação contra o especialista —, será que se importaria se eu lhe fizesse uma pergunta?

— É para isso que estou aqui, Capitão.

— Tem alguma experiência prática de trabalho legal?

Todos os policiais na sala pensaram a mesma coisa: como se *você*

tivesse. Walker olhou de um rosto para outro, torcendo para que ninguém dissesse isso expressamente.

— Sou membro da Junta de Perfil Psicológico do Departamento de Justiça — respondeu o Dr. Lamott.

— Creio que é suficiente — murmurou Talcott.

Primeiro ponto a favor do analista, pensou Nick. Walker assumiu o comando da reunião:

— A Dra. Garner já deve ter lhe fornecido os elementos básicos do caso. Estamos todos interessados em ouvir o que pode dizer a respeito.

— É muito simples — disse Lamott, como se fizesse uma preleção para um grupo de estudantes de pós-graduação. — Há duas possibilidades em ação aqui. Primeira: a pessoa que escreveu o livro é a assassina e reproduziu o crime descrito em detalhes literais, ritualistas.

— A classe social, riqueza, proeminência ou educação da autora teriam alguma relação com isso? — indagou Talcott.

Lamott sorriu.

27

— A loucura prevalece sobre as condições de classe, Capitão.

— E qual é a segunda possibilidade, doutor? – perguntou Walker.

— Também muito simples... e sem qualquer base na classe social...

alguma pessoa foi profundamente afetada pela leitura do livro e desejou reproduzir os eventos descritos. Isso poderia derivar de um desejo inato, ou talvez de um desejo subconsciente, de prejudicar a autora do livro.

— E o que me diz da vítima? – perguntou Moran. – O morto?

— Ele não passou de um meio para atingir um fim. Se a vítima tencionada era a autora do livro, então a pessoa culpada reproduziu o crime como está descrito no livro para incriminá-la. Talvez para expô-la à

humilhação pública.

— E se a autora foi a culpada? – Nick observava o doutor atentamente, como se não chegasse a confiar nele. – O que temos se a autora reconstituiu sua própria criação?

A pergunta não pareceu surpreender Lamott.

— Em qualquer caso, estamos lidando com uma personalidade profundamente distorcida. É difícil determinar graus de maldade em distúrbios psicopáticos, mas em termos leigos um assassinato copiado é um pouco mais fácil de compreender.

— Mas a escritora – insistiu Nick – E se foi ela?

O doutor não se alterou.

— Neste caso, estão lidando com uma mente insidiosa e diabólica. O livro deve ter sido escrito meses antes de ser publicado, talvez anos. O crime foi cometido no papel muito antes do evento concreto.

— Mas se o crime já foi cometido, por que se dar ao trabalho de reproduzi-lo na vida real? – indagou Nick Curran.

— Normalmente, isso seria suficiente... mais do que suficiente. A fantasia, mesmo a cometida no papel e publicada, em geral basta como realidade. *Normalmente*. Mas não há nada de normal neste caso. O próprio crime, ou os aspectos copiados do crime.

— Dá para perceber – murmurou Andrews.

— O crime foi planejado pela escritora muitos meses antes, e depois ela o executou. Isso indica um fato incontestável: comportamento psicopático obsessivo em termos não apenas da própria morte, mas também em termos de mecanismo aplicado de defesa antecipada.

Só Beth Garner pareceu entender isso. Os cinco policiais fitavam impassíveis o eminente psiquiatra. Gus Moran não se importava de parecer um tira estúpido.

— Às vezes não consigo distinguir alhos de bugalhos, Doc – comentou ele, sorrindo. – Pode explicar o que acabou de dizer?

— Ela projetou seu livro como um álibi – esclareceu Beth Garner. –

Estou correta, Dr. Lamott?

— É isso mesmo.

28

— Ela escreveu seu álibi – disse Gus. – Planejou toda essa merda com muita antecedência e depois decidiu um dia: “É hoje que vou liquidar Johnny Boz”. Assim, de repente.

— O mecanismo de disparo do comportamento psicopático ainda precisa de muita pesquisa – ressaltou o Dr. Lamott.

— É de fato muito hábil – comentou Beth Garner, quase com admiração. – Ela vai dizer: “Acham que eu seria bastante estúpida para matar alguém da maneira exata como descrevi em meu livro? Não faria isso, porque saberia que me tornaria uma suspeita.”

— É mesmo? – Nick estava considerando todas as possibilidades. –

E se não foi a escritora? E se foi alguém que por acaso leu o livro e achou que era uma grande ideia?

— Neste caso, não os invejo – comentou o Dr. Lamott.

— Deixando de lado o fato de que ninguém, absolutamente ninguém, nos inveja, Dr. Lamott – disse Curran, secamente –, pode explicar por que pensa assim?

— Porque estão lidando com uma pessoa tão obcecada que ele ou ela...

— Ela – interveio Harrigan. – Creio que esse fato já foi determinado além de qualquer dúvida.

— Está certo – concordou Lamott –, *ela* se encontra tão obcecada que se mostra disposta a matar uma vítima inocente... ou pelo menos irrelevante... a fim de atribuir a culpa à pessoa que escreveu o livro.

— Mas por quê?

— Não temos a menor ideia. Mas sabemos que estão lidando com uma pessoa que sente um ódio obsessivo e arraigado da autora e com uma total falta de respeito pela vida humana.

Gus Moran acenou com a cabeça.

— Entendido, Doc. O que está querendo dizer é que temos um caso supremo de gente pirada, desses que só acontecem uma vez na vida, certo?

Qualquer que seja o lado para onde se vire, é essa a conclusão, certo?

O Dr. Lamott não era capaz de se entregar por completo ao vernáculo, ainda mais do tipo enunciado por Gus Moran.

— Digamos apenas que estão lidando com uma pessoa muito perigosa e muito doente.

— Uma pirada – disse Gus. – Completamente pirada.

— Se deve expressar assim, é isso mesmo – confirmou o Dr. Lamott.

— Não há outro jeito, Doc. Uma pirada.

— E qual é a novidade? – indagou Nick Curran, pensando naqueles olhos.

— Muito bem – interveio Walker. – Dr. Lamott, gostaria de agradecer sua ajuda, em nome do departamento.

— Foi um prazer, Tenente.

— Nick, Gus, vamos falar com o promotor.

John Corelli, promotor distrital assistente, com excesso de peso e carregando um excesso de banha, o olhar perene de angústia inerente a seu trabalho ingrato, não ficou feliz ao ver Walker e seus detetives da Homicídios. O assassinato de Johnny Boz, com todos os seus detalhes macabros, fora destaque nos jornais e emissoras de TV. As redes nacionais de TV e os grandes jornais de Nova York e Los Angeles estavam cobrindo o crime. Não havia nada como um bom assassinato para aumentar a tiragem dos jornais e os índices de audiência. E não havia nada como um bom assassinato para fazer a reputação de um promotor... mas apenas se pudesse levar um réu plausível ao júri e obtivesse uma condenação acima e além de qualquer dúvida.

Só que essa não era uma descrição apropriada para a adorável Catherine Tramell. A prisão de uma linda herdeira seria uma matéria quente para os meios de comunicação, mas as coisas também se tornariam mais quentes para Corelli... e ele não queria se queimar, não num caso assim.

Apressou-se em descartar qualquer sugestão de levar Tramell a um grande júri.

— Não há qualquer prova concreta no caso – declarou ele, às pressas, em um corredor do prédio da justiça de San Francisco. – Vamos encarar os fatos, ainda não temos um caso.

Gus Moran quase agarrou Corelli para fazê-lo parar.

— Ela não tem um álibi, John – argumentou Gus, à beira da súplica.

— Muito bem, ela não tem um álibi. Grande coisa. Não podem situá-la no local do crime. Deem-me um fio de cabelo. Deem-me um pinga de sangue. Deem-me uma amostra de fluido vaginal. Qualquer coisa... e depois talvez possamos conversar. E não quero nem comentar o fato de que ela não tem nenhum motivo.

— Emoção – disse Nick – Ela fez isso pela emoção.

Corelli fitou-o, balançou a cabeça, como se estivesse com pena de Curran.

— Nick, encontre outra coisa, por favor.

— Se não foi ela, então quem foi? – indagou Walker.

— Felizmente, isso não é problema meu – declarou Corelli. – E

falando como um advogado, deixe-me dizer que não deve ser seu problema

também, Walker. Precisa ter a causa provável de que foi ela, não a causa provável que inocenta todas as outras pessoas na cidade de San Francisco.

Só porque não foi uma delas, isso não significa que foi *ela*. Entendido?

— Então que porra vamos fazer, John? – insistiu Nick

— Não sei. E não me importo. – Ele se desvencilhou e foi até o elevador, apertando o botão para descer como se quisesse matá-lo. – Podem 30

estar certos de que eu não conseguiria um indiciamento. E, mesmo que conseguisse, a defesa me arrasaria com a história do crime copiado.

Qualquer pessoa que leu o livro poderia tê-lo cometido.

— Podemos detê-la? – perguntou Walker.

As portas do elevador se abriram e Corelli entrou.

— Se quer pôr seu rabo numa tipóia, nas palavras de Conrad Hilton, o problema é seu.

As portas do elevador começaram a se fechar, mas Nick estendeu a mão, detendo-as. Todos os policiais embarcaram no pequeno elevador.

— Conrad Hilton – murmurou Gus Moran. – Gostei. Talvez possa usar em outra ocasião.

— Estou a caminho do tribunal – suplicou o promotor assistente. –

Vamos logo, pessoal.

— O que devemos fazer neste caso, Corelli? – indagou Nick –

Deixe-me adivinhar... Vai sugerir que não façamos nada. Certo?

— Isso é ótimo, para começar. E depois de não fazerem nada em relação a Catherine Tramell, não façam nada de novo, pelo menos umas dez ou doze vezes.

— Poderíamos detê-la para interrogatório – sugeriu Walker. – Isso não nos causaria problemas, certo?

— Errado – respondeu Corelli.

— Catherine Tramell tem dinheiro suficiente para liquidar todo o departamento – advertiu Talcott.

— Ela foi a última pessoa vista em companhia de Johnny Boz. Não é suficiente para um interrogatório de rotina?

— Se ela fosse alguma vagabunda da Market Street, Nick, eu diria para ir em frente. Quem se importa? Mas acontece que ela é a porra de uma herdeira.

— Assumirei a responsabilidade – declarou Walker.

Todos olharam para Talcott.

— Faça isso, Walker. A responsabilidade é toda sua, se é o que quer.

— PSR – murmurou Gus Moran. – Caso não saibam o que significa, é “Proteja Seu Rabo”.

— Não quero, Capitão Talcott, mas vou assumir – disse Walker.

— O problema é seu – declarou Talcott, bruscamente.

O elevador chegou ao térreo, as portas se abriram e eles saíram para o saguão. Corelli seguiu na frente, balançando a cabeça. Parecia muito infeliz.

— Não vai adiantar. Ela aparecerá com algum advogado famoso, que acabará encanando a todos nós por desperdiçar o dinheiro dos honestos contribuintes de San Francisco. – Ele parou, espetou um dedo para Walker.

— E o fato de você assumir a responsabilidade, Tenente, não vai contar porra nenhuma. Ela vai nos queimar.

31

— É exatamente o que ela fará – concordou Talcott.

— Não vai, não – murmurou Nick

Todos pararam e olharam para ele. Nick falara com tanta autoridade e veemência que parecia saber de alguma coisa que os outros ignoravam, como se tivesse algum conhecimento do pensamento de Catherine Tramell.

— Não vai? – repetiu Corelli. – O que o faz ter tanta certeza disso?

Nick sorriu seu sorriso insinuante.

— Não creio que ela vá se esconder por trás de alguém. Na verdade, sou capaz de apostar que ela não vai absolutamente se esconder.

— Mas como pode saber? – insistiu Corelli. – Não é um erro que qualquer um de nós possa se dar ao luxo de cometer... muito menos você, Curran.

— Já disse que assumirei a responsabilidade – garantiu Walker.

— Mas com base em algum pressentimento de Curran?

Corelli não podia acreditar que um tenente da polícia, competente e responsável como Walker, pudesse sequer considerar a possibilidade de fazer algo tão absurdo.

— Ela não vai se esconder – persistiu Curran. – Não é o seu estilo.

Catherine Tramell obtém suas crises de correr riscos.

Talcott sacudiu a cabeça.

— Neste caso, ela é tão maluca quanto você, Curran.

— Ei, Capitão – interveio Gus Moran –, conhece o ditado: é preciso um maluco para conhecer outro.

32

Capítulo Cinco

NICK CURRAN NÃO admitiria nem para Gus, nem para si mesmo, mas estava ansioso em se encontrar novamente com Catherine Tramell.

Nas vinte e quatro horas desde o primeiro encontro pensara nela quase que o tempo todo. Sentia-se atraído por algo mais que sua beleza. Havia naquela mulher alguma coisa que o fascinava. Deixou que a mente vagueasse por todas as palavras que haviam trocado durante a breve entrevista no dia anterior. A leitura de seu livro, *Amor Perigoso*, lhe proporcionara uma janela para a psique de Catherine. Na viagem de volta a Stinson, ele se descobriu a desfrutar as perspectivas do encontro iminente, a imaginar como ela reagiria, agora que a autoridade decidira que era uma suspeita numa investigação de homicídio.

A moça rica mimada brincando com fogo não era um tipo desconhecido dos

detetives de homicídios. Mas, em geral, quando a situação começava a esquentar, as moças ricas corriam para a proteção de suas famílias. Mas Nick sabia, por intuição, que Catherine Tramell não jogaria assim, pelo menos por enquanto. Estava ansioso em verificar até

que ponto ela podia ser pressionada... e como pressionaria em reação.

Catherine não pareceu surpresa ao vê-los. Na verdade, por uma fração de segundo, a expressão em seu rosto deixou transparecer um toque de prazer, como se estivesse emocionada por eles voltarem a bater em sua porta.

Vestia-se de maneira informal, um *short* e uma blusa de malha, com o logotipo de Cal-Berkeley no peito, em letras desbotadas. Não usava maquiagem e a pele parecia irradiar um viço intenso. Os olhos estavam claros. Não passara a noite lamentando pelo namorado perdido. Nick foi direto ao ponto:

— Sra. Tramell, gostaríamos que nos acompanhasse à delegacia para responder a algumas perguntas.

Ela fitou-o em silêncio por um longo momento, um sorriso tênue contraindo os lábios.

— Estão me prendendo?

— Se é assim que prefere jogar.

— Só por curiosidade, será o ato completo, os direitos de Miranda, algemas, um telefonema?

— Exatamente como nos filmes, madame – prometeu Gus.

— Isso será necessário? – indagou Nick.

Catherine Tramell ainda hesitou por um instante, como se estivesse prestes a pagar para ver o blefe deles. Depois, no entanto, pareceu mudar de ideia.

33

— Não, creio que não será necessário.

— Então vamos embora – disse Nick – É um longo caminho de volta a San Francisco.

— Hum... posso vestir uma roupa mais apropriada? Só levaria um minuto.

Gus Moran e Nick Curran acenaram com a cabeça.

— Ótimo. — Ela falou sem sorrir. Escancarou a porta e chamou-os: —

Entrem e sentem-se.

Depois, ela desapareceu num quarto ao lado da sala de estar. A casa na praia era um santuário da arte moderna, decorada com criações futuristas em ferro batido preto e cromados reluzentes.

Os móveis e quadros eram bonitos, mas o que atraiu a atenção deles foi o que estava na mesinha de café. Era uma pilha de recortes de jornais amarelados, matérias antigas dos dois grandes diários de San Francisco, o *Chronicle* e o *Examiner*, com títulos que Nick Curran conhecia muito bem.

DETETIVE INOCENTADO NA MORTE DOS TURISTAS,

bradava a manchete do *Examiner*. GRANDE JÚRI DIZ QUE MORTES

FORAM ACIDENTAIS, anunciava o *Chronicle*. Havia recortes também dos dois jornais da contracultura mais conhecidos, o *East Bay Express* e *The Guardian*. Eram artigos longos que declaravam que Nick era inocente, mas apenas porque fora a vítima de um sistema antiquado de costumes, que tornava ilegal a venda e posse de tóxicos.

Nick experimentou a sensação de que levava um direto em cheio no queixo. Podia fazer pouco mais do que ficar olhando para sua própria história angustiante... para seu próprio rosto, para sempre retratado numa carranca, que o fotógrafo do *Examiner* captara na escadaria do tribunal.

Sabia que era inocente, mas o retrato fazia com que parecesse culpado.

— Parece que você arrumou um fã-clube — sussurrou Gus Moran.

— Quanto tempo vai demorar? — gritou Catherine, do quarto.

Nick teve de fazer um grande esforço para manter a voz calma:

— É difícil dizer. Vai depender do que você tem a nos contar.

— Então não levará muito tempo.

Nick descobriu nesse momento que podia vê-la através do espelho de corpo inteiro num canto do quarto. Observou-a através da porta entreaberta,

especulando se era uma coisa inocente ou se ela o provocava deliberadamente. Com a maior naturalidade, ela tirou as roupas e ficou parada no meio do quarto, nua, de costas para ele. Tirou a faixa da cabeça e sacudiu os cabelos compridos, que se espalharam sobre os ombros.

— Você sempre guarda jornais velhos por aqui? – perguntou Nick, sem desviar os olhos do espetáculo no espelho.

Ela tirou um vestido leve do armário e vestiu-o. Não pôs nada por baixo.

— Só guardo quando acho que é uma leitura interessante.

34

Catherine saiu do quarto.

— Estou pronta.

— Sabe de uma coisa? – disse Gus Moran, levantando-se. –

Devemos avisá-la que tem direito a um advogado?

— Por que eu precisaria de um advogado?

— Algumas pessoas se sentem melhor quando têm um advogado ao lado no momento em que são interrogadas pela polícia – explicou Gus. –

Acontece todos os dias.

— Não sou como algumas pessoas, Detetive Moran.

— Já percebi.

Catherine Tramell estava sentada no banco traseiro, por trás de Gus, e ele dava um jeito de lançar-lhe um olhar furtivo, a intervalos de poucos quilômetros.

Já haviam deixado Stinson Beach há algum tempo quando ela finalmente rompeu o silêncio. Inclinou-se para a frente, a fim de falar com Nick

— Tem um cigarro?

— Não fumo.

Ela balançou a cabeça.

— Fuma, sim.

— Parei.

— Meus parabéns.

Catherine recostou-se, vasculhou a bolsa. Um momento depois, pôs um cigarro nos lábios e acendeu-o, soprou a fumaça com satisfação.

— Pensei que estivesse sem cigarros – comentou Nick

— Descobri um maço na bolsa. Quer um?

Ela estendeu o maço.

— Já disse... parei de fumar.

Ela sorriu, o sorriso insinuante.

— Não vai ficar assim muito tempo.

— Obrigado – respondeu Nick, irritado.

Gus olhou para o parceiro, preocupado com a possibilidade de Catherine Tramell desencadear a fúria assustadora de Nick. Tentando desviar a conversa para um terreno mais seguro, Gus perguntou, em tom afável:

— Está trabalhando em outro livro, não é?

— Isso mesmo.

— Deve ser incrível, inventar essas coisas durante todo o tempo.

— É uma experiência de aprendizado.

— Falando sério. O que aprende?

— Escrever ensina a gente como mentir – declarou Catherine, incisiva.

35

Tome cuidado, pensou Gus. Todo o gelo era muito fino em torno daquela mulher. Cada palavra que ela dizia sempre tinha um duplo sentido.

— Como assim? O que está querendo dizer com ensina a mentir?

— Você inventa as coisas, mas devem ser verossímeis – explicou ela, como se estivesse fazendo uma preleção a uma turma de estudantes numa oficina literária em Berkeley. – Há até um nome para isso.

— É mesmo? E qual é?

— É o que se chama de suspensão da incredulidade.

Gus riu.

— Gosto disso. – Ele olhou para o parceiro. – Ouviu, Nick?

“Suspensão da incredulidade”. Eu gostaria de suspender minha incredulidade... em caráter permanente. O que acha, Nick? Também quer suspender a sua incredulidade?

— Vale a pena tentar.

— Não é tão fácil quanto parece – disse Catherine, jogando o cigarro na direção do cinzeiro.

Percorreram mais alguns quilômetros da estrada sinuosa. E desta vez foi Nick quem rompeu o silêncio:

— Sobre o que é seu novo livro?

— Não sabia que nunca se deve perguntar isso a um escritor?

— Por quê? Dá azar ou qualquer coisa assim? Não posso acreditar que seja supersticiosa.

— E não sou. Mas o problema nada tem a ver com superstição.

— Então, por que não? – insistiu Nick – Tem medo de que alguém roube suas ideias?

— Não, também não é isso.

— Então, o que é? – perguntou Gus, entrando na conversa.

— Alguns escritores acham que contar um enredo antes que seja escrito diminui a força do texto. Faz com que se torne cansado e gasto antes que o escritor tenha a oportunidade de dar vida à história.

— Isso é besteira – protestou Nick – Como poderia ser prejudicial?

Pelo que fala, parece uma coisa frágil, que pode ser danificada, quando tudo não passa de uma ideia em sua cabeça.

— Eu não sabia que você era crítico literário – disse Catherine.

— E não sou. Você também não sabia que parei de fumar.

Houve silêncio por mais alguns quilômetros. Depois, ela tornou a falar, abruptamente:

— O livro é sobre um detetive. Que se apaixona pela mulher errada.

— Ouviu isso, Nicky?

— O que acontece com ele?

— Ela o mata – respondeu Catherine Tramell, suavemente.

36

Capítulo Seis

TODAS AS SALAS de interrogatório no prédio da chefatura de polícia de San Francisco, no Palácio da Justiça, na Bryant Street, possuem o mesmo charme do interior de uma geladeira. Aquela em que Corelli, Talcott e Walker esperavam era considerada a melhor de todas... mas ainda assim a decoração era depressivamente institucional. Havia uma mesa fornecida pelo Departamento de Serviços Públicos, algumas cadeiras com assentos estofados em vinil preto e uma cesta de papel. Montada na frente da mesa havia uma câmera de *videotape*, a lente fixada como o cano de uma arma na única cadeira desocupada.

Era esse o lugar em que Catherine Tramell deveria sentar.

Ela entrou na sala, flanqueada por Nick Curran e Gus Moran, avaliou o lugar e os homens ali com um olhar frio. Parecia deslocada. Se o sentia, não deixou transparecer. Curran podia perceber que disfarçar suas emoções era uma segunda natureza para Catherine Tramell.

Corelli levantou-se de um pulo quando ela entrou, estendendo a mão enorme.

— Sou John Corelli, Sra. Tramell, promotor distrital assistente. Devo informá-la de que esta sessão será gravada. Está dentro dos nossos direitos fazer isso...

— Eu nunca disse que não estava – respondeu Catherine.

— Sou o Capitão Talcott.

O capitão dava a impressão de que estava prestes a pedir desculpas, depois mudou de ideia e contentou-se em apertar a mão esguia de Catherine.

— Tenente Walker.

Ele não parecia constrangido e fitou-a com frieza.

— Podemos lhe providenciar alguma coisa? – indagou Talcott, solícito. – Talvez um café?

— Não, obrigada.

Corelli tirou um lenço do bolso e enxugou a testa. As janelas haviam sido fechadas, fazia calor na sala.

— Quando seus advogados vão chegar?

Nick fez o melhor possível para esconder seu sorriso.

— A Sra. Tramell renunciou ao direito de contar com a presença de um advogado.

Corelli e Talcott olharam irritados para Nick Curran. Catherine Tramell percebeu o olhar e fitou cada rosto, indagando:

— Perdi alguma coisa?

37

— Eu tinha dito a eles que você dispensaria a presença de um advogado.

— Por que renunciou a seu direito de contar com a presença de um advogado, Sra. Tramell? – indagou Walker.

Catherine ignorou-o, o olhar fixado em Nick. Era uma expressão que até parecia de admiração. Algo que exibia pela primeira vez.

— Por que achou que eu não ia querer um advogado?

— Eu disse a eles que você não tentaria se esconder – respondeu Nick, na maior calma.

Os dois falavam como se fossem as únicas pessoas na sala.

— Não tenho nada a esconder.

Eles continuaram a se fitar por mais um momento, depois Catherine sentou e olhou para seus inquisidores, como se dissesse: “Podem começar, senhores”. Estava calma, fria, no controle total de si mesma. Tirou um cigarro da bolsa e acendeu-o, largou o fósforo usado em cima da mesa, à sua frente.

— É proibido fumar neste prédio, Sra. Tramell – disse Corelli.

— E o que vai fazer a respeito? – Ela alteou uma sobrancelha. –

Acusar-me de fumar?

Em San Francisco, a capital de proibição do fumo no mundo, havia antitabagistas militantes, que não apenas a processariam por fumar, mas também a condenariam com a maior satisfação e até a mandariam para a cadeira elétrica.

Corelli, no entanto, não estava disposto a insistir no assunto. Bateu em retirada apressado. Catherine soprou a fumaça através da mesa, na direção de Nick Corelli concluiu que era o momento de iniciar o espetáculo.

— Poderia nos dizer qual era a natureza do seu relacionamento com o Sr. Boz, Sra. Tramell?

— Eu fazia sexo com ele há cerca de um ano e meio – respondeu ela, na maior calma. – Gostava de fazer sexo com ele.

Catherine tinha o comando total da sala e olhava de um homem para outro enquanto falava.

Os homens na sala gostavam de pensar que, como representantes da lei, já tinham ouvido tudo, visto tudo, que eram imunes a qualquer choque.

E, na maior parte, era verdade. Já tinham ouvido confissões de assassinos calejados e insensíveis, tarados, homens que espancavam a esposa, matadores profissionais e traficantes de tóxicos. Mas ainda eram policiais.

E os policiais em geral eram da classe média baixa, católicos, conservadores. Ouvir uma mulher linda, rica, bem-criada e instruída falar de sua vida sexual com tanta indiferença era desconcertante.

— Alguma vez teve qualquer atividade sadomasoquista com ele? – perguntou

Corelli.

38

Ela virou-se para o promotor distrital assistente. Ele experimentou a sensação de que um farol o focalizava.

— Em que exatamente está pensando, Sr. Corelli? – perguntou Catherine, com seu ar inocente.

Corelli remexeu-se na cadeira, contrafeito.

— Alguma vez o amarrou?

— Não.

Corelli insistiu:

— Nunca o amarrou?

— Nunca. Johnny gostava demais de usar as mãos. Gosto de mãos...

e de dedos.

Ela abriu as mãos elegantes sobre a mesa suja, contemplou-as satisfeita, como se conjurasse imagens do que suas mãos já tinham feito com Johnny Boz e vice-versa.

— Descreve uma echarpe de seda branca em seu livro – disse Walker.

— Uma echarpe da Hermes.

Catherine Tramell acenou com a cabeça.

— Sempre gostei de echarpes de seda branca. – Ela acariciou os próprios pulsos.

— São boas para todas as ocasiões.

— Mas disse que gostava que os homens usassem suas mãos – interveio Nick, certo de que a apanhara numa pequena mentira... uma pequena mentira, uma pequena vitória.

Ela ofereceu-lhe um sorriso.

— Não. Eu disse que gostava que *Johnny* usasse suas mãos. – Fitou-o nos olhos. – Não imponho nenhuma regra, Nick – Balançou a cabeça, gentilmente. – Nada

de regras. Apenas acompanho o fluxo.

— Matou o Sr. Boz, Sra. Tramell? – perguntou Corelli, em sua melhor voz de juiz.

— Não.

— Tem alguma prova disso?

— Sou obrigada a fornecer alguma prova? Tinha a impressão de que isso era o seu trabalho.

— Você *quer* ser uma suspeita na morte de Johnny Boz? – indagou Walker.

— Não... mas quanto à prova, Tenente Walker, eu teria de ser muito estúpida para escrever um livro sobre um assassinato e depois matá-lo da maneira como descrevi no livro. Estaria me anunciando como a assassina.

E não sou estúpida. Não é mesmo, Nick?

— Sabemos que não é estúpida, Sra. Tramell – declarou Talcott.

— Talvez esteja contando com esse livro para escapar impune – sugeriu Walker.

— Escrever o livro lhe proporciona o álibi – acrescentou Nick.

39

— Não é que é isso mesmo? – Ela sustentou o olhar de Nick por um momento, sempre com seu ar inocente, depois baixou os olhos para a mesa.

— A resposta é não.

Catherine largou o cigarro no chão, esmagou-o com a ponta do sapato, antes de acrescentar:

— Não o matei.

Gus entrou em cena. Recostou-se na cadeira, sorriu, muito afável.

— Usa drogas, Sra. Tramell?

A indagação não a abalou.

— Às vezes.

Entreabriu um pouco as pernas, mostrando ainda mais das coxas deslumbrantes para Nick

— Alguma vez usou drogas junto com Johnny Boz? – indagou Corelli.

Ela deu de ombros.

— Claro.

— Que tipo de drogas? – perguntou Gus.

Nick estava gostando da vista. Ela cruzou as pernas subitamente, interrompendo o espetáculo.

— Cocaína.

Ela fez uma pausa, sorriu para Nick

— Alguma vez já fodeu com cocaína? – A obscenidade não parecia tão grotesca em seus lábios. – Todos vocês deveriam experimentar. É um barato.

— É um crime – murmurou Walker, irritado.

— Você gosta de se meter em jogos, não é? – perguntou Nick – Isso é tudo o que representa para você. Assassinato, jogos. Tudo não passa de um jogo.

— Tenho um diploma em psicologia. Os jogos são naturais. E muito divertidos.

Catherine acendeu outro cigarro, a fumaça azul subiu se enroscando pelo ar, por cima de sua cabeça.

— E o que me diz do boxe? É um jogo. Também achava divertido?

Eles não haviam desviado os olhos de Catherine por um momento sequer. A tensão era cada vez maior.

— O boxe não é relevante para esta investigação – protestou Talcott.

— Curran, você deve se concentrar no assunto em questão.

Foi como se Catherine não tivesse ouvido Talcott. Falou para Nick como se não houvesse mais ninguém na sala:

— O boxe... o boxe era divertido.

— Isso é tudo? Apenas divertido?

— Deixou de ser divertido quando Manny morreu – admitiu ela. –

Não é divertido assistir alguém a quem você ama ser espancado até a morte.

40

— Posso imaginar – comentou Talcott, com um sorriso insinuante.

— Como se sentiu quando lhe contei que Johnny Boz morreria? – perguntou Nick, suavemente.

— Achei que alguém lera meu livro, estava encenando um jogo.

— Pensei que gostava de jogos.

Ela sacudiu a cabeça, devagar.

— Não desse tipo.

Nick pressionou, os olhos cravados nos dela:

— Mas não doeu, não é? Foi o jogo que a preocupou.

— Não, a morte de Johnny não me fez sofrer.

— Porque não o amava?

Ela acenou com a cabeça bruscamente.

— Isso mesmo.

Os olhos um do outro eram mais penetrantes do que nunca, como se tentassem ver o que havia dentro dos respectivos crânios.

— E, no entanto, estava fodendo com ele...

— O amor nada tem a ver com o prazer, Nick. Sempre se pode obter o prazer. Nunca fodeu com ninguém enquanto foi casado, Nick? Além de sua esposa, é claro.

Houve um momento de silêncio, um longo momento. Nick a fitava impassível.

— Como soube que o Detetive Curran já foi casado?

Foi Walker quem fez a pergunta para a qual todos queriam uma resposta. Ela se mostrou *blasé*, descartando a indagação.

— Talvez eu estivesse apenas adivinhando, tenente. Que diferença isso faz? – Catherine deu uma tragada no cigarro. – Quer um cigarro, Nick?

Corelli sacudiu a cabeça.

— Vocês dois já se conheciam ou algo parecido? Porque, se for o caso, Nick terá de se retirar.

Os olhos de Nick não se desviaram do rosto de Catherine.

— Não se preocupe com isso, John. Nunca nos encontramos antes.

Não é mesmo, Sra. Tramell?

— É, sim.

— Como conheceu Johnny Boz?

Walker estava ansioso. Dava para perceber em sua voz a determinação de desarmar a carga elétrica entre Nick Curran e Catherine Tramell.

— Eu queria escrever um livro sobre o assassinato de um astro do *rock* aposentado. Fui até seu clube, conversei com ele. E depois fomos para a cama. – Ela sorriu para Walker jovial. – Foi simples assim.

— Entendo...

— Entende mesmo?

— Não sentia nada por ele. E teve sexo com Boz por seu livro?

41

Nick se perguntou se Boz sabia que não passava de um alvo de pesquisa.

— Foi assim no início. Mas depois...

— Depois o quê?

— Depois, passei a gostar do que ele fazia por mim.

— Não acha que isso é bastante frio, dona? – interveio Gus.

Catherine Tramell sorriu.

— Oh, Deus, quem poderia imaginar que os tiras fossem tão românticos? Sexo sem amor não é um crime previsto nos códigos, não é

mesmo? As pessoas usam as pessoas todos os dias, Gus. Estou surpresa que você fique surpreso.

— Usam e depois descartam. É esse o seu *modus operandi*?

— Sou uma escritora – respondeu ela, friamente. – Uso as pessoas para o que escrevo. E deixo que o mundo cuide de si.

— Tarde demais para Johnny Boz – comentou Gus. – Tarde demais para que ele protegesse seu rabo.

Catherine fitou os policiais e o promotor, um a um.

— Pensam realmente que fui eu, não é mesmo? Não importa que eu nunca seria louca de copiar um assassinato que descrevi, não importa que vocês pensem que sou uma sacana fria e desalmada, e por que alguém assim haveria de cometer um crime tão *passional*. Vocês realmente acham que matei Johnny. – Ela sacudiu a cabeça, espantada. – Creio que terei de provar para vocês.

— E como pretende fazer isso? – perguntou Corelli.

— É muito fácil.

— Como assim? – indagou Nick

— Farei um teste no detector de mentiras.

Seria fácil confundir o cubículo do polígrafo, na chefatura de polícia, com uma câmara de gás. Era pequeno, sem janelas, com uma única cadeira ao lado do aparelho, que parecia um pouco ameaçador. Havia uma lente de um monitor de vídeo oculta na parede do cubículo, transmitindo a imagem de Catherine Tramell para uma sala de projeção. Ela se achava ligada ao aparelho, de onde saíam fios e sensores para segurar seus braços e peito, como tentáculos.

Embora a câmera estivesse bem oculta na parede, Catherine parecia saber exatamente onde se encontrava. Olhou para a lente, como se tentasse ver além da câmera. Os policiais observaram seu desempenho no polígrafo com a atenção fascinada de quem assiste à estréia de uma peça de teatro.

O examinador do polígrafo, o perito que administrava o teste, também ficou impressionado. Foi para a sala de projeção com as reações de Catherine, balançando a cabeça.

42

— Nenhum bip, nenhuma variação na pressão sanguínea, nenhuma alteração na pulsação, absolutamente nada. Ou ela está dizendo a verdade ou jamais conheci alguém assim.

Talcott parecia aliviado e permitiu-se um pequeno sorriso de vitória, dirigido principalmente a Nick. Mas guardou um pouco para Walker e Gus Moran também.

— Então, acho que isso resolve tudo – disse ele.

Nick deu uma olhada na imagem de Catherine no monitor e declarou, categórico:

— Ela está mentindo.

Talcott parou na porta.

— Pelo amor de Deus, Curran!

O técnico do polígrafo foi ainda mais incisivo:

— Esqueça, Nick. Você pode me enganar, pode enganar a si mesmo, mas não pode enganar o aparelho. Uma mulher bonita não vira a cabeça da máquina, entende?

Nick descartou a objeção.

— Pode se enganar o aparelho.

— Se estiver morto, talvez...

— Acredite em mim. É possível.

— E o que o torna um especialista tão de repente?

— Conheço pessoas que já o fizeram.

— Quem, por exemplo?

— Um cara que conheci – respondeu Nick, encaminhando-se para a porta da

sala de projeção.

— Eu gostaria que me apresentasse – disse o técnico.

— Um dia desses.

Talcott procurava fazer um trabalho rápido de reparação da imagem do departamento. Parado com Catherine Tramell num corredor do prédio, pedia desculpas por terem-na trazido, tão pesaroso quanto podia se mostrar.

Catherine não prestava muita atenção. Exibia um sorriso distante, como se fosse uma monarca e Talcott um subalterno insignificante, em algum posto colonial esquecido. No momento em que Walker, Moran e Nick Curran os alcançaram, Talcott dizia:

— Claro que se dependesse de mim...

Parou de falar no mesmo instante. Walker também achava que devia se desculpar.

— Obrigado por ter vindo, Sra. Tramell. Espero que não tenhamos lhe causado uma grande inconveniência.

Catherine sorriu-lhe.

— Eu gostei. Posso pedir uma carona a um de vocês?

Ela olhava para Nick enquanto falava.

43

— Claro – respondeu ele.

— Obrigada.

Talcott, Walker e Gus Moran ficaram observando os dois se afastarem.

— Isso é encrenca procurando um lugar para acontecer – comentou Moran.

— Walker – disse Talcott –, providencie para que essa encrenca não aconteça. Em lugar nenhum. Entendido?

Walker entendeu.

O carro de Nick, um Mustang conversível cinza e marrom de aparência

corriqueira, estava na frente do Palácio da Justiça. Ele partiu, descendo rápido pela Bryant Avenue.

Catherine Tramell bocejou e acomodou-se no banco de couro, espreguiçando o corpo como uma gata. Os cantos dos olhos baixaram um pouco, em fadiga. Nick lançou-lhe um olhar de esguelha.

— Um dia difícil?

Ela sacudiu a cabeça.

— Nem tanto.

— Divertido?

— De certa forma.

— Posso apostar que sim. Vencer aquele aparelho não deve ser fácil, mas aposto que você o encarou como se fosse outro jogo. E todos sabemos o quanto gosta de jogos, não é?

Ela fitou-o por um instante com um olhar sedutor, depois virou o rosto.

— Se eu fosse culpada e quisesse vencer o aparelho, não seria tão difícil assim.

— Não?

— Não. Não seria nada difícil.

— Por que não?

— Porque sou uma mentirosa. Uma mentirosa consumada.

Nick teve a intuição de que naquele momento Catherine Tramell dizia a verdade absoluta.

— Sou uma mentirosa profissional – acrescentou ela. – Passei toda a minha vida aperfeiçoando as mentiras.

— Para quê?

— Para quê? Para os meus livros, é claro.

Um gigantesco caminhão, com dezesseis rodas, passou por eles, o motorista tão indiferente ao tempo inclemente quanto o próprio Nick

Jogou uma cortina de água no pára-brisa do carro. Por um momento, foi como se estivessem numa máquina de lavar carros, todo o pára-brisa coberto pela água lamacenta. Por vários segundos, Nick não pôde ver coisa 44

alguma, mas mesmo assim não aliviou a pressão no acelerador. A situação parecia também não perturbar Catherine Tramell.

— Adoro a chuva – murmurou ela, como se estivesse em sua varanda em Stinson. – E você?

— Não muito.

— Fez um teste no polígrafo depois que atirou naquelas duas pessoas, não é?

— Fiz.

— E derrotou o aparelho, não é? Foi assim que soube que é possível.

— Digamos apenas que eu passei. Uma vitória.

Ela sorriu.

— Somos ambos inocentes, Nick

Ele subiu para Pacific Heights pelo caminho mais longo, através da Broderick. A chuva ainda caía quando parou na frente da casa de Catherine, na Divisadero. O Lotus branco se encontrava estacionado na entrada. Nick encostou no meio-fio e desligou o carro. O único som era o da chuva batendo na capota.

— Você parece saber muita coisa a meu respeito – disse ele.

— E você sabe tudo a meu respeito – respondeu ela, como se os detalhes de sua vida sexual tivessem sido arrancados à força, em vez de oferecidos com a maior despreocupação.

— Não sei de nada que não seja da conta da polícia – declarou Nick, na defensiva.

— É mesmo?

— É, sim.

— É da conta da polícia saber que eu não gosto de usar nenhuma roupa de baixo? Você sabe disso, Nick. *Eles* não sabem.

— Tenho certeza de que o Capitão Talcott gostaria muito de saber. E, no final das contas, todos os caras na chefatura devem tomar conhecimento.

Acrescentarei essa informação à sua ficha.

— Faça isso. — Ela tirou os sapatos, abriu a porta. E acrescentou, como se fosse o final de um encontro amoroso: — Foi divertido. Obrigada pela carona.

Catherine bateu a porta e correu pelas poças e a chuva rebolando.

Sentado ao volante, Nick observou-a, até o momento em que ela abriu a porta da casa e desapareceu no interior.

45

Capítulo Sete

O TEN-FOUR era um bar na Bryant Street a poucos quarteirões do Palácio da Justiça e da chefatura muito frequentado pelo pessoal da polícia de San Francisco. Era um bar da polícia, mas estava em transição, como o próprio Departamento de Polícia. Fora outrora um bar típico de cidade grande — podia-se encontrar seu equivalente em Nova York, Detroit, Chicago, Boston, em qualquer lugar em que a polícia fosse formada por enclaves da segunda e terceira gerações de imigrantes, defensores da lei e da ordem inflexíveis e conservadores. As bebidas mais fortes, servidas num lugar sem nenhum clima, com uma cozinha que era um santuário à fritura e à gordura.

Mas a constituição do Departamento de Polícia de San Francisco estava mudando. Os policiais mais velhos e antiquados se aposentavam e uma nova geração despontava. Assim, o Ten-Four servia agora *margaritas* e cervejas sofisticadas, além da Bud e dos uísques de sempre. Os Looters, os Movie Stars, Chris Isaak — os grandes sucessos do *rock* em San Francisco — tomavam o lugar de Frank Sinatra e Tony Bennett na vitrola automática. Havia até uma samambaia.

E havia policiais. Os velhos tiras, como Gus Moran e outros de sua espécie, e os mais novos, como Nick Curran, usando bons ternos e cortes de cabelo dispendiosos. Walker e Gus Moran sentavam a uma mesa nos fundos, tomando seus drinques e esperando por Nick. Ele não dissera que viria, mas os dois sabiam que acabaria aparecendo, assim como um pombo-correio sempre volta para casa.

Walker abordou-o antes mesmo que Nick tivesse uma oportunidade de passar

pelo balcão.

— Porra, Nick, que história é essa de Nick para cá, Nick para lá?

Quer um cigarro, Nick? Pode me dar uma carona, Nick? Explique, por favor.

— Ela não pediu uma carona a mim expressamente, mas a alguém – protestou Nick, na defensiva.

— Ei, Nick, o de sempre? – perguntou o *bartender*. – Perrier com uma fatia de limão?

— Um Black Jack duplo, só com gelo, Chuckie – respondeu Nick

— O que está fazendo, garoto? – indagou Gus Moran.

— É o meu primeiro drinque em três meses. Isso incomoda?

— Não.

— É uma pena.

— Você já a conhecia, não é mesmo, Nick? – insistiu Walker.

46

— Não, não a conhecia. Nem ela me conhecia. Nunca tinha ouvido falar dela, nunca a tinha visto antes. Gus e eu só falamos com ela ontem.

Certo, Gus?

— Como vou saber?

Chuckie, o *bartender*, pôs um copo com uma dose generosa de *scotch* em cima do balcão, na frente de Nick

— Obrigado, Chuckie. Ponha na conta, está bem?

— Claro, Nick

Ao se encaminharem para a mesa, Curran levou o copo à boca e tomou a metade do *scotch* num gole só. Deixou escapar um suspiro de satisfação, lambeu os lábios. O gosto era bom. Bom demais. Um gosto de perigo.

— Diga de novo, Nick – pediu Walker. – Só para me tranquilizar.

Não conhece Catherine Tramell, a não ser no cumprimento do dever?

— Isso mesmo.

Os olhos de Walker se contraíram em suspeita.

— Tem certeza?

— Absoluta. — Ele tomou outro gole, como se precisasse do uísque para sobreviver pelos próximos minutos de sua vida. — Fale você. E agora?

— Agora o quê? Acabou. Terminou tudo, pelo menos em relação a ela. Fique longe daquela mulher, Nick. Faça esse favor a si mesmo. Faça esse favor a todos nós. Acha que gosto de ter Talcott em cima do meu pé?

Pense bem.

— Vai deixá-la escapar desse jeito?

— O que posso fazer? Ela passou pelo teste do polígrafo com distinção, Nick. Pessoalmente, estou feliz. Chega de Catherine Tramell.

Graças a Deus.

Walker tomou um gole de seu próprio drinque, vodka com água tônica. Parecia precisar, tanto quanto Nick. Sua posição superior não o livrava dos perigos do alcoolismo... muito ao contrário.

— Ela passou no polígrafo. Não passou pelo teste, apenas derrotou o aparelho. Foi por isso que pediu para fazê-lo.

— Como você sabe? — Gus Moran quase berrou para o parceiro. — E, no final das contas, o que há entre você e essa mulher, Nick? Aceite a minha palavra, você está velho demais para ficar louco por uma mulher.

— Ela é apenas outra suspeita — murmurou Curran.

— Essa não! — exclamou Moran. — Não sei se devo rir ou chorar.

— Ela é uma ex-suspeita — corrigiu Walker — que por acaso passou pelo polígrafo. Já chega. Isso é tudo o que ela fez. Fiz da história.

— Talvez não seja tudo o que ela fez.

— Por favor, Nick, por favor — resmungou Walker.

— Ora, Phil, não vai desistir agora, não é? E os pais dela? E as outras coisas que ela publicou? Talvez *todos* os seus livros deem um jeito de se transformar em realidade.

Phil Walker balançou a cabeça bem devagar. Parecia subitamente cansado, esgotado, mais velho do que os seus 45 anos.

— Os pais dela morreram num acidente. E não estou interessado no que mais ela escreveu. Afinal, que porra você é... virou um crítico literário de repente?

— Como eles morreram? – insistiu Nick, como um lutador tentando desgastar o adversário. – Houve alguma investigação?

— Não consigo entendê-lo, Nick – interveio Moran. – E pensava que o conhecia pelo avesso. Está com tesão pelo corpo dela ou com tesão para prendê-la por homicídio? Num momento acho que é pelo corpo, no seguinte fico pensando que você a considera como uma porra de Al Capone, Inimiga Pública Número Um. Ou as duas coisas?

— E agora está dizendo que talvez ela tenha matado os pais – acrescentou Walker. – Deixe-me adivinhar... acha que ela também matou Manny Vasquez, certo?

— Isso mesmo – continuou Moran. – Subiu no ringue e liquidou o filho da puta.

— É possível, Gus, é bem possível – disse Walker. – Talvez ela tenha deixado o cabelo crescer ao melhor estilo afro, aprendeu um gancho de esquerda que podia matar um homem e passou graxa de sapato na cara.

Vamos submetê-la ao polígrafo outra vez e interrogá-la a respeito.

— Vá se foder, Phil – murmurou Nick, calmamente.

— Já que entramos no assunto, Nick, vá se foder você também.

— Estou me sentindo excluído – protestou Moran, com uma cara triste.

— Sua vez já vai chegar. – Nick tomou o resto do uísque e acenou com o copo vazio. – Que tal outro Black Jack duplo, Harry?

— Claro, Nick – respondeu o *bartender*.

— Você não precisa dessa merda, Nick – disse Moran, o rosto franzido em

preocupação.

— Você precisa – protestou Curran. – Phil precisa. Todos os caras aqui precisam.

Harry, o *bartender*, não entregou o novo drinque na mesa de Curran.

Em vez disso, foi um homem de cara rosada, cabelos ralos e um terno que fazia Gus Moran dar a impressão de que acabara de sair das páginas de GQ

quem pôs o copo na frente de Nick. Tinha os olhos um pouco vidrados, pois já bebera bastante, e cambaleou por cima da mesa.

— Aí está, Tiro Certo – balbuciou ele, com um sorriso maldoso. –

Beba tudo. De volta ao Black Jack, hem, Tiro Certo?

Nick aceitou o copo, mas não levantou os olhos para seu algoz.

48

— Estamos discutindo um caso, Marty – disse Walker, a voz controlada e firme.

Marty Nilsen, investigador da Divisão de Assuntos Internos, um homem que não era amigo de Nick Curran, assumiu e exagerou uma expressão de ressentimento.

— Sei disso. Não tenho absolutamente a menor dúvida a respeito.

Juro. Podem continuar a discutir. – Ele empurrou o copo um pouco mais para perto de Nick, provocando-o: – Vamos, beba todo o seu uísque, Tiro Certo.

Gus Moran, sentado ao lado de Nick Curran, pôde sentir o parceiro ficar tenso como uma mola de aço, prestes a saltar contra o corpulento investigador da Assuntos Internos. As mãos de Nick se contraíram em punhos duros. Moran pôs a mão em seu antebraço, pronto a puxar o parceiro de volta, caso ele decidisse atacar. Curran engoliu em seco, mal conseguindo se controlar.

— Estou de folga, Nilsen – disse ele, lutando para reprimir a raiva em sua voz. – Está me entendendo? Estou de folga, discutindo um caso com meu parceiro e meu chefe de divisão. A Assuntos Internos não deve ter problemas com isso. Mas talvez eu deva receber uma licença pelas horas extras. O que acha disso? Será que o pessoal lá de cima concordaria?

— Para mim, Tiro Certo, não é problema nenhum. Mas não trabalhe demais. Isso pode levá-lo à bebida.

Uma rajada de vento frio soprou pelo bar no momento em que Beth Garner abriu a porta e entrou, saindo da rua fustigada pela chuva. Chegou ao Ten-Four bem a tempo de ver Nick perder o controle... ou quase. Ele estava de pé, Walker e Moran tentando puxá-lo de volta.

— Pare de me sacanear, Nilsen – berrou Curran –, ou vou enfiar as porras dos seus dentes pela garganta abaixo!

— Ei, qual é o problema? – Beth Garner, com seus 55 quilos, se interpôs entre os dois policiais. – Vamos esfriar um pouco.

— Não há problema nenhum, Doc – disse Nilsen, com uma risada desdenhosa –, não há problema nenhum agora que a nossa analista está

aqui, bem a tempo de salvar seu paciente predileto.

Ele envolveu Beth Garner num abraço apertado, suado. Ela desvencilhou-se.

— Vá se foder, Marty.

Nilsen estava num porre grande demais, ou excepcionalmente insensível, até mesmo para um homem da Assuntos Internos.

— Divirtam-se, crianças – disse ele, soltando uma gargalhada, para se afastar e, em seguida, cambalear.

Nick, porém, demorou mais a se acalmar. Ficou observando Nilsen atravessar o bar. Seus olhos se cravaram nas costas dele como se fossem pontas de faca.

49

— Ele está pedindo... e eu me encontro no ânimo certo para dar o que ele quer.

Beth empurrou-o de volta à cadeira.

— Claro, é assim que se faz, caia nas mãos dele. Tem razão, Nilsen está pedindo. Mas não morda a isca, Nick. Não lhe dê essa satisfação.

Curran respirou fundo, como se isso fosse apenas suficiente para abafar o fogo de sua raiva. Mas percebeu que precisava de mais e perguntou:

— Quer sair daqui, Beth?

— Quero.

Ela passou o braço pelo dele, um gesto afetuoso, possessivo.

— Ótimo. – Ele virou-se para Walker e Gus Moran, jogou algumas notas na mesa. – Cuide da minha despesa, Gus. E tome um drinque por minha conta.

Nick Curran conduziu Beth Garner para a porta, os dois saíram para as ruas varridas pela chuva. Walker e Moran ficaram observando-os, depois voltaram a se concentrar em seus drinques.

— Eles não formam um lindo casal? – comentou Gus.

— Pensei que já tinham acabado.

— Talvez não esta noite. Talvez esta noite seja uma boa ocasião para recordar os velhos tempos.

— Às vezes tenho a impressão de que Nick começou a sair com ela só para se livrar da Assuntos Internos.

— Nada disso – garantiu Gus. – Ele não é assim. Meu parceiro tem coração.

A raiva que se acumulara em Nick Curran ao longo daquele dia alcançou o ponto de fervura no momento em que entraram no apartamento de Beth. Quando ela começou a acender as luzes, Nick agarrou-a, beijou-a com urgência, faminto, empurrando-a contra a porta. Ele estava incontrolável e rude, uma onda de medo percorreu o corpo de Beth. Tentou repeli-lo e sentiu a determinação implacável de Nick obrigá-la a se submeter.

— Não... por favor, Nick..

A resposta dele foi inarticulada, mas óbvia. Enfiou as mãos sob o vestido e o tecido se abriu, rasgado em fúria. A mão quente de Nick subiu pela coxa fria, alcançou a calcinha, as unhas arranhando o tecido fino. Ele puxou o vestido dos ombros, enfiou as mãos sob o sutiã, segurando os seios.

A voz de Beth estava impregnada de pânico:

— Por favor... não... não...

Nick baixou a boca para seu ombro, soltando um rosnado, mordeu a pele, arrastou-a para o chão.

Ergueu-se por cima dela pelo tempo suficiente para abrir a camisa e baixar a calça, depois penetrou-a, enfurecido. Beth Garner não tinha fantasias secretas de estupro. Não sentia o menor desejo por Nick naquele instante, mas sim uma repulsa nauseante e um ódio intenso.

Ele arremetia, corcoveava, como se a mera força do seu ardor pudesse aliviar a angústia que causava a Beth, como se pudesse de alguma forma obrigá-la a experimentar prazer. Mas o tormento e punição que ele aplicava com seu corpo ultrapassavam em muito qualquer satisfação. Beth só podia esperar que ele acabasse e torcer para que não lhe causasse mais mal do que já infligira.

Nick gozou depressa, o esperma saindo em jatos deixando-o esgotado, mas com um zumbido no cérebro e uma insatisfação indefinida, a fome e a necessidade insaciadas.

Ele rolou para o lado, ficou estendido ao lado de Beth, olhando para o teto. Agora que já acabara, Beth não sentia medo dele, nem ódio, apenas uma patética compaixão. Ela tocou no machucado em seu ombro, sentou, incapaz de olhar para Nick.

Curran estendeu a mão para tocá-la, tranquilizá-la se pudesse, mas ela recusou-se a ser confortada. Repeliu sua mão, estremecendo.

— Beth...

— Como ela é?

Beth Garner era uma psiquiatra e sabia encontrar seu caminho através do terreno rochoso da psique de Nick Curran. Aquilo nada tinha a ver com ela, Beth Garner. Não passava de uma espectadora inocente.

— Quem?

— Catherine Tramell.

— O que a faz pensar que eu saberia como ela é?

— Sei que não sabe como ela é na cama, Nick, caso contrário isto não teria acontecido.

— Beth...

— Estou me referindo ao outro desempenho de Catherine Tramell.

Nick ficou em silêncio por um momento.

— Vocês previram tudo. Ela usou o livro como seu álibi.

Ele sentou e beijou-a no ombro, no ponto em que mordera poucos minutos antes. Beth não se mexeu. Era como beijar o mármore.

— Eu a conheci em Berkeley, Nick

— Como?

— Estudamos juntas algumas matérias. – Ela exibiu um sorriso triste.

– Psicologia. Temos isso em comum... ou será que não tinha lhe ocorrido?

— Não, não me ocorreu. – Beth e Catherine Tramell eram mais ou menos da mesma idade. Ambas tinham estudado psicologia em Berkeley, na mesma ocasião. – Mas deveria.

51

— Você não tem pensado muito a meu respeito, Nick Há muito tempo. E menos ainda nos últimos dias.

— Por que não me disse que a conhecia?

Ela fitou-o nos olhos.

— Estou dizendo agora.

— Demorou um pouco.

— Mas você não demorou nada, Nick Eu teria feito amor com você.

Queria muito... mas não assim. Você nunca foi assim antes. – Ela fitou-o, como se tentasse decifrar seu rosto, na semi-escureidão. – Por quê, Nick?

— *Você é a analista* – murmurou ele, insensível.

Beth levantou-se, ajeitou o vestido rasgado em torno dos ombros nus.

— É verdade, sou a analista, mas você não estava fazendo amor comigo.

— Com quem então eu fazia amor, Dra. Garner?

— Você não fazia *amor*, Nick.

— Preciso de um cigarro.

— Pensei que tinha parado de fumar.

— Voltei.

— Encontrará um maço na gaveta de cima. Na arca do vestibulo. – A voz de Beth Garner era ríspida. – Pode pegá-lo ao sair.

52

Capítulo Oito

OS BARES FECHAM às duas da madrugada em San Francisco, e isso proporcionou a Nick Curran quase três horas para fumar um maço inteiro e tomar a maior parte de uma garrafa de Johnnie Walker Black numa pocilga na Mission. Quando fechou, ele foi para um bar aberto além do horário, ao sul da Market, para mais duas doses. Depois que essa espelunca também fechou, conseguiu de alguma forma chegar em casa e mergulhou num sono de embriaguez por umas poucas horas. Despertou com uma dor de cabeça que dava a impressão de que alguém metera uma âncora em seu cérebro e com a língua áspera, que parecia estofada com uma pele falsa. Podia enfrentar a ressaca — já o fizera antes —, mas o ódio que sentia por si mesmo o sufocava.

Ao chegar à chefatura, encontrou todo o grupo da investigação de Johnny Boz já reunido na sala de Walker há umas duas horas. Ninguém se levantou em cerimônia.

— Você está parecendo bosta de cachorro – comentou Walker.

— Já vi bosta de cachorro com uma aparência melhor – acrescentou Andrews.

— Boz parecia melhor – observou Harrigan.

— Não dê atenção a eles, garoto – disse Gus, com um sorriso insinuante. – Não parece tão mau assim. Apenas dá a impressão de estar com o crânio espremido, isso é tudo.

— Todo mundo aqui é uma porra de um comediante – resmungou Nick.

Ele serviu-se de uma caneca de café fumegante e tomou tudo com a mesma ansiedade com que bebera o *scotch* na noite anterior.

— Temos alguma novidade?

— Dei alguns telefonemas para Berkeley – informou Andrews. –

Houve um assassinato ali, em 1977. Um professor... furador de gelo, na cama, múltiplos ferimentos.

Nick Curran sorriu.

— E nossa garota estava lá na ocasião, não é?

— Os registros da universidade dizem que sim – confirmou Andrews.

— Espere um pouco – disse Nick – 1977? Quantos anos ela tem agora? Trinta? Trinta e um? Em 1977 teria... – Ele fez as contas rapidamente, o que era uma façanha, levando-se em consideração como se sentia naquele momento. – Dezesseis? Dezesete?

— Ou seja, ela era uma porra de uma criança prodígio – interveio Moran.

53

— Gus, sei que essa sua encenação de merda não passa de uma encenação – disse Nick –, mas o resto do pessoal não sabe.

— Estamos dizendo que uma estudante de dezesseis anos espetou até a morte um professor universitário com um furador de gelo? – indagou Walker.

— Estamos falando de Catherine Tramell – ressaltou Nick – Não de uma mera estudante de dezesseis anos. Eu não diria que é impossível.

— Teremos de investigar. – Walker não parecia muito feliz. – Gus, vá a Berkeley, veja o que pode descobrir. Harrigan, verifique o que mais ela publicou. Andrews, providencie o inquérito sobre o acidente dos pais dela. E todos devem mandar cópias de tudo para Beth. Quero o enfoque psicológico deste caso. Entendido?

— E o que eu faço? – perguntou Nick

— Você já está recebendo um enfoque psicológico, garoto – comentou Gus Moran, rindo.

— A primeira coisa que você pode fazer, Nick, é meter a cabeça num balde com

água gelada. E depois, trate de segui-la. Talvez ela nos leve a algum lugar.

Nick não perdeu tempo com água gelada, mas comprou algumas xícaras de café num 7-Eleven e tomou-as enquanto seguia para Stinson Beach. Baixou todas as janelas do carro sem qualquer identificação e deixou o vento açoitar seu rosto. A Golden Gate se encontrava amortalhada pelo nevoeiro, mas o cheiro de maresia na ponte desmanchou as teias de aranha alcoólicas de seu cérebro; já se sentia oitenta e cinco por cento humano quando chegou a Stinson.

O Lotus preto estava estacionado na frente da casa, e ele passou uma longa hora esperando que Catherine saísse e sentasse ao volante.

Ela guiava bem, mas não disparou pela estrada. Nick sorriu para si mesmo — às vezes, nem mesmo Catherine Tramell levava a vida na pista mais rápida. Nick ficou para trás, na Rodovia 1, a uma distância segura, proporcionando a ela uma boa dianteira, apenas a mantendo à vista. Era melhor perdê-la do que permitir que descobrisse que era vigiada.

Um momento depois, no entanto, ele ficou furioso consigo mesmo por sua complacência. Subitamente, Catherine comprimiu o acelerador e o carro potente pareceu saltar para a frente na estrada, como um cavalo de corrida ao qual se mostrava o chicote.

Ela ziguezagueou pelo tráfego, passando de uma faixa para outra, ultrapassando vários carros, pela esquerda e direita, fazendo qualquer coisa para se adiantar na estrada sinuosa. Nick limpou o suor do lábio superior e partiu em seu encaço, exigindo o máximo de seu carro para acompanhá-la.

Os turistas na Rodovia 1, num passeio matutino tranquilo, mal se recuperavam do choque de ver um Lotus ultrapassá-los em alta velocidade, 54

quando um Chevrolet marrom, imundo, passava a toda, fazendo os mesmos tipos de acrobacias na estrada.

Mas a temeridade que Nick já testemunhara não passava de uma abertura para a próxima manobra de Catherine. Ela entrou com o Lotus numa curva cega, desviando-se para a outra pista, como se estivesse sozinha na estrada, bloqueando por completo o lado esquerdo. Nick também saiu para a esquerda, três carros atrás; e de repente ela voltou à

fileira de carros, ocupando seu lugar na pista da direita, uma motorista que respeitava as leis de trânsito... e revelando a Nick um enorme ônibus de excursão da Gray Lines, avançando em sua direção, como uma bala de canhão.

Havia um carro à direita de Nick, um precipício à esquerda. Não havia para onde ir a não ser continuar direto para o ônibus, e ele torceu para encontrar uma brecha no tráfego à direita, antes de virar mais uma estatística de acidente rodoviário. Apertou o acelerador e arrancou mais um pouco de potência do motor já protestando. O ônibus buzinou e continuou a avançar. O carro à direita continuava colado. Ele estava encurralado.

Numa fração de segundo, tomou sua decisão. Pisou no freio e derrapou para a pista da direita — o pára-choque quase entrando na mala do carro à sua frente — desviando-se no último instante do ônibus, que passou a toda, ainda tocando a buzina.

— Merda!

Nick bateu no volante. Era perdê-la ou ser morto. Mas agora podia voltar ao rastro de Catherine Tramell. Embora abalado pelo quase desastre, ele tornou a pisar no acelerador até o fundo e saiu outra vez para a pista da esquerda, disparando atrás dela.

Muito à frente, avistou um carro preto e baixo: era o Lotus pegando a saída para Mill Valley. Nick respirou um pouco mais fácil. Mill Valley era uma cidade pequena, sossegada e rica. A polícia local não permitiria que um Lotus preto brincasse de pega na estrada, não em sua aprazível comunidade.

Alcançou-a nas colinas por cima da cidade, seguiu-a pelas ruas estreitas e sinuosas nas encostas. Catherine parou o carro na frente de uma casa insignificante, quase caindo aos pedaços, pobre, em contradição com as casas sólidas de classe média nos lados, numa rua ensolarada chamada Albion Avenue. Nick anotou o número.

Catherine Tramell desligou a Lotus, encaminhou-se para a casa e já

estava lá dentro quando Nick passou, devagar. Ele estacionou alguns carros além e acomodou-se para a espera.

Depois de uma hora, ele já não aguentava mais a espera. Só para fazer alguma coisa, saiu do carro e contemplou a casa. Nada pôde ver, muito menos pelas janelas. Abriu a caixa de correspondência toda 55

amassada e encontrou um envelope anunciando que o Sr./Sra. Hazel Dobkins (ou o atual ocupante da casa) podia já ter ganhado um milhão de dólares! Também aconselhava o Sr./Sra. Hazel Dobkins a verificar imediatamente seu conteúdo, a fim de obter informações sobre a reivindicação do Valioso Presente Grátis!

O nome nada significava para Nick. Já estava escuro quando Catherine Tramell saiu, em companhia de uma mulher frágil, na casa dos sessenta anos. Nick só podia tentar adivinhar a identidade de Hazel Dobkins: uma pessoa da família, talvez uma tia, ou a avó materna. As aparências enganam, mas Catherine Tramell não parecia o tipo de se dedicar à família.

Ela entrou no Lotus e afastou-se da casa, descendo para o fundo do vale. Não parecia estar com pressa — isto é, não até chegar aos arredores da cidade de Mill Valley.

Aproximou-se de um sinal de trânsito, serena e firme, como uma motorista de ficha imaculada. Havia um carro parado no cruzamento, esperando que o sinal abrisse. Catherine avançou em sua direção, o motor do Lotus rosnando como um gato selvagem.

E de repente ela acelerou, o Lotus saltou, seguindo direto para o espaço impossivelmente estreito entre o carro e o meio-fio. A toda velocidade, Catherine passou pela brecha — apavorando o motorista do outro carro — e virou à direita no cruzamento, no mesmo instante em que o sinal passava para verde.

Nick foi atrás dela, mas uma fração de segundo tarde demais. O

motorista da comunidade suburbana, atordoado pela passagem do Lotus, bloqueou o caminho. Ele pisou no freio, derrapou até parar, os pneus rangendo.

Depois, apontou o carro para Stinson, quase se convencendo de que voltava para lá no cumprimento de um trabalho policial rotineiro. Disse a si mesmo que seguia as ordens de Walker, que por uma vez faria exatamente o que um superior mandara. Por mais que detestasse admiti-la, no entanto, sabia a verdade: tinha de ver Catherine Tramell outra vez.

O Lotus preto se encontrava estacionado na frente da casa, o motor estalando, enquanto esfriava. Nick podia imaginá-la a conduzir o potente carro pela estrada litorânea, como se o Lotus fosse feito de carne e músculo em vez de borracha e aço, pilotando-o como um cavalo de corrida, através de curvas fechadas e retas curtas, acelerando e reduzindo, o motor gemendo em força, enquanto a gasolina era bombeada para os cilindros, como sangue vital.

A noite caía agora, e ele podia ouvir, mas não ver, as ondas quebrando na praia lá embaixo. Uma luz acendeu numa das janelas do segundo andar e Catherine Tramell passou pela frente como um fantasma.

Um momento depois, ela voltou à janela, olhou para fora. Nick se afastou apressado, certo de que fora visto, mas ela olhava para o mar escuro, hipnotizada.

Lânguida, ela começou a desabotoar a blusa, tirou-a, e por uns dois segundos expôs os seios nus, emoldurados pela janela. Depois, puxou a cortina, sua imagem se tornou indistinta no outro lado. Nick Curran continuou a olhar atentamente para a janela, o rugido das ondas nos ouvidos, os olhos arregalados e ansiosos.

Até que a luz se apagou, e ele imaginou-a se estendendo sozinha em sua cama limpa.

Nick estava de volta a San Francisco uma hora depois, e foi se debruçar sobre um terminal de computador, na sala dos detetives, escura e deserta. As mãos voaram sobre o teclado. Ele bateu: Hazel Dobkins, branca, sexo feminino, Albion Avenue, 145, Mill Valley, depois bateu *enter*, e esperou que o enorme cérebro eletrônico desse uma resposta.

Primeiro, o computador verificou os arquivos do Departamento de Polícia de San Francisco e informou NC — a abreviatura de “Nada Consta”.

— Merda! — murmurou Nick

Não estava realmente surpreso. Hazel Dobkins parecia a avó típica, que amava gatos e gostava de fazer bolos. A possibilidade de que tivesse uma multa por estacionamento proibido era mínima, muito menos uma lista de antecedentes criminais. A máquina ficou esperando pelo novo comando de Nick

— Mas que droga! — disse ele, em voz baixa.

Bateu o código do arquivo para crimes cometidos no estado da Califórnia, de Ukiah ao norte até Baja; tornou a introduzir a identidade de Hazel Dobkins, esperou e obteve o que queria. O computador respondeu num instante: Dobkins, Hazel, C.: Nada Consta. Claro que “Nada Consta”

não é a mesma coisa que “Limpa”.

O computador pensou a respeito por mais algum tempo, depois projetou outras informações na tela. Nick experimentou uma pequena carga de excitação ao ler os dados: Dobkins, Hazel, C.: Libertada, San Quentin, 7

de julho de 1965.

— Grande Hazel! – murmurou ele.

Bateu os códigos dos arquivos de registros de prisões anteriores e foi recompensado no mesmo instante: Indiciada 4 artigos, homicídio, julho de 1955 — Julgamento, 10-11 de janeiro de 1956 — CDA — Tribunal Superior de San Francisco.

— Indiciada em quatro artigos – murmurou Nick

Ele pôs o cursor em CDA — Culpada das Acusações — como se quisesse se certificar de que estava mesmo ali.

57

— Não tem coisa melhor para fazer do que vir até aqui e ficar brincando com essa porra dessa máquina? – perguntou uma voz às suas costas.

Curran não desviou os olhos da tela.

— O que está fazendo aqui, vaqueiro?

Gus Moran arriou numa cadeira ao lado de Nick Curran.

— Vim aqui para brincar com essa porra dessa máquina, garoto.

Assim como você. – Ele apertou de leve o ombro do parceiro. – Grandes coisas, hem, Nicky?

Curran conseguiu desviar os olhos da tela.

— O que descobriu em Berkeley, Gus?

— Conheci uma porção de profissionais de polícia e admirei as estudantes. Tem uma porção de garotas bonitas por lá, Nick

— Esqueça, Gus. Elas são espertas demais para você.

— Mas um homem mais velho e experiente sempre poderia lhes ensinar muitas coisas, Nick

— Afinal, o que você descobriu?

— Descobri tudo sobre um certo professor de psicologia falecido.

Noah Goldstein. *Doutor* Noah Goldstein. Morto com múltiplos ferimentos de

objeto perfurante em setembro de 1977. E adivinhe o quê?

— Foi ela quem o matou?

— Não dá para provar, garoto, mas eles se conheciam. O Doutor Noah Goldstein era conselheiro acadêmico da jovem Catherine Tramell.

— Ela foi suspeita?

— Não. Nunca sequer tomaram o depoimento de Catherine Tramell.

Não houve suspeitos. Ninguém tinha coisa alguma contra o Doutor Goldstein. Não houve prisões. Não houve absolutamente nada. O caso continua em aberto... mas sem perspectivas depois de tantos anos. É uma pista fria, parceiro.

— Não se pudermos ligá-lo ao homicídio Boz.

Gus esticou o pescoço e espiou as informações na tela de computador de Nick

— Santo Deus! Hazel Dobkins! E acabei de falar em pista fria... –

Ele fitou Nick com um olhar desolado, balançando a cabeça. – Muito obrigado, garoto. Há anos que eu não pensava na velha Hazel.

— Você a conhece?

Gus soltou um grunhido.

— Se a conheço? Não consegui tirá-la da cabeça por anos. Uma simpática dona-de-casa... com três crianças pequenas... um bom marido, que não tinha nada de pilantra, sem problemas financeiros, sem qualquer precedente de doença mental. Absolutamente nada.

— O que aconteceu?

58

— Um belo dia, a pequena Hazel se levanta e mete na cabeça a ideia de liquidar todo mundo. Todos eles. Usou um...

— Um furador de gelo? – murmurou Nick, esperançoso.

— Calma, garoto. Usou um facão de cozinha. Que ganhou como presente de casamento. Primeiro, matou o marido. Retalhou-o como um peru do Dia de Ação de Graças. Depois liquidou as três crianças. A casa parecia um matadouro

quando ela terminou.

— Oh, Deus! – balbuciou Nick

— Deus não teve nada a ver com isso, Nick. Quando acabou de exterminar a família inteira, Hazel chamou a polícia. Encontraram-na sentada na sala de estar, com o facão no colo. Não houve negativa de autoria, não houve alegação de insanidade, absolutamente nada.

— Mas por que ela fez isso?

Gus Moran deu de ombros.

— Isso foi a coisa mais espantosa, Nick. Ninguém sabe. Os psiquiatras não foram capazes de explicar. E Deus sabe que a própria Hazel também não pôde explicar. Disse simplesmente que não sabia por que matara toda a família.

— Incrível!

— Se você não sabia de nada, por que está sentado aqui voltando ao passado com Hazel?

Nick explicou como seguira Catherine Tramell naquele dia e o envolvimento dela com Hazel Dobkins.

— Porra, que bons amigos ela tem... – murmurou Gus Moran.

59

Capítulo Nove

ELE VOLTOU À CASA na praia no dia seguinte, pouco depois do meio-dia. Catherine Tramell usava um vestido preto, curto e justo. O tecido se amoldava ao corpo como uma segunda pele preta, realçando os cabelos dourados e os olhos azuis.

— Oi – disse ela, simplesmente.

— Estou perturbando?

— Não.

— Pergunta estúpida, eu acho. Nada jamais a perturba, não é?

— Por que não entra?

Catherine escancarou a porta e afastou-se pelo interior da casa. Nick Curran seguiu-a, os olhos nas nádegas firmes mexendo-se por baixo do vestido.

As coisas na sala continuavam como na última vez em que ele estivera ali... só que havia mais recortes na mesa, a história inteira relatada pelos jornais da carreira tumultuada do Detetive Nick Curran do Departamento de Polícia de San Francisco. Ela pegou um dos recortes, deu uma olhada, depois mostrou-o a Nick
DETETIVE MATADOR

ENFRENTA INQUÉRITO DA POLÍCIA, dizia a manchete.

— Estou usando-o como meu detetive.

— *Seu* detetive?

— Meu detetive. Em meu livro. Espero que não se importe. Não se importa, não é?

— Faria alguma diferença se eu me importasse?

Ela sorriu, esquivando-se à pergunta como um pugilista que se desvia de um par de *jabs*.

— Quer tomar um drinque? Eu estava me servindo.

— Não, obrigado.

Catherine acenou com a cabeça para si mesma.

— Tem razão, eu esqueci. Você abandonou todos os seus antigos vícios. Nada de *scotch*, nada de Jack Daniel's. Nem cigarro. — Ela tornou a sorrir, olhando para trás. — Nem sexo?

Ela não esperou por uma resposta. Foi até o bar, onde havia uma porção de garrafas na bancada de mármore e um bloco de gelo numa pia rasa.

— Quero lhe fazer algumas perguntas – anunciou Nick, calmamente.

Havia um furador de gelo na mão de Catherine e ela começou a lascar o bloco.

— Eu também queria lhe fazer algumas perguntas.

— É mesmo?

O gelo rachou e se espatifou enquanto ela continuava a golpeá-lo.

— Perguntas para o meu livro.

— Tem alguma coisa contra cubos de gelo?

— Gosto de contornos irregulares.

Ela trabalhava com afinco no gelo, fragmentando-o todo. Levantava o braço e batia com toda força, várias vezes.

— O que você queria me perguntar? – indagou Nick.

Ela já acabara com o gelo. Largou o furador, pôs um punhado de fragmentos no copo e completou com Jack Daniel's.

— Diga-me, Nick, qual é a sensação de matar alguém?

Ela falou no mesmo tom de voz com que o proprietário de uma casa poderia perguntar a outro: o que você usa para matar a erva-daninha?

— Qual é a sensação? Por que você não me conta?

— Não sei. Mas *você* sabe. Qual é a sensação? De poder? Tristeza?

Náusea? Exultação? Uma mistura das quatro coisas? Ou é algo mais? Algo que não se pode saber até liquidar alguém.

Repulsa — por ela, por seu próprio passado brutal — estampou-se no rosto de Nick.

— Foi um acidente. Eles entraram na linha de fogo. Matar nunca é...

Foi um acidente, isso é tudo.

— Como um acidente assim acontece, Nick? E será que acontece mesmo? Você não estava ansioso para puxar aquele gatilho?

— Foi um acidente – insistiu Nick, veemente. – Era uma operação secreta. Eu fazia uma compra de drogas. Acontece.

— Simplesmente acontece?

— Isso mesmo. Não se planeja coisa alguma. Nenhuma morte desse tipo, numa operação de drogas, é planejada com antecedência. Não é

como...

— Como Johnny?

— Eu ia dizer Professor Goldstein. Noah Goldstein. Conhece o nome?

— É um nome do passado, Nick. Quatorze anos no passado.

— Quer um nome do presente? O que acha do nome Hazel Dobkins?

Sem desviar os olhos do rosto de Nick, ela tomou um gole do uísque.

Sua pele era tão luminosamente branca que ele imaginou por um momento que podia ver o líquido castanho descendo pela garganta.

— Dobkins? Goldstein? Por onde devo começar?

— Comece por Goldstein.

— Noah era meu conselheiro acadêmico no primeiro ano. — Ela sorriu. — Foi daí que provavelmente tirei a ideia para o furador de gelo.

Para o meu livro. Não é engraçado como o subconsciente funciona?

— Hilariante.

61

— Eu deveria ter dito que é peculiar como o subconsciente funciona, não é?

— E Hazel Dobkins? O que tem a dizer a seu respeito?

Ela hesitou por um momento.

— Hazel é minha amiga.

Nick Curran recordou o comentário de Gus na noite anterior: *porra, que bons amigos ela tem.*

— Sua amiga? Sua amiga exterminou a família inteira! Três crianças!

— Ela foi presa, julgada e condenada a uma pena de prisão. Não se meteu em nenhuma encrenca nos últimos trinta e cinco anos. Como dizem, Nick, ela foi reabilitada. Mas aposto que os policiais preferem dizer de outra forma: ela pagou sua dívida com a sociedade.

— Não me importo com um jeito ou com o outro. O que eu quero saber é: por quê? Por que ela é sua amiga? Ou você apenas gosta de colecionar aberrações?

— Ela liquidou a família inteira. Ajudou-me a compreender o impulso homicida.

— Mas *ela* não compreende por que fez isso.

— Está me parecendo que você não aprova minha escolha de amigos, Nick

— E está me parecendo que você poderia ter aprendido muito mais sobre o “impulso homicida” na escola. Deve ter estudado isso em Berkeley.

— Apenas a teoria. – Catherine tomou outro gole do uísque, observou-o por cima do copo. – Mas você, é claro, sabe tudo sobre o impulso homicida, não é? Não a teoria, mas a prática. Sabe tudo a respeito, não é... Tiro Certo?

— Tiro Certo?

— O que aconteceu, Nick? – indagou ela suavemente. – Você foi atraído? Gostou?

— Ninguém jamais gosta. Ninguém em seu juízo perfeito.

— E você? Estava em seu juízo perfeito? Fale-me sobre a coca, Nick

No dia em que atirou naqueles dois turistas... quanta coca tomou naquele dia? Ou na noite anterior? Qual era o seu hábito, Nick? Um quarto de grama? Metade? Ou tomava uma unidade inteira. Um cara duro.

Quanto mais suave se tornava a voz de Catherine, mais mordazes pareciam as palavras.

— Não sei do que você está falando. E duvido que você mesma saiba.

Não passa de uma garota rica se empenhando em jogos. Não disse que gostava de jogos?

Ela estava mais perto de Nick agora. Largou o copo.

— Pode me contar, Nick. Você estava drogado? Tão alto que se sentiu atraído pela ideia de liquidar dois cidadãos comuns? Ou apenas 62

estava nervoso e sua mão tremia demais? *Isso* faria com que fosse um acidente. Um acidente que poderia mandá-lo para a cadeia, que o expulsaria da polícia.

Mas teria sido um acidente. Nada pelo qual você

pudesse se culpar. Um erro. Um acidente.

— Fui absolvido – protestou Nick – Não houve sequer um processo cível. Foi um acidente. Havia drogas envolvidas, mas eu fazia uma compra falsa, não usava. Entendeu?

Ela encostou a mão macia no rosto de Nick, afagou-o como se fosse um gato e disse, ainda mais suave, sedutora:

— Pode me contar tudo, Nick

Ele agarrou a mão dela bruscamente.

— Eu não tomava drogas.

— Tomava, sim. – Catherine se aproximou ainda mais e ele podia sentir sua respiração no rosto, cheirá-la, tão envolvente quanto seu perfume.

– Eles nunca o testaram, não é? Mas a Divisão de Assuntos Internos sabia.

Todo mundo sabia.

— Se eles soubessem de alguma coisa, teriam...

— Sua esposa sabia, não é? – A voz era aveludada. – Sabia o que estava acontecendo. Nicky chegou muito perto da chama. E Nicky gostou, não é?

Nick perdeu o controle. Puxou com força o braço de Catherine, torceu-o para as costas. Ela sentiu a dor se irradiar por todo o braço. Nick puxou-a bruscamente. Ela não parecia intimidada. Os olhos de ambos ardiam, penetravam pelo cérebro um do outro.

— Nicky gostou – sussurrou Catherine Tramell. – E a esposa de Nicky não pôde suportar. Foi por isso que ela se matou.

A temperatura na sala mudou. As ondas rebentavam mais altas. A porta da frente fora aberta e Roxy se encontrava parada ali. Tinha os cabelos presos no alto da cabeça adorável, vestia-se de preto da cabeça aos pés: um blusão preto de motociclista por cima de uma blusa de malha preta; *jeans* preta enfiada em botas pretas. E lançou um olhar negro para Nick

Catherine Tramell desvencilhou-se do detetive.

— Oi, meu bem – disse ela, jovialmente, como uma dona-de-casa recebendo o marido de volta do trabalho.

Ela foi até Roxy, beijou-a de leve nos lábios. Podia ser apenas um estilo de cumprimento chique, o chamado euro-lixo. Podia significar algo mais. Ela passou o braço pelos ombros de Roxy.

— Vocês dois já se conhecem, não é?

Nick não precisava ouvir mais nada. Uma raiva intensa crescia em seu cérebro. Entre as nuvens de assassinato brutal, pecado casual e tremenda atração, uma coisa estava se tornando clara: Catherine Tramell podia ser uma mulher extraordinária, mas não era uma vidente. Não poderia saber tudo o que sabia por pura dedução. Seria preciso mais do que 63

um diploma em psicologia de Berkeley para tornar uma pessoa onisciente.

Nick tinha certeza de que alguém contara uma porção de coisas a seu respeito.

Ele passou por Roxy e Catherine, a fúria ardendo dentro dele, branca e quente como uma explosão de magnésio.

— Já vai embora, Nick? – perguntou Catherine, o rosto adorável a própria imagem da inocência. – Ainda é cedo.

— Deixe-o ir, meu bem – murmurou Roxy.

Nick nada deixou transparecer. Seu rosto estava tão firme e duro quanto uma máscara antiga. Cruzou a porta sem olhar para trás.

— Você vai dar um personagem sensacional, Nick – gritou Catherine, enquanto ele se afastava.

Nick não se importou. Naquele momento, estava mais interessado nos fatos do que na ficção.

64

Capítulo Dez

NICK CURRAN PROVAVELMENTE marcou algum recorde no percurso de Stinson Beach ao centro de San Francisco. Enquanto acelerava pela estrada, um único pensamento ardia em sua mente: fora traído, vendido a Catherine Tramell. Não sabia por quê, mas tinha uma boa ideia de como.

Os policiais usam informantes todos os dias. Na verdade, raro é o caso que não é esclarecido por informações compradas ou extorquidas de um alcaguete. Detetives como Nick controlavam uma dúzia de informantes, alcaguetes no mundo das drogas, na Máfia, nas quadrilhas vietnamitas, jamaicanas e chinesas. A traição fácil de segredos é a base do trabalho da polícia; os criminosos odeiam os alcaguetes, e os policiais também, por mais estranho que pareça. Talvez seja o reconhecimento das semelhanças entre a vida fora da lei e a vida de quem impõe a lei — são como duas irmandades, com seus próprios códigos, credos e tabus — que crie essa pequena área de terreno comum. Apesar de muito dependerem deles, os policiais sentem o maior desprezo pelos alcaguetes. Por isso, era particularmente irritante para Nick pensar que alguém fornecera informações a seu respeito.

Ele saiu furioso do elevador no décimo andar da chefatura de polícia, avançou pelo corredor até a sala de Beth Garner. A secretária parou de datilografar por uma fração de segundo e tentou impedi-lo de entrar na sala de Beth.

— Ela está ao telefone. Já vai recebê-lo, Detetive Curran. Avisarei que está aqui.

— Não precisa se preocupar – rosou Nick – Vou entrar agora.

Ele quase chutou a porta. Estava enfurecido, com raiva suficiente para matar alguém.

Arrancou o fone da mão de Beth Garner e bateu com ele no gancho.

Inclinou-se por cima da mesa, até que o rosto estava quase colado no de Beth. Ela se lembrou do último encontro e encolheu-se, assustada.

— Quem tem acesso ao meu arquivo?

Beth Garner empalideceu.

— Do que está falando, Nick? O que há com você? Qual é o problema?

As palavras de Nick soaram claras e incisivas, impregnadas de hostilidade.

— Quem tem acesso à porra do meu arquivo?

— Nick..

— Não banque a inocente comigo. E não me venha com essa merda de que é confidencial o que se passa entre analista e paciente. Vou perguntar de novo e quero uma resposta: a quem você entregou minha ficha?

Ele não precisava ameaçar. Beth sabia muito bem que Nick era capaz de recorrer à violência.

— A ninguém – murmurou ela, incapaz de fitá-lo nos olhos.

— Estou avisando, Beth.

— É uma ficha psiquiátrica confidencial, Nick. Seria ilegal...

— Essa é a merda que eu disse que não queria ouvir, Beth.

— Mas é verdade!

Ele sacudiu a cabeça.

— Não, não é. De jeito nenhum. Não minta para mim, Beth.

— Nick, eu...

— Foi a Assuntos Internos, não é? – indagou Nick subitamente. –

Procuraram você, contaram alguma história e você mordeu a isca, com anzol e tudo. Certo?

— Nick, eles me disseram que...

— Quem? Quem foram “eles”, Beth?

Ela engoliu em seco.

— Nilsen.

— Isso é tudo o que eu queria saber, Beth.

Nick Curran entrou na Divisão de Assuntos Internos um minuto depois, explodindo como uma granada. Avançou pela fileira de mesas, seguindo direto para Nilsen, com a precisão de um míssil guiado por *laser*.

O gordo detetive estava sentado ali, recostado na cadeira, os olhos fixados na edição vespertina do *Examiner*, levando uma caneca de café aos lábios.

Com um golpe do dorso da mão, Nick arrancou o jornal e a caneca da mão roliça de Nilsen, o café se derramando sobre a mesa atulhada de papéis e o terno amarrotado.

— Por Deus, Curran! – Nilsen saltou da cadeira, o rosto vermelho de raiva. – Mas que porra...

Nick estava em cima dele. Segurou-o pelas lapelas, empurrou-o contra a parede. Curran estava à beira de perder o controle por completo.

— Você entregou minha ficha a ela, seu filho da puta!

Nilsen fitou os olhos de Nick e viu a fúria cega. O medo dominou-o.

— Mas do que está falando? Perdeu a porra...

Nick tornou a imprensar Nilsen com o corpo, a cabeça do investigador da Assuntos Internos bateu na parede. Os outros policiais na 66

sala permaneceram paralisados por um momento, mas agora correram em socorro do companheiro.

— Quanto ela lhe pagou, seu filho da puta escroto?

Um dos investigadores segurou Nick pelo ombro e tentou afastá-lo de Nilsen. Nick empurrou-o para longe, como se ele não tivesse mais força que uma criança. Estendeu a mão para a garganta de Nilsen, apertou com toda força.

— *Quanto ela lhe pagou?*

Nilsen não poderia responder, mesmo que quisesse. A mão forte de Nick fechara sua traqueia, os olhos do investigador começaram a ficar esbugalhados, o rosto foi se tornando vermelho.

— Curran! – gritou um dos homens na sala. – Pelo amor de Deus, você vai matá-lo!

Nick não se importava. Apertou ainda mais. Estava cego a tudo, exceto o rosto vermelho e apavorado à sua frente, e sentia o desejo tranquilizador de matar. A sala, os outros homens ali, tudo estava distante.

A única coisa que importava para Nick era o ódio.

Depois, abruptamente, ele foi trazido de volta à realidade pela presença fria,

mortífera e inconfundível de um cano de revólver encostado atrás de seu ouvido direito.

— Largue-o – disse um dos investigadores da Assuntos Internos, calmamente. – Largue-o, Curran. Agora.

Nick ficou paralisado, mas reduziu a pressão apenas o suficiente para que Nilsen pudesse aspirar uma única respiração torturada. Curran olhou para trás. Retirou a mão, e Nilsen se dobrou, tossindo e engasgando, esfregando a garganta dolorida.

O policial com a arma na cabeça de Nick tornou a falar, ainda calmamente:

— Se você e Nilsen têm alguma pequena divergência de opinião, sugiro que resolvam o problema fora do escritório. Certo? E agora, Curran, saia daqui. Não diga mais nada. Não tente nenhuma gracinha. Apenas vire-se e vá embora. Entendido?

— Entendido – respondeu Nick, muito sóbrio.

— Isso é ótimo. Vá logo.

Nick Curran virou-se e seguiu para a porta, na maior calma, ignorando as armas ainda apontadas para ele.

Nilsen, no entanto, não estava tão calmo. Empertigara-se, o rosto ainda vermelho de dor, orgulho ferido e raiva.

— Você acaba de se estrear, Tiro Certo! – berrou ele para as costas de Nick – Está me ouvindo? Vai cair fora deste departamento, nem que seja a última coisa que eu farei! *Vai cair fora!*

Nick parecia não ouvir o investigador enfurecido; ou, se ouvia, não se importava.

67

Não demorou muito para que a notícia da briga entre Nick Curran e Nilsen se espalhasse por toda a chefatura. Os policiais gostam de fofocas, como todo mundo. Gus Moran ficou alarmado ao saber o que acontecera.

Uma coisa era demonstrar hostilidade a outros policiais — mesmo que fossem superiores, como Talcott — outra muito diferente era atrair a ira da Divisão de Assuntos Internos. Os caras de lá podiam tornar a sua vida insuportável, se assim decidissem. A função deles era indicar os policiais que deviam ser afastados do departamento. Nick já patinava em gelo fino com os investigadores da DAI.

Agora, era inevitável que caísse pelo gelo, mergulhando nas águas geladas de uma investigação minuciosa.

Gus alcançou Nick quando ele saía do prédio, furioso, e se encaminhava para o estacionamento da polícia. Não havia a menor dúvida na mente de Moran sobre o lugar para onde um policial *normal* iria depois de uma discussão com um cara da Assuntos Internos — o bar mais próximo, mas não o Ten-Four. Só que com um cão raivoso como Curran, era impossível prever para onde ele poderia ir ou em que tipo de encrenca se meteria agora.

— Nick! Nick! Espere!

Ao alcançar o parceiro, Gus bufava e resfolegava, o resultado de cigarros demais e cerveja demais.

— O que está acontecendo, garoto? Já se espalhou por todo o prédio a notícia de que você tentou matar Nilsen. E ainda por cima com as próprias mãos. Precisa controlar esse temperamento, garoto, ou ainda vai se meter numa encrenca.

Nick respirou fundo. Não podia se zangar com Gus Moran. Era a única pessoa no departamento que realmente se importava com ele.

— Não se preocupe. Nada vai acontecer. Ficarei bem.

Moran sacudiu a cabeça, com uma expressão desolada.

— Nada disso. Você não ficará bem. Sabe disso, eu sei. Vão pedir seu emblema de volta.

— Talvez seja melhor assim.

— Não pode estar falando sério, Nicky.

Os ombros de Curran despencaram, enquanto a fadiga e o desespero o dominavam.

— Tem razão, não sei mais o que falo. Tudo o que sei é que estou cansado e enjoado de ser um brinquedo.

Gus só podia mostrar seu sorriso malicioso.

— E quer saber de uma coisa? Pelo que ouvi dizer, você tem uma maneira bastante persuasiva de demonstrar isso.

— Ela sabe, Gus.

Não havia necessidade de identificar “ela”. Ambos sabiam que Catherine Tramell era má notícia.

68

— Sabe? Sabe o quê? Ela só está fodendo com a sua cabeça, garoto.

Esqueça.

— Ela sabe onde eu moro, sabe como eu vivo. Está dentro de minha cabeça. Virá atrás de mim e tenho de me preparar para recebê-la.

— O que há entre vocês dois?

Por um momento, Nick Curran lutou com seus medos e desejos e seu fascínio incontrolável por Catherine Tramell. Muito antes que ele o percebesse, a mulher se insinuara dentro dele, corroendo algo profundo dentro de sua alma. Nick balançou a cabeça, quase sorriu.

— Não sei. Simplesmente não tenho a menor ideia do que está acontecendo.

— Mas *alguma coisa* está acontecendo.

— Tem razão. Alguma coisa.

Gus Moran estendeu o braço volumoso pelos ombros do parceiro.

— Que se dane tudo. Vou tirar um dia de folga. Deixe-me lhe pagar um trago.

— Não, acho que não. Preciso ir para algum lugar e pensar.

— Só não deve ir pensar em Stinson, Nick

— Não se preocupe. Não irei até lá.

Nick começou a se afastar.

— Ei, garoto, faça-me um favor!

Nick parou, virou um pouco o corpo para fitar o parceiro.

— Qualquer coisa por você, Gus.

— Tome cuidado.

Nick Curran sorriu.

— *Quase* qualquer coisa. Mas não isso.

Moran deu de ombros.

— Era o que eu esperava. Sabe, Nick, alguma coisa está mesmo acontecendo com você. Nunca imaginei que aconteceria.

— E o que é?

Gus Moran exibiu um sorriso largo.

— Sua porra-louquice. Está se tornando previsível.

Risadas histéricas, convulsões de hilaridade saíam da TV de Nick

Ele estava sentado diante do aparelho, observando atentamente o programa humorístico na tela. Tinha uma garrafa de Jack Daniel's aninhada no colo, como um bebê, e um cigarro pendia dos lábios. O cinzeiro ao seu lado transbordava; a garrafa já estava pela metade.

Nick olhava como se assistisse ao programa, estudando com empenho, como se fosse um filme estrangeiro com legendas, e não um programa idiota de meia hora, com piadas idiotas, transmitido pela rede. A verdade é que ele nem via o programa. Não podia dizer o que provocava os 69

paroxismos de risada eletrônica. Nem mesmo sabia o nome do programa...

de tão absorvido que se encontrava em seus pensamentos.

Como um veneno debilitante, Catherine Tramell entrara em seu sangue, espalhando-se por toda parte de seu ser. Sua perplexidade e desorientação eram como uma febre; ele via, com uma lucidez cristalina, mas com um ar fantástico de irrealidade, toda uma gama de cenas. Podia ver a si mesmo fazendo amor com ela, ardente, terno. Podia ver a si mesmo matando-a, frio, implacável, liquidando-a com seu .38. Podia ver a si mesmo fazendo as duas coisas...

Não sabia há quanto tempo alguém batia em sua porta e mal moveu um músculo quando ouviu a voz preocupada de Beth Garner chamando-o do outro lado:

— Nick! Nick! Sei que está aí! Abra a porta, por favor!

Seus olhos se desviaram para a porta, como se pudesse ver através.

— Vá embora, Beth. Estou assistindo ao meu programa de TV predileto.

A voz de Beth era suplicante:

— Por favor, Nick!

— Não quero falar com você – respondeu ele, em tom brusco.

Houve um momento de silêncio e Nick pensou que ela fora embora.

Depois, ouviu o som de uma chave girando na fechadura, o estalo da tranca recuando. A porta foi aberta e Beth parou no limiar, hesitante e amedrontada.

— Ainda tenho minha chave.

Ela suspendeu a chave, exibindo-a, como se temesse que Nick não acreditasse em suas palavras.

Nick Curran deu a última tragada no cigarro em seus lábios, puxando até que o fumo queimou o filtro, esquentando seus dedos.

— Eu disse que não quero falar com você, Beth. — Ele pegou outro cigarro, acendeu-o. — Deixe a chave em cima da mesa e vá embora.

Até mesmo Beth Garner era capaz de explodir. Ela jogou a chave no chão.

— Mas que merda, Nick, não me exclua assim! Você me deve pelo menos isso!

Calmamente, ele se levantou, pôs a garrafa em cima da mesa com todo cuidado, abaixou-se para pegar a chave.

— Não lhe devo coisa alguma, Beth. E você também não me deve nada. Fomos para a cama... quantas vezes?... umas dez ou quinze.

— Eu não sabia que você fazia uma contagem.

— Não se sinta lisonjeada, Beth. Nunca foi bastante memorável para acarretar qualquer obrigação.

Os olhos dela se contraíram, ardendo em repulsa como uma tocha.

— Às vezes eu o odeio de verdade.

70

Nick sorriu, mas não havia qualquer diversão em seus olhos.

— É mesmo? Então por que não procura um terapeuta amigo e trabalha um pouco dessa hostilidade? — Ele fez uma pausa, para dar uma tragada no cigarro. — Se trabalhasse alguns dos *seus* problemas, Beth, poderia se poupar de uma tragédia.

— Tragédia? Mas do que está falando?

— Talvez você seja capaz de mudar um pouco... antes que o próximo cara morra de tédio.

Beth se encolheu, como se tivesse sido esbofeteada. As palavras vis e venenosas de Nick pairaram no ar entre os dois, por um momento, depois caíram como gasolina no fogo.

Os lábios de Beth se contraíram e ela atacou-o, as mãos como garras, as unhas vermelhas ameaçadoras. Nick pôde sentir o calor de sua raiva se irradiando como lava. Ela queria arrancar seus olhos. Queria saborear seu sangue. Queria machucá-lo mais do que ele já fora machucado em qualquer outra ocasião.

Segurou-a pelos pulsos, manteve-a a distância, sentindo o ódio que vibrava nas veias de Beth, pulsando em todos os seus músculos e tendões.

Ela se debateu por um instante, a ira ardendo tão quente que logo se consumiu. Tão depressa quanto irrompera, o ódio se esgotou e ela ficou inerte nos braços de Nick. Ele a repeliu.

Beth Garner comprimiu o rosto contra as mãos por um momento, tremeu toda, enquanto avaliava a hostilidade que sentira apenas uma fração de segundo antes. Ninguém é mais consciente dos perigos de perder o controle do que uma terapeuta experiente.

— Desculpe – sussurrou ela. – Sinto muito. Geralmente não me comporto assim.

Nick Curran fitou-a com algo que beirava à compaixão. Balançou a cabeça, lentamente.

— Como pôde permitir uma coisa dessas, Beth? Como pôde entregar minha ficha àquele canalha? Confiei em você, Beth. Pode não acreditar, mas confiei.

— Sinto muito, Nick. Mas tive de entregar. Não havia outro jeito.

— Teve? Não havia outro jeito? Devia saber que entregar a Nilsen...

— Ele acenou com a mão. – Esqueça. Não tem mais importância.

As lágrimas se acumulavam nos cantos dos enormes olhos castanhos de Beth.

— Ele ia recomendar que você fosse dispensado do departamento, Nick. Não aceitei minha avaliação. Disse que eu não era objetiva. Por isso, fiz um acordo com ele, permitindo que verificasse por si mesmo as anotações das sessões. Não pensei que ele as mostraria a alguém.

Beth fitava-o com uma expressão suplicante. Por um momento, Nick sentiu-se tentado a tomá-la em seus braços e confortá-la, mas depois uma onda fria de desdém o invadiu. Seu rosto se transformou em pedra.

— Fez isso por mim?

— Fiz, sim. Eu me preocupo com você, Nick. E fiz isso por você.

— Será que não percebeu? Objetividade! Essa é boa. Quando se trata de Nilsen e eu, nem o próprio Sigmund Freud poderia ser bastante objetivo para aquele filho da puta. Ele queria saber os meus podres, Beth, e você era a melhor fonte. Enganou-a para que me traísse. Inventou uma história e você caiu direitinho.

— Nick, por favor...

Ele virou as costas a Beth.

— Saia daqui, Beth – murmurou ele. – Por favor.

— Eu gostaria...

— Saia, Beth.

Nick tornou a pegar a garrafa de Jack Daniel's, tomou um gole comprido. Ela fitou-o suplicante por mais um instante, mas sabia no fundo de seu coração que o perdera, que a traição era o único pecado que ele não perdoaria.

Horas depois, em plena madrugada, a garrafa de Jack Daniel's vazia, a programação da TV dissolvida numa nuvem de estática, Nick Curran adormeceu no sofá, num sono irrequieto. O cérebro turvado pelo álcool estava ocupado por um miasma de sonhos desordenados, cadáveres, tragos desesperados e balas disparadas. Havia um emaranhado de imagens; Catherine Tramell, Roxy, Gus, Beth, Talcott e Walker. Havia os quadros deformados e distorcidos que Catherine tinha em sua sala de estar; o corpo perfurado de Johnny Boz vertendo sangue. Fundiam-se com imagens puramente imaginárias — Hazel Dobkins matando os filhos e o marido há

muitos e muitos anos.

Em algum lugar, no fundo de seu cérebro, Nick sabia que tinha de parar com todas aquelas mortes. Precisava soar o alarme. E de repente, milagrosamente, as sirenes começaram a tocar.

Ele despertou sobressaltado com a campainha estridente do telefone.

72

Capítulo Onze

ELE CORREU PARA o telefone como se fosse uma tábua de salvação. As palavras ouvidas passaram pelo nevoeiro em seu cérebro como se fossem dardos envenenados. Nick sentiu a poça de *bourbon* no estômago esparrinhar como água no porão de um barco velho.

— Está certo – conseguiu murmurar.

Não podia atribuir um nome à voz no outro lado da linha, mas compreendeu no momento em que a ouviu que se tratava de um policial e o comunicado era oficial. A voz disse algumas frases sucintas. Comunicou a Nick o que acontecera e onde ele deveria estar, dentro de cinco minutos, desligando em seguida.

Curran despertara embriagado, mas o efeito da mensagem dissipou os vapores do álcool mais depressa do que o sol de verão dissolve a neblina do amanhecer. Por mais sóbrio que estivesse agora, no entanto, o choque da notícia manteve-o paralisado no sofá. Alguns momentos se passaram antes que tivesse forças para se levantar e sair.

Encontrou o carnaval habitual do local do crime no estacionamento por trás do Ten-Four. Talvez aquele fosse um pouco maior, considerando-se que havia um policial envolvido, com carros de polícia por toda parte e guardas uniformizados espalhados ao redor, como se esperassem que o criminoso voltasse ao local do crime. Ocorreu a Nick, ao saltar de seu Mustang, que podiam estar à sua procura.

Walker, Gus e dois investigadores da Assuntos Internos estavam parados em torno de um enorme e dourado Lincoln. Nenhum deles pareceu se sentir feliz ao ver Nick.. não que ele próprio se sentisse extasiado ao vê-los, diga-se de passagem. A multidão em torno do carro se entreabriu quando Nick se adiantou, como se ele fosse portador de alguma praga.

Gus Moran focalizou a luz de uma lanterna no banco da frente do luxuoso carro. Martin Nilsen, da Divisão de Assuntos Internos, Departamento de Polícia de San Francisco, estava esparramado ali. Um sangue escuro, quase preto, manchava o encosto de veludo, um halo macabro em torno de sua cabeça.

— Um tiro – murmurou Gus. – Disparado à queima-roupa. Parece de um revólver calibre 38.

Nenhum dos homens ali precisava ser informado que o 38 era a arma padronizada da polícia da cidade.

— Dê-me sua arma, Nick— disse Walker, quase como se pedisse desculpas.

— Ora, Phil, não pode acreditar que eu...

73

— Apenas me entregue sua arma, Nick Por favor.

Curran deu de ombros, tirou o revólver do coldre no ombro e estendeu-o. O chefe da Divisão de Homicídios pegou a arma, cheirou o cano, como um *connoisseur* de vinhos testando uma safra duvidosa, e depois balançou a cabeça. Passou a arma para um dos investigadores da Assuntos Internos.

— Não significa grande coisa, Nick, mas esta arma não foi disparada recentemente.

— Não desde que estive no nosso estande de tiro, há umas três semanas. Não matei Nilsen. Você sabe disso.

— Tudo o que sei é que ele não foi morto com esta arma, Nick Isso é tudo o que posso dizer com certeza.

Walker não fitou Nick nos olhos. Virou-se e afastou-se, seguindo para seu próprio carro. Curran olhou de um rosto para outro e para as costas de Walker.

— Vocês acham que *eu*...

— Eu não acho, garoto – disse Gus. – Mas devo ressaltar que tenho a impressão de que sou a opinião minoritária por aqui.

O Tenente Jake Sullivan, também da Divisão de Assuntos Internos e quase tão chato quanto Nilsen, adiantou-se com uma expressão de “Estou no comando aqui”.

— Curran, vá para a chefatura agora. Precisamos ter uma conversinha.

Sullivan não parecia estar convidando Nick para uma conversa amigável enquanto tomavam um café.

— Sou um suspeito, Sullivan?

— Talvez.

— Então leia meus direitos e depois me encane.

Ocorreu a Nick que usara quase as mesmas palavras que Catherine Tramell lhe dissera. Sullivan deu de ombros.

— Se é assim que quer, Curran, podemos atendê-lo.

— Seria um prazer – acrescentou Morgan, outro idiota da Assuntos Internos.

— Pare com isso, Nick – interveio Gus Moran, postando-se entre o parceiro e os dois investigadores. – Faça um favor a si mesmo, por uma vez na vida. Apenas coopere com essa gente.

Por um momento, parecia que Curran exigiria seu direito constitucional de ouvir o texto criado pelo precedente de Miranda, e depois ser algemado. Mas não havia humilhação maior para um policial, e nem mesmo ele estava disposto a se submeter a isso.

— Irei à chefatura, Sullivan, apenas para lhe provar que coopero com os representantes da lei, como um honesto cidadão.

— Ótimo.

74

— E para provar que não matei esse... – Nick acenou com a cabeça para o cadáver de Nilsen. – ...esse agente policial.

— Nada me deixaria mais satisfeito, Curran – garantiu Sullivan, mas ninguém acreditou que ele estava sendo sincero. Levaram Nick para a mesma sala de interrogatório usada para a conversa com Catherine Tramell.

Walker, Talcott e Gus Moran sentaram lá dentro, mas longe da mesa, encostados na parede, enquanto Sullivan e Morgan ocupavam o centro do palco, dispensando a Nick Curran o tratamento de terceiro grau. Todos sabiam que o espetáculo era da Assuntos Internos, e que prenderiam Nick, ou lhe dariam uma ficha limpa.

— Você não gostava de Marty Nilsen, não é mesmo, Curran? – indagou Morgan, como se marcasse um ponto decisivo num acalorado concurso de debates.

— Isso era do conhecimento comum. Aposto que há pessoas de quem você não gosta, Morgan. E aposto também que há uma porção de pessoas que não gostam

de você.

— Não é essa a questão.

— Você o agrediu ontem à tarde – disse Sullivan –, à vista de uma dúzia de agentes policiais.

— É verdade. E daí? Muito bem, eu o agredi. Perdi a calma.

— Talvez você nunca tenha tido qualquer calma. Talvez esperasse por Marty nos fundos do Ten-Four, e meteu uma bala em sua cabeça.

Talvez quisesse se vingar por ele pressioná-lo tanto. É possível, certo?

— Sempre caguei e andei por Nilsen me pressionar, Morgan. Mal o notava.

— Então, o que o deixou nervoso? – perguntou Sullivan. – Como passou a odiá-lo tanto?

— Não o odiava. Mas ele... O fato é que Nilsen se apoderou de minha ficha psiquiátrica. A que o departamento preparou logo depois que apaguei aqueles turistas.

Talcott estremeceu. Detestava ouvir algo tão horrível ser apresentado de maneira tão brusca. Preferia os termos clínicos de Beth Garner —trauma ou incidente.

— Isso é mentira! – protestou Morgan, veemente.

— Sei que ele fez isso. E mais ainda, estava usando a ficha. Mostrou-a a pessoas fora do departamento. Usou minha própria ficha confidencial contra mim.

— Tem alguma prova? Pode comprovar que ele de fato mostrou sua ficha psiquiátrica a alguém? Ou mesmo que ele a possuía?

Claro que Nick podia provar. Tinha uma porção de provas. Mas se falasse de Catherine Tramell, com uma fantástica percepção de sua mente e comportamento, eles pensariam que pirara por completo. E se lhes dissesse 75

que Beth Garner confessara que entregara a ficha a Nilsen, então ela ficaria encrencada. Só havia uma coisa que ele podia fazer: mentir.

— Estou pedindo uma prova, Curran. Tem alguma?

Nick Curran sacudiu a cabeça.

— Não, não tenho prova de coisa alguma.

— Então você não tem nada – ressaltou Morgan.

— Só que não sou bastante louco para brigar com alguém, e algumas horas depois apagá-lo com uma 38 do departamento. Isso não conta alguma coisa?

— Não muito. As pessoas fazem às vezes as coisas mais absurdas.

Sabe disso, Curran.

A porta da sala de interrogatório foi aberta e Beth Garner entrou.

Estava com olheiras, como se tivesse passado a noite em claro, não apenas arrancada mais cedo da cama por uma má notícia. Lançou um olhar preocupado para Nick Curran.

— E aqui está a nossa perita em pessoas que fazem coisas absurdas – comentou Morgan.

A última pessoa que Sullivan queria ali era a analista pessoal de Curran.

— Falaremos com você mais tarde, se não se importa, Dra. Garner.

— Eu gostaria de ouvir tudo. Creio que posso ajudar.

— Eu preferia...

Por mais estranho que pudesse parecer, foi Talcott quem resolveu o impasse. Pareceria muito melhor se Nick Curran fosse declarado um policial louco, em vez de ter de admitir para o mundo exterior que um membro do Departamento de Polícia de San Francisco matara um colega a sangue-frio.

— Não vejo nada de errado com a presença da Dra. Garner, se o Detetive Curran não tiver nenhuma objeção.

Nick deu de ombros.

— Não me importo.

Beth Garner acenou com a cabeça e sentou, inclinando-se para a frente, ansiosa e tensa.

— Onde você esteve esta noite? – perguntou Morgan.

— Em casa – respondeu Nick – Assistindo TV.

— A noite inteira?

— Isso mesmo.

— O que assistiu?

— Não sei. Uma merda qualquer.

Ele mal se lembrava de ter ligado a televisão, muito menos dos programas que apareceram na tela.

— E bebeu? – indagou Sullivan.

Os olhos de Curran focalizaram Beth, como faróis altos.

76

— Bebi.

Sullivan franziu o rosto.

— Pensei que não estava mais bebendo.

— Não bebia há muito tempo. Passei dois meses completamente seco. Agora, quando chego em casa, tomo umas duas doses. Posso aguentar.

E não bebo quando não deveria. Não bebo em serviço, como um bom policial.

— Mas bebeu?

— Só como eu disse.

— Quanto?

— Umas duas doses. Como eu disse.

— Quando voltou a beber? Passou muito tempo seco.

— Recomecei há dois dias. Parei de beber porque queria. Recomecei a beber porque queria. Tem algum problema com isso, tenente?

— Não, nenhum problema. Desde que você não encha a cara e resolva sair para fazer alguma besteira. Isso é tudo.

Beth Garner interveio:

— Estive com o Detetive Curran em seu apartamento, por volta de dez horas da noite. Ele estava sóbrio e lúcido.

Ela falou em sua melhor voz de clínica objetiva e isenta. Sullivan fitou-a, com uma expressão desconfiada.

— E o que foi fazer no apartamento do Detetive Curran ontem à noite, por volta de dez horas, se não se importa que eu pergunte?

Beth hesitou apenas por uma fração de segundo, antes de responder:

— Fui até lá na condição de terapeuta do departamento. Fora informada da briga com o Tenente Nilsen e achei que ele podia precisar de algum aconselhamento.

— Na calada da noite? – indagou Morgan.

— Não foi na calada da noite, Tenente. Como eu disse, deviam ser dez horas. E não importa o que possa pensar de minha profissão, deve lembrar que estou à disposição das pessoas vinte e quatro horas por dia.

— Muito impressionante – comentou Morgan, desdenhoso. – Muita dedicação. E muito conveniente.

— E qual foi a impressão que teve do Detetive Curran, Dra. Garner?

— perguntou Sullivan.

— Como eu disse, ele estava lúcido e sóbrio. Manifestou o seu arrependimento pelo incidente com o Tenente Nilsen e não demonstrou qualquer hostilidade.

— Quanto tempo ficou lá?

Ela fitava Nick Curran, sustentando seu olhar.

— Permaneci no apartamento por cerca de quinze minutos. Concluí que não havia motivos para preocupação, e fui embora.

Nick desviou os olhos, procurou por um cigarro, acendeu-o, aspirou a fumaça para os pulmões, com a maior sofreguidão.

— É proibido fumar neste prédio – protestou Morgan, ríspido.

Walker, Talcott e Gus Moran sabiam *exatamente* o que Curran diria em seguida:

— E o que pretende fazer... processar-me por fumar?

— Escute aqui, Curran... – disse Morgan, furioso, começando a se levantar.

Sullivan interrompeu sua tirada:

— Vou perguntar uma vez, Nick, para o registro: você o matou?

Nick não titubeou.

— Não.

— Tem certeza? – insistiu Sullivan.

— Ora, pare com isso. Já disse. Acha que eu entraria furioso em sua sala durante a tarde e o atacaria na frente de todo mundo, para depois sair à

noite e matá-lo? Chame de estupidez, loucura... qualquer coisa. Mas não sou bastante estúpido nem bastante louco para fazer uma coisa assim.

— Agredi-lo antes livraria você da acusação de matá-lo – comentou Morgan. – Funcionaria como um álibi.

— Como escrever um livro sobre matar um cara também livra da acusação de matá-lo – declarou Walker, trocando olhares e sorrisos com Moran e Curran.

— Sabe, Tenente, acho que tem aí um bom argumento – disse Nick.

Sullivan e Morgan perceberam que estavam sendo deixados de fora na piada e não gostaram.

— Não entendi – interveio Sullivan. – Do que estão falando? Que livro?

— Esqueça, Jake – disse Walker. – Não é nada. Uma piada particular, só isso.

— Uma piada? Um investigador de Assuntos Internos é assassinado e vocês, seus merdas da Homicídios, ficam fazendo *piadas*? Mas que história é essa?

Morgan estava com a cara vermelha. Talcott também não gostou muito da piada.

— Isso não tem nada de engraçado. – Ele se levantou. – Você está de licença,

Curran.

Talcott fez uma pausa, lançou um olhar sugestivo para Beth Garner.

— E permanecerá de licença na dependência de uma investigação psiquiátrica.

Ele não precisava enunciar o resto da frase, pois todos ali sabiam o que estava querendo dizer: se não passasse no teste psiquiátrico, Nick seria afastado da polícia.

78

O interrogatório estava encerrado por enquanto. Talcott saiu da sala, levando Sullivan e Morgan em sua esteira. Walker saiu sozinho. Gus Moran coçou o princípio de barba.

— Nick, Doc, vamos sair para comer alguma coisa? Um bom prato do velho grude policial: dois ovos, com muito presunto e bacon. Eu ofereço.

— Obrigada, Gus, mas eu passo.

— E você, Nick?

— Vou acompanhar Beth até o carro, Gus.

Moran deu de ombros.

— Acho que isso significa não, hem? Muito bem, acho que vou comprar o *Chronicle* e obstruir minhas artérias sozinho.

Ele deixou a sala, os ombros vergados pela fadiga e o peso de suas preocupações.

Nick Curran pegou Beth Garner pelo braço, conduziu-a para a porta.

Mesmo na chefatura de polícia de uma cidade grande há pouco movimento na hora que antecede o amanhecer. Os corredores estavam vazios de policiais e criminosos, seus lugares ocupados por umas poucas faxineiras.

Havia silêncio, exceto pelo zumbido das máquinas usadas para limpar os chãos de mármore.

Beth lançou um olhar de esguelha para Nick, como se estivesse insegura do seu estado de espírito. Ele percebeu a indagação.

— Eu queria apenas lhe agradecer.

Nick falou em voz baixa, suave e gentil.

— É o mínimo que eu poderia fazer, Nick, considerando a confusão em que o meti com aquele relatório.

— Não precisava me dar um álibi. Depois do que eu disse e fiz, você deveria me esquecer.

— E por que eu faria isso?

Ele sorriu, amargurado.

— Porque eu teria merecido.

— Não foi nada, Nick – Ela sorriu, afetuosa. – Como sabe que Catherine Tramell viu sua ficha?

— Muito simples. Ela conhece coisas a meu respeito que eu só disse a você.

Beth Garner balançou a cabeça, como se estivesse incrédula.

— Ela deve ser mesmo uma pessoa incrível. Do ponto de vista clínico, é claro.

— Como ela era na faculdade?

— Mal a conheci. Mas ela me causava arrepios.

Nick abriu a enorme porta de vidro do prédio.

— Arrepios? Por quê?

Beth estremeceu. Era difícil determinar se do frio ou da recordação.

79

— Eu... não sei por quê. Aconteceu há muito tempo, não me lembro direito.

Pararam junto do carro dela.

— Nick, você precisa descansar um pouco. Prometa-me que vai para casa dormir.

— Prometo.

Ela beijou-o de leve no rosto.

— Ótimo. – Beth abriu a bolsa, pegou as chaves, abriu a porta do carro. – Vá para casa agora, Nick. Durma algumas horas. Vai se sentir muito melhor.

Mas havia uma coisa que ele podia fazer naquele momento para se sentir melhor.

— Beth, falei sem pensar, não tive a intenção de...

Ela ergueu a mão para interrompê-lo.

— Eu compreendo. E já sou crescadinha. Posso aguentar.

— Beth...

— Vá para casa, Nick.

Ele ficou parado no estacionamento, esperou que o carro se afastasse.

Não foi para casa. Assim que Beth sumiu, entrou no prédio à procura de Gus, a fim de partilhar um prato de puro colesterol e aguardar até que as coisas começassem a funcionar na chefatura.

Às nove horas, Nick calculou que Andrews já deveria ter chegado.

Walker franziu o rosto ao vê-lo entrar na sala dos detetives da Homicídios. Sua expressão era eloquente. Dizia: O que você está fazendo aqui?

— Só vim limpar minha mesa! – gritou Nick.

— Tem cinco minutos, Nick! – berrou Walker em resposta. – E

depois caia fora!

— Não tem problema!

Ele esperava que sua expressão de inocência magoada fosse convincente. Andrews estava sentado à sua mesa, batendo à máquina furiosamente, dando sentido às anotações que rabiscara no bloco ao lado.

— Como você vai, Sam?

Andrews olhou para Nick com uma desconfiança exagerada.

— Como eu vou? Estou muito bem, Nick. E você? Vai acabar com o recorde da polícia de licença psiquiátrica.

— É um talento especial que eu tenho. – Nick aproximou-se da mesa de Andrews. Olhou para Walker no cubículo de vidro e baixou a voz ao acrescentar: – Descobriu alguma coisa sobre os pais dela?

— Você está de licença, cara – sussurrou Andrews. – E licença psiquiátrica, Nick. Estou falando com um possível pirado.

Nick sorriu.

80

— Sabe muito bem que sou pirado de fato, Sam. O que descobriu?

Andrews lançou um olhar para Walker, depois baixou os olhos para seu relatório.

— O barco explodiu. Havia um vazamento no injetor de gasolina, com registros de dois consertos anteriores. Os Tramells tinham seguro de vida, cinco milhões de dólares para cada um. Houve uma investigação. Não apenas nossa. A companhia seguradora também mandou seus investigadores particulares. Não queria pagar os dez milhões. Mas ninguém descobriu nada. E ponto final. A seguradora torceu o nariz, mas pagou.

Seus prêmios e os meus subiram alguns centavos. Foi um acidente. Isso é oficial.

— E tem alguma coisa extra-oficial?

Andrews deu de ombros.

— O que você acha?

— Muito bem, ela pegou os dez milhões. E daí? Já ia receber cem milhões. Não fez isso pelo seguro.

Fez pela emoção, acrescentou Nick, mentalmente.

— Preste atenção, cara: para o mundo em geral, ela não fez nada.

Não se esqueça disso.

Nick acenou com a cabeça.

— Tentarei.

— Curran!

— Já estou saindo, Phil! – gritou Nick

— Venha até aqui antes de sair, Nick

— Claro – respondeu ele, muito afável. Entrou no cubículo de Walker e fechou a porta. – Em que está pensando, Phil?

— Não engoli a encenação de Nick Curran ser um bom sujeito. Eu o conheço muito bem, Nick

— Não passo de uma alma com boas intenções, Phil.

— Não me venha com essa. E agora preste atenção. A Assuntos Internos vai querer conversar com você sobre a morte de Nilsen. Eles é que estão conduzindo a investigação, não nós. O caso é todo deles.

— Eles querem cuidar dos seus, hem? Corrija-me se estou errado, Phil, mas um homicídio é um homicídio, então por que a Assuntos Internos deve conduzir uma investigação de homicídio?

— Aí está o Nick Curran que sempre conheci. – Walker balançou a cabeça. – Não vou discutir esse problema com você, Nick. Não é da minha conta, muito menos da sua. Trate apenas de seguir estas instruções simples: ponha-se à disposição da Assuntos Internos sempre que eles quiserem. Não se meta em encrencas e mantenha-se em contato com Beth Garner. Ajudará

na avaliação.

Nick cruzou os braços.

— Ela o matou – disse ele, abruptamente.

81

— Santo Deus, você está mesmo louco! Agora acusa Beth de sair por aí matando pessoas.

— Não seja idiota, Phil. Não estou falando de Beth, mas sim de Catherine Tramell. Ela matou Nilsen.

— É mesmo?

— É, sim. Ela o matou. Faz parte de seu jogo.

— Seu jogo? Primeiro, você a põe comprando sua ficha. Agora, acusa-a de matar Nilsen. Faça um favor a mim, um favor a si mesmo...

esqueça-a, está bem? Vá para algum lugar. Deite ao sol. Tire-a da cabeça.

— Não engole essa possibilidade, não é? Ela sabia que ninguém admitiria. – Nick sorriu, acenou com a cabeça. – Quer saber de uma coisa?

Não se pode deixar de admirá-la. Ela previu tudo isso com antecedência, exatamente como num de seus livros. Tramou tudo. Sabia que eu diria que ela era a culpada. E sabia que ninguém acreditaria.

Walker fitou-o com uma expressão próxima da paixão.

— Ela está perturbando sua cabeça, Nick. Fique longe dessa mulher.

— Não tem problema, Phil – disse Nick, com a maior jovialidade. –

Estou de férias, certo? Não tenho a menor preocupação no mundo.

82

Capítulo Doze

NICK NÃO SE meteu em nenhuma encrenca por quase quinze minutos... o tempo que levou para ir da chefatura a seu apartamento. A encrenca, sob a forma de Catherine Tramell, estava sentada na escada na frente do prédio, o Lotus preto estacionado junto ao meio-fio.

— Acabei de saber o que aconteceu – disse ela, com um sorriso que por pouco não era escarninho. – De que adianta um Tiro Certo sem a sua arma?

Nick não sentia o menor ânimo para provocações.

— Como exatamente você soube?

— Tenho advogados. Eles têm amigos. Eu tenho amigos. O dinheiro compra uma porção de advogados e amigos.

— Não sei nada sobre essas coisas. Não tenho nenhum dinheiro. Não tenho nenhum advogado. E Gus é meu único amigo de verdade.

Ela deu de ombros.

— Eu não estava falando de amigos de verdade. Por que Gus não gosta de mim?

Nick Curran riu.

— Gus não gosta de você porque acha que é pernicioso para mim. E

provavelmente está certo. Mas *eu* gosto de você. Gosto de coisas que me são perniciosas.

— Gosta mesmo?

— Gosto. Quer subir para um drinque?

Ela olhou para o relógio em seu pulso, uma peça fina e delicada, de platina.

— Às nove horas da manhã? Não acha que é um pouco cedo?

— Estou acordado há tanto tempo que é quase hora do almoço para o meu relógio do corpo. Quer ou não?

Catherine ofereceu-lhe seu sorriso mais deslumbrante.

— Pensei que nunca ia me convidar.

— Acho que você não conhece seu personagem tão bem quanto eu pensava.

Eles entraram no prédio, subiram pela escada escura e suja para o apartamento no terceiro andar. Catherine seguiu na frente, falando enquanto subia.

— Estou aprendendo – disse ela. – Estou aprendendo tudo a seu respeito. Muito em breve o conhecerei melhor do que seus amigos. Melhor do que você próprio.

83

— Já lhe disse que Gus é meu único amigo, e aposto que ele também me conhece mais do que gostaria. E não tenha tanta certeza de sua capacidade de análise. Nunca vai me entender por completo.

— Acha que não? Por quê?

Pararam diante da porta escalavrada do apartamento, Nick enfiou a mão no bolso para tirar a chave.

— Nunca vai me entender por completo porque sou muito...

Em perfeita sincronia, Catherine e Nick disseram a mesma palavra:

— Imprevisível.

Nick tentou não amarrar a cara, e Catherine tentou não rir, pela previsibilidade dele. Nick abriu a porta e introduziu-a no apartamento.

Ela permaneceu em silêncio por um longo momento, parada no meio da sala grande, parecendo uma mansarda, a estudar as paredes nuas, os poucos móveis, a ausência de toques pessoais que marcariam o lugar como um lar específico. Era tão impessoal quanto um quarto de hotel.

— Devia dar um pouco de calor pessoal ao apartamento – comentou ela, ao final.

— Não sou uma pessoa quente – respondeu Nick, bruscamente.

— Sei disso. O apartamento o reflete bem demais. Eu teria imaginado que você gostaria de esconder isso.

— Não tento enganar ninguém – declarou ele, da pequena cozinha, um buraco ao lado da porta de entrada.

Nick parou na porta da cozinha, segurando uma garrafa cheia de Jack Daniel's, ainda lacrada.

— Jack Daniel's está bem? Terá de ser. Não há outra coisa.

— Tudo bem.

— Gelo?

Nick tirou um bloco de gelo da geladeira, largou na pia. Pegou um furador de gelo numa gaveta, com a haste idêntica à da arma usada para liquidar Johnny Boz.

Catherine fitou-o, as sobrancelhas alteadas, pontos de interrogação silenciosos.

— Eu estava à sua espera. – Ele levantou o furador de gelo, exibindo-o como um troféu. – Comprei no supermercado. Um dólar e sessenta e cinco centavos.

Era um desafio e Catherine aceitou-o. Pegou o furador de gelo, ajeitou-o na

mão, como uma conhecedora.

— Deixe-me cuidar do gelo – disse ela, friamente. – E gostaria de me observar, não é?

Sem esperar por uma resposta, ela virou-se e começou a trabalhar no bloco de gelo na pia. Nick encostou-se na parede da apertada cozinha, acendeu um cigarro, soprou a fumaça lentamente.

— Eu disse que você voltaria a fumar.

84

Ele podia sentir o sorriso de Catherine. As lascas de gelo voavam.

— Pode acender outro para mim? – acrescentou ela.

Nick deu-lhe o cigarro que estava fumando, depois acendeu outro.

— Obrigada – sussurrou Catherine.

Ela voltou a se concentrar no gelo, golpeando-o com o furador. Nick pegou dois copos no armário, colocou-os em cima da bancada, ocupou-se em abrir a garrafa de *bourbon*.

— Quanto pagou a Nilsen por minha ficha?

Catherine não olhou para ele.

— Não é esse o policial que você acertou ontem à noite, Tiro Certo?

Ela largou um punhado de fragmentos de gelo em cada copo, pegou a garrafa das mãos de Nick, despejou o líquido cor de mogno por cima.

— E se eu lhe pedisse para não me chamar de Tiro Certo?

— Então como deveria chamá-lo? – Ela pensou por um momento, depois respondeu à própria pergunta: – E se eu o chamasse de Nicky? Você gostaria?

Nick Curran deslocou o peso do corpo de um pé para outro, inquieto.

— Minha esposa me chamava assim.

Ela sorriu, insinuante.

— Sei disso, mas eu gosto... Nicky.

Catherine falou o nome bem devagar, como se o saboreasse, como se acostumasse a língua ao som. Só depois é que lhe entregou um copo.

— A nós. *Meus* amigos me chamam de Catherine.

Ela bateu com o copo no de Nick

— Como seus advogados a chamam?

— Srta. Tramell. Os mais jovens me chamam de Sra. Tramell.

— Como Manny Vasquez a chamava?

— De vaca, na maioria das vezes... mas com uma intenção afetuosa.

— Por um segundo, um brilho de angústia aflorou nos olhos azuis, mas sumiu no mesmo instante. — Por acaso tem alguma Coca aqui? Adoro Coca com Jack Daniel's.

— Tenho uma Pepsi na geladeira.

Catherine Tramell sorriu, balançou a cabeça.

— Não é a mesma coisa, não concorda?

— Está querendo dizer que não é a coisa real?

Nick chegou mais perto, os corpos quase se tocando. Podia sentir o perfume de Catherine, a respiração dela em seu rosto, e murmurou:

— Para onde estamos indo? O que você quer de mim?

Os rostos estavam quase juntos, o dela erguido para Nick, com os lábios entreabertos.

— Diga “o que você quer de mim, Catherine”.

— Que *porra* você quer de mim, Catherine?

Nick inclinou-se para beijá-la, mas ela se esquivou, como um pugilista desviando de um golpe, e quebrou o encantamento.

— Eu lhe trouxe uma coisa – anunciou ela, jovialmente.

Abrindo a bolsa, Catherine tirou um livro, estendeu-o. Era *A Primeira Vez*, de Catherine Woolf.

Ele examinou a capa por um momento.

— Obrigado. É sobre o quê?

— É sobre um garoto que mata os pais.

— É mesmo? Como?

— Os pais têm um avião. O avião cai. Ele fez com que pareça um acidente. Engana todo mundo, a polícia em particular, mas *ele* sabe. É o seu segredo.

Nick fitou-a nos olhos.

— Por que ele fez isso?

— Para verificar se consegue escapar impune. É um jogo.

— Quando o escreveu?

— Quer saber se o escrevi *antes* de meus pais morrerem?

— Exatamente.

Ela sacudiu a cabeça, jogando os cabelos dourados de um lado para outro.

— Não. Escrevi anos depois.

Catherine largou o copo. Mal bebera. Nick já tomara a metade de seu uísque.

— Já vai? Tão cedo?

— Tenho coisas a fazer, Nick – Ela sorriu-lhe. – Vai deixar agora de me seguir por toda parte, só porque entrou de licença?

— Claro que não.

— Ótimo. Eu sentiria saudade. – Catherine encaminhou-se para a porta. – É

verdade que não gostaria que se metesse numa encrenca.

— Correrei o risco.

— Pode me explicar por que está assumindo o risco?

Nick abriu a porta para ela. Catherine começou a descer a escada. Ele encostou-se no parapeito, observando-a.

— Por que assumo o risco? Para verificar se consigo escapar impune.

Como vai o novo livro?

— Está quase que se escrevendo por si mesmo. – Ela parou no meio da escada, olhou para Nick – Saí de casa por volta de meia-noite, caso esteja pensando em me seguir.

— Por que não facilita mais as coisas, e me diz logo para onde vai?

— Vou ao clube de Johnny.

— Eu a encontrarei lá.

Nick entrou no apartamento, fechando a porta.

86

Na base da escada, Catherine deparou com Gus, entrando no prédio.

Ao vê-la, ele deu uma meia-volta, tão teatral que só podia ser genuína.

— Oi, Gus! – disse Catherine, na maior jovialidade, ao passar por ele.

Gus só pôde contemplá-la a se afastar, aturdido.

Quando ele terminou de subir os três lances de escada, bufando e resfolegando, Catherine Tramell já embarcara em seu Lotus e partira. Mas Nick Curran continuava à janela, observando sua partida.

— Perdoe-me por perguntar, garoto, e não tenho a intenção de repisar o óbvio – disse Gus, da porta –, mas acabo de cruzar com aquela mulher sinistra lá embaixo, e me ocorre indagar se você está confundindo sua cabeça com o próprio rabo.

Nick ainda olhava para a rua.

— Ela quer jogar – murmurou ele, como se falasse para si mesmo. –

Muito bem, posso jogar também.

— Todas as pessoas com quem ela joga, Nicky, acabam mortas.

Nick acenou com a cabeça para si mesmo, pensou em sua esposa, Cindy, morrendo na cama, envenenada pela própria mão, sentindo-se incapaz de suportar a autodestruição do homem que amava.

— Você me ouviu? Eu disse...

— Ouvi o que você disse, Gus.

— E sabe qual foi minha intenção? Entendeu? Por favor, Nick, não brinque com ela. Não pode vencer contra uma mulher assim. Todo mundo com quem ela fode acaba morrendo, entende?

Nick Curran desviou os olhos da rua vazia e fitou seu parceiro.

— Se entendi? Claro que entendi. Sei exatamente o que é isso.

87

Capítulo Treze

A NOVA SOBRIEDADE, ao estilo dos anos noventa, nascera em San Francisco, mas ainda não contagiara toda a população. Ainda havia prósperos clubes noturnos na cidade, em que os frequentadores se inebriavam legalmente com álcool e música e ilegalmente com uma ampla variedade de drogas, adquiridas nas ruas e consumidas nos banheiros.

South of Market, SOMA no jargão da noite, era agora a área em que se concentravam as casas noturnas mais quentes. A South of Market Street fora antes um lugar abandonado, com armazéns quase ruindo e instalações industriais enferrujadas. Mas já não era mais assim. Não demorara muito para que alguém percebesse que a SOMA era a maior área de terrenos baratos nas proximidades do centro de San Francisco. A mudança fora rápida, embora não total, e o lugar agora abrigava dezenas de casas noturnas, restaurantes, bares e butiques.

Em toda San Francisco, os clubes mais conhecidos e mais em voga eram o DV8, Slims, The Warfield (num antigo teatro), e o Oasis, que se gabava de ter uma piscina. O gay chique ia ao Trocadero Transfer.

Os *gays* e os heteros se encontravam na casa de Johnny, o Altar.

Como o *Limelight* em Nova York, o Altar situava-se numa igreja desconsagrada. Um *disc-jockey* escolhia as músicas numa cabine no lugar em que os devotos outrora recebiam a comunhão, enquanto mil dançarinos se agitavam à sua frente.

Havia uma presença quase física na música ensurdecadora. Envolveu Nick quando ele passou pela porta da frente, entrando no clube. O clamor parecia uma ventania, e ele teve a sensação de que teria de avançar à força contra aquele som. O ar estava impregnado pelo cheiro de suor e fumaça, misturado com perfume. Os dançarinos na pista se sacudiam ao ritmo da música, alguns com expressões sombrias, ansiosos em se abandonarem por completo à noite. Dançavam como se estivessem determinados a se divertirem.

As pessoas no bar bebiam para se embriagarem. Não havia conversa

— a música era alta demais para isso — e se você quisesse falar com alguém, teria de encostar a boca em seu ouvido e berrar.

Nick conseguiu obter uma dose de Jack Daniel's com gelo, num copo de plástico, pouco antes de ficar rouco de tanto berrar. Depois, circulou a pista de dança, observando a massa de corpos, à procura de Catherine Tramell. Era estonteante olhar para aquela multidão, que parecia uma gigantesca hidra de incontáveis cabeças. E de repente, no meio da multidão, ele divisou um rosto familiar. Um rosto bonito, que demorou um momento para situar. Era Roxy.

88

Ela dançava com outra mulher, os braços envolvendo a cintura da parceira. Roxy inclinou-se e disse alguma coisa à garota, que riu e acenou com a cabeça. De braços dados, elas deixaram a pista de dança, esgueirando-se entre os corpos em movimento. Nick foi atrás.

As duas seguiram para o banheiro dos homens, embora no Altar o termo “banheiro dos homens” não fosse tão exclusivo quanto se podia imaginar. O banheiro dos homens ficava no que fora outrora a sacristia, e não era absolutamente restrito aos homens.

Era escuro, o ar impregnado pelos cheiros de fumaça — de tabaco e várias outras substâncias controladas — e Nick sentiu o ar fétido penetrar em seus pulmões. Conhecia todos os cheiros: *crack*, haxixe, maconha, e também cocaína, distribuída em um dos reservados. Havia homens e mulheres agrupados nas

sombras espectrais, inclinando-se sobre as diversas drogas oferecidas. Havia frascos de vidro de *crack* e outras embalagens descartadas por todo o chão, estalando como geada sob seus pés, quando Nick avançou pela semi-escuridão.

Roxy bateu na porta de um dos reservados, que foi aberta no mesmo instante. Catherine Tramell estava ali. Tinha os cabelos presos no alto da cabeça, com uma maquiagem tão carregada quanto a de Roxy. Na pouca claridade, parecia mais jovem do que os seus trinta anos. Se não soubesse com certeza, Nick a teria tomado por uma adolescente, como a companheira de Roxy. Uma garota de dezenove anos, ardente, querendo desfrutar o máximo de sensações logo no início da vida adulta.

Catherine não se encontrava sozinha no reservado. Seus braços enlaçavam um preto alto. Ele estava sem camisa, um homem enorme, os músculos intumescidos, o tronco esculpido em carne dura.

Segurava um tubo de vidro com cocaína sob o nariz de Catherine.

Ela aspirou, sôfrega. Havia uma crosta de cocaína na borda do frasco, e ela projetou a língua para lambar tudo.

Avistou Nick e sorriu, ao mesmo tempo em que sussurrava alguma coisa para seu corpulento companheiro. Ele seguiu a direção de seu olhar, fitou Nick e sorriu, com uma expressão divertida e desdenhosa, depois fechou a porta.

Ele podia esperar. Nick Curran vagueou pelo clube, fazendo o tempo passar, inspecionando tudo. Sentiu-se ao mesmo tempo repugnado e fascinado pela ação. Nos cantos escuros, vultos indefinidos se beijavam e acariciavam, homens com homens, mulheres com mulheres, uma mistura de sexos nos recessos do Altar.

A música continuava a vibrar, agitando o ar pesado. A cavalgada na pista de dança nunca perdia uma nota. Alguma coisa entre o tormento e a bem-aventurança se irradiava dos rostos suados. A noite, a cidade, o mundo inteiro, tudo fora comprimido naquele único espaço eletrizante. Não havia passado; parecia não haver a menor possibilidade de um amanhã. Havia 89

apenas o aqui e agora. O presente e o futuro eram medidos pelos segundos entre os parceiros na dança, nos minutos entre os drinques e as doses de cocaína. A música passava de repente de um ritmo para outro, mas a cadência febril não se atenuava por um instante sequer.

E, depois, Nick Curran tornou a vê-la. Ficou olhando, enquanto ela se movimentava ao som da música. Dançava com Roxy e o preto musculoso.

Estava entre os dois, o foco de ambos. O desejo deles, assim como a música, parecia preenchê-la, impulsionando seus movimentos frenéticos.

Catherine virou-se e avistou-o, continuou a dançar, olhando-o observá-la, com olhos famintos e febris. Provocava-o, espremendo-se entre os corpos de seus dois parceiros na dança. Eles a comprimiam entre seus corpos deslumbrantes, os quadris ondulando no mesmo ritmo.

Ela aceitava a veneração de ambos como algo que lhe era devido, mas seus olhos esquadrihavam o corpo de Nick, explorando-o como fizera na primeira vez em que o vira. Balançava entre os parceiros, esfregando-se contra eles, mas oferecendo seu corpo a Nick.

Ele sentiu uma onda de desejo envolvê-lo. Subitamente, toda a atmosfera do clube penetrou em suas veias, como um vírus, e também foi arrebatado pelo hedonismo puro e pagão do lugar e seus frequentadores.

Entrou na pista de dança, não era mais um observador, mas um participante.

Quase em transe, aproximou-se de Catherine, parou na sua frente, devorando-a com os olhos. A música vibrava e pulsava.

Catherine parou de dançar, fitando-o nos olhos, desafiando-o à sua maneira. E foi um desafio que Nick aceitou. Estendeu as mãos para ela, recolheu-a em seus braços. E ela se fundiu de encontro a seu corpo, beijando-o com ardor.

Nick agarrou-a pela nuca, retribuindo o beijo, a língua se aprofundando pela boca de Catherine. Os corpos se comprimiam, com toda força, como se estivessem colados. As mãos de Nick desceram agora para as nádegas firmes, puxando-a ainda mais, os quadris balançando no mesmo ritmo. Ele enfiou as mãos por baixo da saia, deslizando ardentes por sua pele nua. Ela beijou-o no ouvido, sussurrou:

— Vamos embora.

Deixaram Roxy na pista de dança, observando-os se afastarem, com uma fúria fria nos olhos azuis gelados.

90

Capítulo Quatorze

ESTAVAM NO QUARTO da casa de Catherine, dois corpos nus sobre a enorme cama de latão, o ato de amor ardente refletido em uma dúzia de espelhos, nas paredes e no teto.

Nick se encontrava por cima dela, comprimindo-a com todo o seu peso, o pau enfiado bem fundo, os quadris arremetendo com toda força. A língua de Nick passou pelo ombro, alcançando o pescoço, depois desceu para o sulco fundo entre os seios. Os lábios se fecharam sobre um mamilo, sugando-o.

Ela se contorcia por baixo de Nick, perdida na carnalidade bruta e pura do sexo que faziam. Arqueou as costas e comprimiu o seio contra a boca de Nick, soltando um grito estridente quando os dentes morderam com força o mamilo.

As pernas de Catherine estavam bem abertas, encurvadas, os tornozelos trançando as costas de Nick, como uma fivela de cinto. Suas mãos se contraíam em garras, as unhas vermelhas se cravando e rasgando a pele nas costas de Nick, deixando trilhas sangrentas. Quanto mais forte ele arremetia, mais profundos eram os cortes, mas a dor e o prazer se misturavam, zumbindo como uma droga em seu cérebro a mil. O sangue escorria pelas costas e, em filetes quentes e salgados, manchavam os lençóis brancos.

Ela saiu de debaixo de Nick, virou de barriga para baixo, oferecendo-se a ele. Nick estendeu as mãos, levantou-a pelos quadris. Ajoelhou-se por trás, beijou-a nas costas, a língua descendo pela espinha. E depois ele tornou a arremeter, e Catherine se contraiu, enquanto penetrava.

Depois, Catherine montou em cima dele, inclinando-se para seu rosto, a língua entrando em sua boca. Estendeu os braços de Nick para cima da cabeça, os seios balançando sobre o rosto no movimento. De debaixo de um dos travesseiros, ela tirou uma echarpe branca de seda, suspendendo-a sobre o rosto dele, a provocá-lo, desafiando-o a se submeter a um jogo que podia terminar em morte ou êxtase.

Os olhos de Catherine indagaram; os olhos dele responderam. Ela acenou com a cabeça, começou a amarrar as mãos dele na armação de latão da cama, com alguma folga, mas bem firme. Passou a língua pelos lábios, saboreando a impotência de Nick. Por um momento, ele sentiu uma mistura inebriante de medo e euforia. Catherine deslizou para baixo, por cima dele, parecendo atraí-lo para suas profundezas, compulsoriamente. Ela inclinou a cabeça para trás, empinando os seios. Nick se projetou em sua direção, erguendo os quadris ao máximo que podia. E de repente eles gozaram juntos. Ela respirou fundo, inclinou-se para a frente, sobre o peito de Nick, 91

os cabelos caindo sobre o rosto dele, um dossel dourado que envolvia os dois. Nick pôde sentir o corpo de Catherine estremecendo de prazer, tremendo com o delírio que a fazia vibrar toda.

Na calada da noite, silenciosa e escura, ele despertou. Não havia qualquer som, e a única claridade vinha da rua, refletindo-se de modo interminável nos espelhos. Ele virou-se para o lado da cama, ficou sentado ali por um momento, de cabeça baixa, como um animal exausto. Passou a mão pelas costas, sentindo a carne dolorida, as crostas de sangue ressequido. Catherine estava enroscada, mergulhada no sono. Nick esticou-se, depois se levantou, seguindo pelo caos do quarto até o banheiro.

A luz intensa no banheiro atingiu Nick como um golpe de um martelo. Parecia pálido e tenso, a pele em torno dos olhos flácida e amarelada.

— Essa não! – murmurou ele, para o seu reflexo.

A água da torneira era fria e revigorante. Ele molhou o rosto e os cabelos emaranhados de suor, e no mesmo instante sentiu que o cérebro desanuviava um pouco. Foi nesse instante que uma voz por trás dele declarou, suavemente:

— Se você não a deixar em paz, eu vou matá-lo.

O tom sugeria que Roxy falava sério. Nick olhou para o reflexo dela no espelho por cima da pia.

— Diga-me uma coisa, Roxy, de homem para homem. – Ele virou-se para fitá-la; e Roxy nem mesmo se deu ao trabalho de baixar os olhos para seus órgãos genitais. – Não acha que ela é a foda do século?

— Você me deixa enojada – disse ela, virando-se.

Nick soltou uma risada.

— Eu a deixo enojada? – Ele sacudiu a cabeça, como se fosse incapaz de acreditar no que acabara de ouvir. – Você gosta de assistir, não é? Há quanto tempo estava ali, Roxy?

Ela tornou a fitá-lo, com uma aversão evidente.

— Ela gosta que eu fique olhando.

— E você cumpre as ordens, hem, Roxy?

— Vá se foder – disse ela, afastando-se.

Catherine pairava na área cinzenta entre o sono e a vigília.

Aconchegou-se contra Nick, quando ele tornou a se estender na cama, roçando o corpo contra o dele, como uma gata.

— Nicky – murmurou ela, como uma criança se tranquilizando com o nome do pai.

Quando ele tornou a acordar, Catherine não estava mais na cama. O quarto parecia arrumado, a claridade entrava pelas janelas altas.

Havia um bilhete na mesinha de cabeceira: “Na praia — C.”

92

Nick tomou um banho de chuveiro quente, demorado e revigorante, vestiu-se e foi pegar seu Mustang, seguindo sem qualquer pressa para Stinson Beach. Sentia-se relaxado e poderoso, como só uma noite de amor ardente podia fazer com que se sentisse. E, no entanto, também se sentia apreensivo, sem saber direito que recepção o aguardava.

Catherine estava na frente da casa, como se o aguardasse. Como sempre, olhava para o mar.

— Bom dia – disse Nick

Ela acenou com a cabeça em sua direção, como se ele não passasse de um conhecido, uma pessoa com quem não tinha a menor intimidade.

Nick olhou para a casa, percebeu uma cortina se mexendo, teve um vislumbre de Roxy.

— Acho que ela não está aceitando muito bem.

— Quem não está aceitando o quê?

— Roxy. Nós.

— Ela já me viu foder com uma porção de homens. – Catherine fez uma pausa, depois acrescentou: – E não existe “nós”.

— Como você sabe? Ela parece estar por dentro. Talvez tenha percebido alguma coisa que nunca viu antes.

Catherine virou-se para fitá-lo, os olhos faiscando.

— Roxy já viu *tudo* antes.

Nick riu.

— Pensei que *eu* já tinha visto tudo.

O sorriso de Catherine abrandou-se, tornou-se um pouco mais cordial.

— Achou que foi tão especial?

Nick sorriu.

— Estou nos registros como tendo declarado que foi a foda do século.

— Já andou se gabando para seus companheiros?

— Não, eu me gabei para os seus. Roxy.

— E como ela reagiu?

— Nada bem. O que *você* achou? Da noite passada?

— Achei que foi um bom começo.

— Isso é tudo? E o que acha de Roxy? Ela é mais divertida?

Catherine sorriu, o seu sorriso insinuante.

— Você parece muito interessado em Roxy. Isso significa que gostaria que ela se juntasse a nós um dia desses?

— Ela se juntava a você e Johnny?

— Não. Johnny sentia-se intimidado.

Nick deu de ombros.

— E olhe o que aconteceu com ele.

Catherine afastou-se, seguindo por um caminho que descia para a praia, ao lado dos rochedos. Ele partiu apressado em seu calção.

93

— Diga-me, Nicky, você sentiu medo ontem à noite? – indagou ela, olhando para

trás.

Ele parou no meio do caminho.

— Foi esse o sentido, não é? Foi o que fez com que se tornasse tão bom, não é?

— Você não deveria entrar nesse jogo – declarou Catherine, muito séria.

Ela recomeçou a descer pelo caminho, na direção da praia. Nick seguiu-a.

— Por que não? Gosto desse jogo.

— Está perdendo o juízo, Nicky. Não vai acabar do jeito como você quer.

— Posso estar mesmo perdendo o juízo. Não me importo. Mas será assim que pegarei minha assassina.

Catherine sacudiu a cabeça.

— Não vai descobrir nada por meu intermédio. Não confesso todos os meus segredos só porque tenho um orgasmo...

— ...ou dois.

Ela sorriu.

— Ou dois. Mas você nunca saberá nada que eu não queira que saiba.

Nick segurou-a pelos ombros.

— Saberei, sim. E então a levarei para a cadeia.

— Não, Nick. Acabará se apaixonando por mim, e isso será tudo.

— Já estou apaixonado por você. – Ela tentou se virar, mas Nick a imobilizou, enquanto acrescentava: – Mas vou prendê-la de qualquer maneira. Pode escrever isso em seu livro.

O WAGON WHEEL é um bar ao estilo *country*, na esquina da Rua 14 com a Valencia, um lugar com uma boa vitrola automática e um chope barato, duas coisas que o tornavam um refúgio natural para Gus Moran, quando se sentia com ânimo de vaqueiro.

Nick Curran encontrou seu parceiro ali, debruçado sobre uma caneca de chope. Como muitos outros frequentadores do bar, Gus vestira-se a caráter, de *jeans*, camisa de vaqueiro e chapéu Stetson. Olhava sombriamente para o chope.

Nick sentou no banco ao lado, tirou o chapéu da cabeça de Gus e o pôs na sua, comentando:

— Calculei que o encontraria aqui.

— Está muito espertinho hoje. – Gus virou-se no banco. – Mas onde foi que se meteu? Fui ao seu apartamento. Nada.

Ele falava alto, alto demais, as palavras engroladas. Parecia se encontrar um ou dois chopes da embriaguez total.

— Calma, parceiro. Eu não estava em casa, isso é tudo.

— Fui até lá ontem à noite também.

— Também não fiquei em casa ontem à noite.

Gus tomou um gole comprido da cerveja, olhou firme para Nick, dando a impressão de que tentava decifrar um problema difícil, mas o cérebro turvado pelo álcool não cooperava. Finalmente, porém, ele acabou entendendo, e assumiu uma expressão sombria.

— Você... *fodeu* com ela! Porra, que filho da puta idiota! Não estava em casa porque saiu para comer aquela sacana! Não dá para acreditar!

Ficou completamente doído?

— Esfrie a cabeça, Gus. Não precisa se exaltar por isso. Não é nada que eu não possa controlar.

— Porra nenhuma! Não passa de um filho da puta estúpido, e vou me mandar daqui, porque você é azarento, e isso pode pegar. E não preciso de mais azar do que já tenho. Tudo o que posso controlar, muito obrigado.

Gus saiu do banco, começou a se encaminhar para a porta, cambaleando.

— Não se preocupe, Gus. Na próxima vez usarei uma camisinha.

Nunca se pode ter certeza do que vai irritar um bêbado. Por algum motivo, a referência a camisinha enfureceu Gus, que não teve a menor inibição em deixar que Nick e o resto do bar soubessem disso. Falando devagar e bem alto, ele disse:

— Estou cagando e andando para sua camisinha, Curran!

95

— Ei, Gus! – gritou o *bartender*, acenando com a nota. – Não está esquecendo uma coisa?

Ele sentia-se contente pela saída de Gus, mas também não podia admitir o calote. Nick resolveu o problema. Virou-se para o *bartender* e indagou:

— Quanto?

— Dezessete.

— Chopes ou dólares?

— Dólares.

Nick pôs uma nota de vinte no balcão.

— Fique com o troco.

Ele alcançou Gus Moran na calçada na frente do Wagon Wheel. Gus olhava fixamente para duas mulheres de meia-idade, ambas vestidas ao estilo *country*. Seguiam para o bar, mas Gus se interpunha entre elas e a porta.

— Camisinha – anunciou Gus.

— Você tem de se proteger – disse Nick – E uma coisa em que deve pensar.

— Para quê? Acha mesmo que vou arrumar alguma coisa na minha idade?

— Claro.

Gus acenou para as duas mulheres, cambaleando.

— Claro que ainda posso arrumar uma trepada... só que com mulheres de cabelos *azuis*, como essas duas. Mas não gosto delas, e você

sabe disso, Nicky. Não gosto de jeito nenhum.

— Isso é um problema.

Nick afastou Gus das duas mulheres ofendidas, puxando-o pela rua.

— Para onde está me levando?

— Está na hora de ficar um pouco sóbrio. Vamos tomar um café, comer alguma coisa... e num instante estará se sentindo como se tivesse um milhão de dólares no bolso.

— Aí está uma coisa que me atrai – murmurou Gus, pensativo.

O Mac's era uma lanchonete honesta, aberta a noite inteira. Ficava na Mason Street, perto do distrito dos teatros de San Francisco e do Tenderloin. Atraía uma mistura de frequentadores dos teatros, policiais, motoristas de táxis e turistas, e naquela noite todos os bancos no balcão estavam ocupados. Gus ficou olhando para uma gorda no balcão. Era uma turista, o que se podia constatar pela camisa do Fisherman's Wharf. Por um momento, pareceu que Gus ia lhe dizer alguma coisa, bastante ofensiva, sem dúvida. Nick arrastou-o para um reservado e sentou-o.

96

A comida no Mac's era boa, e o café ainda melhor. Nick se empenhou para que o parceiro pusesse no estômago mais do que o suficiente. Pediu um imenso prato de ovos e um *chili* com queijo e creme.

— Coma – ordenou Nick

Gus comeu, devorando a comida gordurosa com goles de café. Por alguns minutos, o único som na mesa foram os ruídos de sua mastigação.

— Sente-se melhor?

— Eu me sinto *ótimo!*

A voz alta sugeria que Gus podia estar ainda pelo menos um pouco de porre.

— Fale baixo – pediu Nick

— Não me mande baixar a voz, garoto!

Ele meteu na boca um punhado de *chili* com ovos, antes de perguntar:

— Como foi que a fodeu?

As pessoas olhavam para ele agora, lançando olhares irritados em sua direção. Gus parecia não notar; ou se notava, não se importava.

— Quer morrer, garoto? Qual é o problema? Ainda se sente aporrinhado por causa daqueles turistas? É isso, continua angustiado por causa de uma coisa que aconteceu há muitos anos. E se sente tão mal que está disposto a se meter no caminho de um furador de gelo. Foi isso que planejou, certo?

— Gus, não é...

Gus alteou a voz:

— Sempre temos muitos turistas aparecendo por aqui. Uma porrada de turistas, e não se sabe de onde eles vêm.

— Pare com isso, Gus.

— Estou puto da vida com você, garoto, puto da vida. E quer saber por quê? Vou explicar. Porque você não tem um pingo de juízo para ficar com medo daquela mulher. Não tem medo dela, não é?

— Não, não tenho.

— E por que não?

Nick sacudiu a cabeça lentamente.

— Não sei. Apenas não tenho medo dela.

— É a xoxota dela que o fascina, garoto. É tudo uma questão de xoxota.

A turista gorda no balcão largou seu hambúrguer e lançou um olhar irritado para Gus. Ele sorriu e piscou para ela.

— Não é, não – insistiu Nick

— Claro que é. Você só escuta a xoxota daquela mulher. Porque sei que não está escutando seu próprio cérebro.

— Sei o que faço.

— Não, não sabe. – Gus tomou mais um pouco de café, pôs o chapéu na cabeça.
– Escute, garoto. A Assuntos Internos resolveu investigar Martin Nilsen. E foi muito interessante.

— O que descobriram?

— Não me apresse. Muito interessante, como eu disse, e os caras estão fazendo tudo o que é possível para impedir que alguém de fora saiba.

Mas o velho Gus, amigo de todo mundo, inimigo de ninguém, acabou sabendo.

— Sabendo o quê?

— Que a Assuntos Internos descobriu um cofre particular num banco com cinquenta mil dólares. Ele alugou-o há três meses. Só esteve lá uma vez. Guardou o dinheiro e nunca mais voltou. Se fosse eu, iria lá de dois em dois dias, pode me entender?

Gus ofereceu um sorriso obscuro para a turista gorda, realmente querendo comê-la.

— Mas isso não faz sentido. Ela nem me conhecia há três meses.

— Talvez não tenha sido ela quem pagou. Você está na Assuntos Internos, as possibilidades de ganhar uma grana por fora são grandes.

Afinal, quem ficará de olho em você? Está na AI, não precisa se preocupar com a AI. Estou certo, não?

— Ela pagou a Nilsen.

Gus Moran deu de ombros.

— E que porra eu posso saber sobre isso? Não passo de um velho vaqueiro da cidade, tentando não cair da sela.

— Vamos sair daqui.

— Certo, parceiro.

Quando chegaram ao Seville 1980 de Gus, todo amassado, ele teve alguma dificuldade para abrir a porta. Era evidente que não se encontrava em condições

de guiar.

— Quer que eu guie para você, Gus? Sabe o que dizem sobre amigos não deixarem amigos...

— Não estou de porre.

— Sei disso. Apenas pensei que poderia querer que eu o levasse em casa, só para não ter de se preocupar com isso.

— Naquela porra do seu carro? De jeito nenhum. Não quero tirar a aposentadoria por invalidez. Quero uma pensão completa por tempo de serviço e um relógio Seiko com ouro de verdade quando sair do departamento.

Gus tinha um argumento aí. O banco da frente do velho e enferrujado Caddy era tão largo e confortável quanto um sofá de sala de estar. O

Mustang era apertado demais.

— Vamos embora. Eu o levarei nesta coisa.

Gus assumiu uma expressão profundamente ofendida.

98

— Esta “coisa”, garoto, por acaso é um Cadillac. Acha que eu o deixaria guiar meu Cadillac? Não vou deixar nenhum porra-louca como você guiar meu Cadillac.

— Gus...

— Vá se foder, garoto. Eu vou me mandar.

Ele entrou no carro, ligou o motor. Acelerou duas ou três vezes, como se fosse um carro de corrida, depois partiu, saindo a toda do estacionamento, deixando marcas de borracha e uma trilha de fumaça em sua esteira. A três quarteirões de distância, Nick Curran ainda podia ouvir o ranger dos freios do velho Cadillac. Balançou a cabeça. Só podia torcer para que Gus chegasse em casa inteiro.

Devagar, ele se encaminhou para seu carro. Repetiu as palavras de Gus no cérebro, várias vezes, pensando em Nilsen e Catherine Tramell.

Como ela fizera o contato? Como descobrira que ele poderia obter a ficha de Nick? Claro que não havia qualquer prova de que ela obtivera a ficha por

intermédio de Nilsen. A única resposta fácil que ele encontrou foi a de que havia um motivo para as ações de Nilsen: ele vendera a ficha porque odiava Nick Curran. O dinheiro era apenas algo mais, um pequeno extra.

Nick se encontrava tão absorvido em seus pensamentos que não notou um carro que vinha logo atrás, seguindo-o. Não notou até que a pessoa ao volante acelerou e tentou atropelá-lo.

Não há som igual ao do motor de um Lotus em plena potência. O

carro preto disparou pela via estreita como uma granada de artilharia, avançando em sua direção. Nick teve um vislumbre rápido do carro no instante em que o atingiu, jogando-o por cima do capô. A pessoa ao volante pisou no freio. O Lotus parou com os pneus cantando. O motor tornou a rugir, engrenado em ré, o carro recuou na direção de Nick

Ele pulou para fora do seu caminho, subindo pelo Mustang, no momento em que o Lotus tentava mais uma vez atropelá-lo.

A pessoa ao volante — Catherine? — decidiu que duas tentativas de homicídio eram o suficiente para uma noite. O carro tornou a disparar pela rua, virou à direita, derrapando.

Nick se ajeitou ao volante do Mustang em poucos segundos e partiu no encalço do Lotus. Avistou o potente carro preto virando à esquerda na Valencia.

O Lotus seguiu para North Beach, passando a toda pelas ladeiras, subindo sem o menor esforço. Passou pela área intensamente iluminada de bares de *topless* e teatros pornôs na Broadway, subiu a ladeira para a Vallejo, depois a Kearny e a Green. Nick ia logo atrás, o motor do Mustang despejando toda a sua potência.

O Lotus se encontrava agora na Telegraph Hill, o ponto mais alto do centro de San Francisco, uma colina tão íngreme que algumas das ruas não passam de longas escadarias, com degraus de concreto. Nick engrenou a 99

primeira no Mustang e calcou o acelerador até o fundo, apontando o carro a protestar por uma das escadarias. Sua intenção era alcançar um ponto de encontro no alto da colina, um lugar em que poderia interceptar o Lotus.

O Mustang sacolejou pelos degraus de concreto, o cano de descarga e o silenciador se arrebetando, cada junta na estrutura protestando, mas o motor potente levou-o até o alto da escadaria. Ele fez uma curva fechada para entrar na Kearny.

Os faróis do Lotus agora seguiam direto para cima dele, um jogo de gato e rato com dois carros potentes. Nick comprimia o acelerador, partindo para a colisão de frente com o Lotus. No último momento possível, a pessoa ao volante do Lotus perdeu a coragem e tentou se desviar na rua estreita. Só que não havia espaço.

O motor rugindo, o carro virou de lado e mergulhou no buraco para as fundações do novo Centro Moscone. Capotou duas vezes, parou com as rodas viradas para cima. E quando Nick lá chegou, descobriu que era Roxy quem estava ao volante. Ela pendia pela porta parcialmente aberta, o pescoço quebrado. Não muito longe, sirenes da polícia gemiam.

Nick Curran assumiu uma excelente caracterização do cidadão comum, prestando um depoimento ao guarda, que anotou tudo meticulosamente em seu relatório de acidente, depois entregou a Nick para que o assinasse.

Mas não era um acidente comum. Não são muitos os acidentes de carro que atraem a atenção dos detetives Sullivan e Morgan, da Divisão de Assuntos Internos do Departamento de Polícia de San Francisco, ou do Tenente Walker, Chefe da Homicídios.

Walker arrancou o depoimento das mãos de Nick, sacudiu-o debaixo de seu nariz.

— Esta merda é seu depoimento? Vai mesmo assinar isto?

— Por que não? – Nick pôs um cigarro na boca, acendeu-o, sacudiu o fósforo para apagá-lo. – Por que não deveria? Foi um acidente.

Walker bateu com a outra mão no depoimento, como se tentasse punir as palavras escritas ali.

— Deixe-me ver se entendi direito, Curran. Você passava por North Beach, sem qualquer motivo específico, e esse carro não saiu da sua frente.

E ainda me diz que foi um acidente?

— Ora, Phil, não posso acreditar que ela tivesse a intenção de capotar e cair no buraco.

— Deixe-me falar com ele por um minuto – pediu Sullivan.

Walker acenou para que o cara da Assuntos Internos se afastasse e acrescentou para Nick

— Não tente me sacanear, Nick. Não preciso de nenhum motivo para encaná-lo.

Sullivan interveio:

— Nome completo da falecida... Roxanne Hardy. Último endereço... alguma pocilga em Cloverdale. Sem antecedentes, sem condenações. O carro está registrado em nome de Catherine Tramell. – Ele fechou seu caderninho de anotações, com um estalo. – Mundo pequeno, hem, Curran?

Walker olhou para Nick como se quisesse matá-lo, ali e agora.

— Quer dizer que você a conhecia?

Nick deu de ombros.

— Gus e eu falamos com ela na casa de Tramell. Mas tudo o que fizemos foi anotar seu nome.

Walker estava à beira de explodir.

— Anotou o nome dela, e depois... surpresa! Ela joga seu carro num buraco bem na sua frente e morre. É isso o que está me dizendo? E espera que eu acredite?

Nick jogou a ponta do cigarro no chão.

— Isso é tudo o que sei.

— Então vá se foder, Nick! Eles podem fazer o que bem quiserem com você que não me importo mais. – Walker começou a se afastar, mas parou depois de uns poucos passos. – Lembre-se, Nick, foi você quem fez isso consigo mesmo. É o único culpado.

— Não esquecerei, Tenente.

— Eu lhe disse para ficar longe de Tramell. Era uma ordem.

— Sei disso, mas não me disse para ficar longe de seu carro.

— Idiota! – murmurou Walker.

— Você está fora de controle, Curran – disse Sullivan. – Quero você na sala da Dra. Garner amanhã de manhã, às nove horas.

— É mesmo? E a quem vocês vão vender minha ficha desta vez? *The National Enquirer*?

Dois atendentes do necrotério tiravam o cadáver de Roxy de trás do volante naquele momento. Seus olhos sem vida e sem vista estavam abertos e fixados em Nick

101

Capítulo Dezesesseis

NICK FORA PARA a cama cedo, sóbrio e sozinho, pois parecia muito bem e no controle de si mesmo quando chegou à chefatura de polícia, na manhã seguinte. Beth o esperava na sala de interrogatório, mas não estava sozinha. Sentados à mesa, ao seu lado, havia dois homens, um baixo e calvo, dando a impressão de ser um contador. O outro tinha cabelos prateados, aparência elegante, dentes bem encapados e um Rolex de luxo no pulso. Nick nunca vira um agente de Hollywood, mas aquele cara parecia o que ele imaginava que um agente seria. Os dois, no entanto, eram psiquiatras, chamados para lhe aplicar uma sessão de análise de terceiro grau. Um olhar para os dois e ele sentiu a raiva aflorando, o controle escapulindo.

— Este é o Dr. Myron, Nick – disse Beth, apontando para o que parecia um contador. – E este é o Dr. McElwaine.

— Bonitos nomes – comentou Nick, irritado.

Os três psiquiatras riram, apreensivos.

— Foram convidados a me assessorar nesta sessão – acrescentou Beth.

— “Foram convidados”... Está querendo dizer que não foi você

quem os chamou. Foram impostos por pessoa ou pessoas desconhecidas no Departamento de Polícia de San Francisco, correto?

Nenhum dos psiquiatras escreveu qualquer anotação, mas quase que se podia ouvi-los iniciarem suas observações: agressivo, hostil, propenso a discussões, antagonônico, ressentido com a autoridade.

— Ambos são psiquiatras eminentes, Nick. Prezo suas opiniões e experiência, sinto-me grata pela ajuda.

— Por que não se senta? – sugeriu o Dr. Myron.

— Boa ideia – respondeu Nick, o tom ríspido. – Fico contente que tenha pensado nisso, Doc. Nunca teria me ocorrido.

Houve outra rodada de risos contrafeitos. Nick sentou, e por um longo momento os três psiquiatras o fitaram em silêncio. Ele sustentou os olhos. Foi McElwaine quem rompeu o silêncio:

— Nick, soubemos pela Dra. Garner que ultimamente você vem experimentando alguma dificuldade para se controlar. É isso mesmo?

— Só em relação a uma pessoa.

— Acha que o Tenente Nilsen merecia morrer? – indagou o Dr.

Myron.

— Se merecia morrer? – Nick deu de ombros. – Não faço julgamentos desse tipo.

— Mas sente remorso pela morte dele?

102

— Remorso? Eu só sentiria remorso, Doc, se tivesse alguma coisa a ver com sua morte. E não tive. Está querendo saber se sinto algum pesar? –

Nick tornou a dar de ombros. – Não conhecia o cara muito bem. Digamos apenas que não sentirei saudade.

— Mas sentiu alguma satisfação por sua morte? Isso é uma declaração aberta?

— É uma declaração doentia, Doc. Ninguém... nenhuma pessoa sã, pelo menos... sente satisfação com uma morte. Muito menos eu.

Nick cruzou os braços, com um ar de quem encerrava aquele assunto.

McElwaine lançou um olhar preocupado para seu colega e decidiu tentar uma abordagem diferente. Sua voz era cortês e paternal, o sorriso caloroso exibindo os dentes impecáveis.

— Quando recorda sua infância, Nick, as lembranças são agradáveis? Ou algumas o perturbam?

Nick olhou em silêncio para seu inquisidor por meio minuto, trinta segundos de

raiva e incredulidade. Conseguiu evitar que a irritação transparecesse em sua voz, mas não a incredulidade.

— Muito bem – disse ele, calmo e objetivo. – Número um: não me lembro de quantas vezes toquei punheta, mas sei que foram muitas.

Beth Garner fechou os olhos e sacudiu a cabeça. Nick Curran não era mesmo capaz de se controlar. Nunca faria a si mesmo o favor de se amoldar às circunstâncias. Nick elevava a voz:

— Número dois: nunca fiquei puto da vida com papai, mesmo depois que tive idade suficiente para saber o que ele fazia com mamãe no quarto.

— Nick – sussurrou Beth –, *por favor*.

— Deixe-me acabar. Número três: não dou uma olhada na latrina antes de puxar a descarga. Número quatro: não mijó na cama há muito tempo.

— Nick! – implorou Beth.

— E número cinco: vocês podem ir se foder, porque eu vou me mandar daqui.

Ele se levantou e saiu da sala. Ao se afastar, ouviu o Dr. Myron exclamar:

— Incrível!

Beth partiu atrás dele, disparando pelo corredor, no esforço para alcançá-lo. Estava zangada e magoada ao mesmo tempo e segurou-o pela manga do paletó, tentando fazer com que parasse.

— Qual é o seu problema? – Beth também se encontrava prestes a perder o controle. Lutava para conter suas emoções. – Estou tentando ajudar. Por que não me deixa ajudá-lo?

Nick desvencilhou-se, continuou a seguir pelo corredor.

— Não quero sua ajuda. Não preciso de nenhuma ajuda. Está me entendendo?

103

— Claro. Alguma coisa está acontecendo com você. Foi para a cama com ela, não é?

Ele parou, virou-se.

— Afinal, Beth, por que o seu interesse por ela? Ciúme?

— Meu interesse é por *você* , não por ela. Aquela mulher seduz as pessoas. E as manipula. É capaz de qualquer coisa.

— Pensei que mal a conhecia.

— Conheço o tipo. Já esqueceu que sou uma analista? Estudei pessoas como ela. Analisei pessoas como ela.

— Ah, a psicologia! Isso não significa que você também manipula as pessoas, Beth? É uma psicóloga *praticante* . O que significa que é melhor nisso do que ela. E ponto final.

Ele virou-se e tornou a se afastar pelo corredor, mas desta vez Beth Garner não o seguiu.

— Lamento por você, Nick

Ela deu de ombros e partiu na direção oposta. Não havia mais nada que pudesse fazer por ele.

Nick chegou à casa de Catherine Tramell em Stinson pouco antes de uma hora da tarde. O nevoeiro intenso na Rodovia 1 retardou-o. A neblina também era espessa no penhasco, envolvendo a casa e isolando-a por completo do mar.

A casa parecia deserta, mas o Lotus branco estava estacionado na frente. Mesmo que não estivesse ali, Nick sabia que seria em Stinson que a encontraria. Stinson era seu refúgio, seu abrigo, sua fortaleza, sua torre de marfim.

Ela não atendeu à batida na porta. Hesitante, inseguro, Nick abriu-a e chamou:

— Catherine?

Não houve resposta.

A casa se achava escura e sombria, todas as cortinas fechadas contra o nevoeiro. Parecia impregnada pelo luto, dominada por um silêncio tão profundo que dava quase a impressão de que se podia estender a mão e tocá-lo.

Nick parou no meio do vestibulo escuro, escutando. Além do silêncio, havia um som, mínimo, um pequeno rangido, a intervalos de poucos segundos, regular como um relógio. Nick atravessou o vestibulo, seguindo o som como um cão de caça numa trilha, parando depois de uns poucos passos para se orientar.

Catherine estava sentada numa cadeira de balanço, num canto da sala de estar, balançando gentilmente para a frente e para trás. Fitou-o com olhos arregalados e avermelhados. Os cabelos se achavam emaranhados, as 104

faces contraídas da falta de sono. Não dormira, isso era óbvio, e tinha o rosto manchado de lágrimas.

Desviou os olhos de Nick, começou a falar com evidente hesitação.

A autoconfiança desaparecera, substituída pela dúvida e tristeza.

— Depois que você foi embora, quando estive aqui na praia, voltei para casa. Ela me fitou de maneira estranha. E foi embora logo depois de você. — Catherine Tramell passou as unhas pelos cabelos desgrenhados.

Balançou a cabeça, lentamente. — Eu não deveria ter permitido que ela... não deveria deixar que ela nos visse naquela noite. Mas ela queria olhar.

Disse que sempre queria me olhar. Todo o tempo.

Catherine tornou a se virar para Nick, fitando-o com a mesma expressão que ele vira na primeira vez em que a encontrara.

— Ela tentou matá-lo, não é, Nick?

Ele não deu uma resposta direta.

— Você gostava que ela olhasse?

— Acha que eu disse a ela para matá-lo?

Nick concluíra que já conhecia a resposta a essa pergunta. Sacudiu a cabeça.

— Não, não creio que você teve algo a ver com isso.

Catherine olhou na direção do mar.

— Todo mundo de quem eu gosto... morre.

Ele se ajoelhou por trás dela, pôs as mãos em seus ombros, massageando-os com os dedos fortes. Catherine estremeceu ao contato.

Nick baixou as mãos, puxando a camisa aberta, acariciou os seios, gentilmente.

— Eu não estou morto – murmurou ele.

Ela esfregou o rosto contra seu braço, como uma gata suplicando pela atenção do dono.

— Por favor, Nick, por favor, faça amor comigo...

A única claridade na sala de estar vinha da lareira. Uma chuva fria vinha do Pacífico e se derramava sobre o telhado da casa, fustigava as janelas. O ato sexual fora intenso, tão vigoroso quanto antes, mas sem a angústia e o jogo. Fora tranquilizante, o amor apaziguador entre duas pessoas que se amam, não o embate frenético e desvairado de dois rivais eróticos.

Catherine aninhava-se agora nos braços de Nick, satisfeita, mas também invadida pela melancolia que às vezes sucede ao sexo, com o retorno do mundo real. Ela se manteve em silêncio por um longo tempo, depois sussurrou:

— Em que está pensando?

— Pensava... pensava que estava errado.

— Errado? Sobre o quê?

105

— Sobre você. Sobre Roxy.

— Roxy?

Nick beijou-a de leve na testa.

— Acho que ela pode ter matado Boz.

Catherine estremeceu um pouco, como se ele a tivesse beliscado.

— Matado Johnny? Por quê? Para se vingar de mim? Roxy não faria isso. Ela me amava. Não ia querer me prejudicar. Jamais seria capaz de me incriminar desse jeito.

— Ela ficou com ciúme de mim. Talvez também sentisse ciúme de Johnny.

— Não sentia – garantiu Catherine, com firmeza. – Roxy não era desse tipo. Nunca sentia ciúme. Pelo menos não antes de você. Ficava excitada.

Nick deu de ombros.

— É uma pena que não possamos interrogá-la a respeito.

Catherine virou-se, a cabeça no ombro de Nick, os cabelos espalhados sobre seu peito, formando uma poça dourada.

— Não tenho sorte com as mulheres.

Nick sorriu.

— Nem eu. Isto é, até agora.

Ela ignorou a irreverência.

— Havia uma garota. Quando eu estava na faculdade, fui para a cama com ela uma vez. E depois ela...

Catherine levou a mão à boca, como se tentasse se impedir de dizer mais alguma coisa.

— O que aconteceu com ela? – perguntou Nick – O que ela fez?

Machucou você?

Catherine Tramell balançou a cabeça.

— Não, não fisicamente. Ela se tornou obcecada por mim. Começou a tirar fotos de mim. Pintou os cabelos. Copiava minhas roupas. Seguia-me por toda parte. Lisa alguma coisa, era o seu nome... Lisa Oberman. –

Catherine estremeceu à recordação. – Era horrível.

Nick afagou-lhe os cabelos, como se acalmasse uma criança despertada por um pesadelo.

— Pensei que não fizesse confissões – disse ele, com grande ternura.

Catherine fitou-o nos olhos.

— Nunca fiz. Esta é a primeira vez.

A claridade do dia entrava pelas janelas quando Nick Curran acordou.

Estava sozinho, e o nome “Lisa Oberman” zumbia em sua mente, tão persistente quanto uma mosca numa porta de tela. Virou-se, meio esperando encontrar um bilhete na mesa, avisando que Catherine voltara à

cidade. Mas não havia nada. Ele ficou imóvel, escutando. Não havia qualquer som na casa, apenas o marulho interminável das ondas na praia.

Nick levantou-se, vestiu a calça e a camisa, saiu à procura de Catherine. Ela não se encontrava na casa, nem na varanda, contemplando o mar. O Lotus continuava parado na frente. Catherine não podia ter ido longe.

Ele desceu pela trilha nos rochedos até a praia, descobriu que estava deserta. Deu uma espiada na cabana que havia ali, a poucos passos da linha de rebentação. Nenhum sinal de Catherine. Mas sentia-se confiante de que acabaria por encontrá-la. Suspirou e olhou para o mar, erguendo o rosto para o sol, relaxado e contente.

E foi nesse instante que alguém o golpeou com toda força pelas costas.

Nick reagiu depressa, puxando a pessoa por cima do ombro e jogando-a na areia. Arriou no instante seguinte, o joelho apontado para a garganta da pessoa.

— Nick! – berrou Catherine. – Pare!

Ela estava esparramada na areia, rindo e assustada ao mesmo tempo.

Nick deixou escapar um suspiro de alívio por ter sido a vítima de uma brincadeira de Catherine, não de um ataque real.

— Puxa, como você é nervoso! – exclamou ela, com uma risada.

Nick detestou admitir para si mesmo a verdade de suas palavras.

— Ainda empenhada em seus jogos, hem?

Ela balançou a cabeça, estendida na areia.

— Não há mais jogos. Os jogos acabaram. Saia de cima de mim, Nick. Deixe-me levantar.

Ele se ergueu, ajudou-a a ficar de pé, limpando a areia de suas roupas.

Catherine sacudiu a cabeça, como um cachorro se livrando de água.

Começaram a subir pela praia, na direção da casa. Mas logo ela parou, arriou numa das cadeiras de vime, na frente da cabana.

— Chega de jogos – murmurou ela. – É uma promessa.

— Uma promessa? Então me fale sobre Nilsen.

Os olhos dela exibiram um brilho divertido.

— Posso lhe contar tudo, mas sei que não vai acreditar.

— Experimente.

Catherine deu de ombros.

— Vi o nome dele nas reportagens do *Chronicle* a seu respeito.

Procurei-o e fizemos um acordo. Cinquenta mil dólares em dinheiro... ele insistiu nesse ponto... em troca de sua ficha. Sua ficha na polícia, seu perfil psiquiátrico. Tudo, enfim.

Ela falava com a maior despreocupação. O rosto de Nick se contraiu.

— Quando?

— Cerca de três meses antes de eu conhecê-lo.

107

— Por quê?

— Já sabia muita coisa a seu respeito pelos jornais. Lera as matérias sobre o tiroteio. E me sentia intrigada. Decidi escrever um livro a respeito de um detetive. Um detetive muito parecido com você.

— Eu diria que ele parece exatamente comigo.

— Queria saber o máximo possível sobre meu personagem – acrescentou Catherine, com alguma veemência. – Isso é tudo.

— E pagou cinquenta mil dólares por seu *personagem*? – indagou Nick, incrédulo.

Ela não parecia arrependida. A vulnerabilidade da noite anterior fora substituída pela segurança habitual.

— Pagaria até mais. Queria saber tudo a seu respeito. Foi então que você veio até aqui, depois da morte de Johnny. Isso me oferecia uma oportunidade de conhecer meu personagem ainda melhor.

— E o que me diz daquela primeira noite? – perguntou Nick – E da noite passada? Foram apenas uma pesquisa? Talvez tenha feito tudo aquilo só para conhecer seu personagem um pouco melhor.

Catherine estudou o rosto dele por um longo momento, depois desviou os olhos.

— Talvez eu esteja perdendo o interesse por meu livro, por meu personagem. Talvez eu esteja aprendendo a gostar da coisa real.

— Isso é verdade?

— Não acredita em mim?

— Não sei.

— Pois vou convencê-lo.

Ela enlaçou Nick, beijou-o lentamente. O calor do beijo ardia nos lábios de Nick. Ele sentiu um súbito excitamento dominá-lo, apertou-a com força, retribuiu o beijo.

Catherine tentou se desvencilhar quando o telefone sem fio na cabana começou a tocar, mas Nick a deteve, murmurando:

— Deixe tocar.

Mas ela se afastou, foi atender ao telefone, escutou por um momento, depois estendeu o aparelho para Nick

— É para você.

— Quem é?

— Gus... o Gus que não gosta de mim.

Ele pegou o telefone, enquanto Catherine se comprimia contra seu corpo, beijava-o no rosto, quase o impedindo de falar com o parceiro.

— Catherine diz que você não gosta dela, Gus. Não posso acreditar.

É verdade?

— Ela está certa – resmungou Gus. – Já ganhou seu furador de gelo?

Nick passou as mãos pelo corpo, como se verificasse se havia ferimentos

profundos.

108

— Ainda não.

— O que ele disse? – perguntou Catherine.

— Queria saber se eu já ganhara um furador de gelo.

— Muito engraçado – murmurou Catherine.

— Ela não achou nada engraçado, Gus.

— Estou cagando e andando para o que ela acha. Conhece aquela história de julgar as pessoas por seus amigos, Nicky?

— Não acredito nisso, Gus.

— Não acredita? E por que não?

Nick sorriu.

— *Você* é meu amigo, Gus.

— É melhor começar a acreditar, meu amigo, porque vou fazê-lo perceber a loucura dos seus atos.

— Vai mesmo? E como pretende fazer isso?

— Porque, Nick Pé-no-Saco Curran, você acaba de ganhar uma viagem de ida e volta, com todas as despesas pagas, a um local do crime fascinante.

Nick sentiu um choque percorrer-lhe o corpo.

— Santo Deus! Quem foi agora, Gus?

— Levou um susto, hem, garoto? Relaxe, não é ninguém agora.

Aconteceu há muito tempo. Mas creio que é pertinente. Gostou dessa, Nicky? Pertinente.

— E onde fica esse local do crime fascinante e pertinente?

— Na exótica Cloverdale, garoto. Portanto, entre em seu carrinho de menino,

que não passa de um monte de bosta, e dispare a toda pela 101, até Cloverdale. Eu o encontrarei na delegacia de polícia dali dentro de duas horas. Gus riu e depois bateu o telefone.

109

Capítulo Dezesete

CLOVERDALE NÃO ERA a cidadezinha mais chata e mais tranquila da Califórnia Setentrional, mas figurava com certeza entre as dez mais. Ficava no condado de Sonoma, e era a última cidade antes do condado de Mendocino. Ao contrário de outras pequenas cidades de Sonoma, como Geyserville, Healdsburg e a própria Sonoma, não havia nada de atraente ou em voga em Cloverdale. O condado de Sonoma era famoso como uma região produtora de vinho. Muitas das cidadezinhas e aldeias tinham aquele ligeiro ar europeu que acompanha com frequência os centros vinícolas — bons restaurantes, lojas elegantes. Mas não há

vinicultura em Cloverdale. A grande indústria é a de laticínios e a única coisa que distinguia a cidade era o fato da Rodovia 101, a desgraciosa via norte-sul, ser também a sua rua principal. Era margeada por uma sucessão irregular de paradas de caminhões e lanchonetes, pequenos centros comerciais e motéis. Em tudo e por tudo, Cloverdale parecia um lugar improvável para um assassinato. Ainda mais um assassinato tão estranho como o que Gus descobrira ali.

Nick se aproximava dos arredores da cidade quando percebeu que ouvira recentemente alguma coisa sobre Cloverdale. Fora na noite de seu perigoso duelo com Roxy, ao volante do Lotus. Um dos caras da Assuntos Internos identificara Roxy como... Roxanne Hardy. E Nick quase que pôde ouvir a voz de Sullivan: “Roxanne Hardy. Último endereço... alguma pocilga em Cloverdale. Sem antecedentes, sem condenações.” Aquela súbita e inesperada viagem ao condado de Sonoma tinha alguma coisa a ver com ela.

Nick encontrou Gus na frente da delegacia, na rua principal da cidade. Ele estava encostado no pára-lama amassado de seu velho e enorme Cadillac, comendo um sanduíche gorduroso, comprado num dos estandes à

beira da estrada, no aprazível centro de Cloverdale.

— Foi muita gentileza sua ter vindo, garoto.

Gus Moran amassou o papel do sanduíche e jogou-o para longe. Não que ele não

acreditasse em manter a América bela. Apenas estava convencido de que era tarde demais para Cloverdale.

— Que história é essa, Gus? Afinal, o que tem aqui, *além* de Roxy?

Gus sacudiu um dedo para Nick.

— Mas que cara esperto tenho como parceiro! Calculou tudo sozinho, hem?

— Só não sei que porra estamos fazendo aqui.

— Deixe-me adivinhar, garoto. Aposto que passou a última noite trepando com a tal de Catherine Tramell, certo? Pois enquanto você trepava 110

com ela, eu estava na chefatura trepado naquele computador nojentão e descobrindo algumas coisas. Coisas que não deveria partilhar com você, mas que se dane. Achei que poderia servir como um presente de despedida.

— Despedida? Para onde eu vou?

— Essa decisão será tomada, Nicky, logo depois que aquela doida enfiar um lindo e afiado furador de gelo em sua garganta. Para o céu, para o inferno... não sei dizer. Mas posso adivinhar.

— Você está muito engraçado esta manhã, Gus.

— Tem toda razão. É uma das coisas que as mulheres apreciam em mim, o senso de humor. – Ele começou a subir os degraus da delegacia. –

Vamos logo, Nicky. Não devemos deixar essa boa gente à espera.

A reunião foi com uma policial, uma sargento chamada Janet Cushman, que chefiava a seção de delinquência juvenil, formada por três pessoas, para a cidade de Cloverdale. O caso de Roxanne Hardy ocorrera antes de seu tempo, mas Cushman sabia de tudo a respeito.

— A maior coisa que já aconteceu em termos de delinquência juvenil, pelo menos nesta cidade – declarou ela. – Antes disso, só houve problemas menores... passeios em carros roubados, arrombamento de máquinas automáticas de balas, esse tipo de coisa. Desde a década de 1950.

Nicke e Gus acenaram com a cabeça, compreensivos. Na adolescência, também haviam cometido sua quota de delinquência juvenil.

— Foi por causa desse caso que criaram minha seção. Logo depois que Roxanne Hardy liquidou os irmãos menores, todos tinham certeza de que Cloverdale sofreria uma onda de crime juvenil. Por isso, formaram esta unidade. Mas não houve homicídios. Pelo menos ainda não. A maioria é de casos de abuso.

— Podemos ver a pasta, Sargento? – perguntou Nick

Cushman já havia separado a pasta. Empurrou-a por cima da mesa.

— À vontade. Mas não podem tirar cópia de nada sem permissão do chefe.

— Não se preocupe – garantiu Nick

A primeira coisa que ele tirou da pasta parda foi uma fotografia em preto e branco do local do crime, mostrando dois meninos estendidos no que parecia ser uma poça de lama, num jardim. A lama era uma poça do sangue dos meninos, e o fotógrafo fora meticuloso, tirando uma chapa clara e precisa dos cortes nos pescoços finos.

Nick tinha uma ampla experiência de cadáveres em carne e osso e em fotografias lustrosas e implacáveis como aquela. Mas havia algo ali que o deixou um pouco nauseado. Era a violência de criança contra criança num jardim de uma comunidade suburbana. As vítimas tinham sete e nove anos de idade. Havia também um retrato de Roxy, mas este não fora tirado por um fotógrafo da polícia. Havia sido tirado de um álbum de família.

111

Mostrava uma garota de tranças, com aparelho nos dentes, sorrindo para a lente de uma velha Kodak de alguém.

— Quantos anos ela tinha quando fez isso? – perguntou ele a Cushman.

— Quatorze anos. Como eu disse, foi o maior crime juvenil já

cometido aqui. Ela teria de esperar quatro anos para matá-los, se quisesse ser julgada como uma adulta.

Nick ficou perplexo.

— Mas Sullivan disse que ela não tinha antecedentes, nem condenações.

— Ela nunca foi presa. Nunca foi julgada. Mandaram-na para uma instituição especial. Como uma pequena Atascadero... só para crianças.

Atascadero era o manicômio judiciário da Califórnia.

— Não encontrei o caso na ficha de antecedentes – explicou Gus. –

Foi preciso um pouco de pensamento criativo. Verifiquei os arquivos dos serviços sociais e de saúde do estado, procurando por qualquer referência a Roxanne Hardy como interna.

— Por que decidiu fazer isso, Gus?

— Por quê? Ora, porque ela era completamente pirada, garoto, e calculei que acabaria encontrando alguma coisa nos arquivos de malucos do estado. – Ele deu de ombros, arrematando: – Afinal, não tinha mesmo nada para fazer ontem à noite.

— Houve um motivo? – indagou Nick

No mesmo instante, ele sentiu-se tolo por ter formulado a pergunta.

Podia ter sido um crime adulto, mas fora uma criança que o cometera. O motivo não entrava naquele caso. Gus soltou uma risada.

— Motivo? Claro, ela fez isso pelo dinheiro do seguro.

Janet Cushman não achava que era uma questão de riso. Franziu o rosto para Gus.

— Ela disse que não sabia por que fez isso. Num momento estava brincando com os irmãos. No instante seguinte, cortou suas gargantas com a navalha do pai. Apenas por um impulso repentino. – Cushman deu de ombros. – E por acaso a navalha se achava ao alcance de sua mão.

Gus e Nick olhavam fixamente para ela. Já tinham ouvido aquela história antes. Era a mesma história de uma doce velhinha chamada Hazel Dobkins, que por acaso também era amiga de Catherine Tramell. Gus murmurou alguma coisa ininteligível. Parecia muito com “crimes de pirados”.

— Querem cópias? – indagou Cushman. – Posso falar com o chefe, antes que ele saia para o almoço.

— Não se preocupe – respondeu Nick – Acho que não vamos precisar.

— Obrigado, Sargento – acrescentou Gus. – Obrigado por sua ajuda.

Já estamos de saída.

Eles deixaram a delegacia, voltaram a seus carros.

— Não consigo entender o que está acontecendo – comentou Nick

— Não é tão difícil assim, garoto. Essa garota do interior, a tal de Roxanne Hardy, cansou de toda a atenção que era dispensada aos irmãos menores e por isso resolveu dar um jeito neles... um jeito para sempre.

Como a velha Hazel Dobkins deu um jeito em toda a sua família. Só que neste caso a pequena Roxy não usou um presente de casamento. Usou a navalha do papai.

— Mas por quê?

Gus encostou-se no pára-lama amassado do seu Cadillac.

— Isso tem alguma importância? Hazel, Roxy, a linda e rica Catherine Tramell... – Ele sacudiu a cabeça, soltou uma risada. – Mas que trio! Faz a gente pensar no que elas conversavam quando sentavam à noite em torno da fogueira.

Ainda balançando a cabeça com um ar deprimido, Gus sentou ao volante de seu velho bebedor de gasolina.

— Já conheceu qualquer pessoa amiga dela que não tenha matado alguém, Nicky? – Ele fechou a porta. – Bom, acho que há gente de todos os tipos. E não se pode deixar de admitir que provavelmente não tem nada a ver com a conversa corriqueira das mulheres.

Gus girou a chave na ignição, o enorme motor pegou no mesmo instante.

— Até mais tarde, Nicky.

O carro começou a andar, e Nick gritou, acima do barulho do motor:

— Não tenho mais certeza se foi ela quem matou!

Gus soltou uma risada desdenhosa, fitou o parceiro mais jovem com um olhar compadecido.

— De quem está falando agora, garoto? Sabemos que a velha Hazel matou;

sabemos que a jovem Roxy também matou. E a outra... ela tem uma xoxota tão quente que fritou seu cérebro. Como eu disse, até mais tarde, Nicky.

Gus Moran saiu para a estrada e foi embora. Nick seguiu atrás do velho Cadillac todo amassado pela Rodovia 101, passando por Sonoma e Marin. Quando o comboio de dois carros aproximou-se de San Rafael, Gus Moran entrou no desvio para a ponte Golden Gate e San Francisco, entrando no fluxo dos muitos outros carros que também seguiam para o acesso à ponte. Sem pensar realmente a respeito, Nick foi seguindo na mesma direção, até que uma placa verde atraíu sua atenção: Richmond, Albany, Berkeley — Mantenha-se à Direita.

Num súbito impulso, ele seguiu pela direita, na direção de Berkeley, onde ficava o mais prestigioso *campus* da Universidade da Califórnia, onde 113

Catherine Tramell se formara. Talvez, apenas talvez, houvesse algo que pudesse desenterrar do passado acadêmico de Catherine. E podia também haver informações sobre a estranha e angustiada carreira universitária de Lisa Oberman, a estudante que tanto atormentara Catherine em seu segundo ano.

A viagem de San Rafael a Berkeley tem seus momentos de belas paisagens: uma linda vista da ponte Richmond — San Rafael, com a baía de San Pablo à esquerda, e a vasta e tremeluzente baía de San Francisco à

direita. Ao se olhar para trás da ponte, na direção de San Rafael, pode se avistar as casas de um milhão de dólares à beira do canal dessa elegante comunidade, assim como, incongruentemente, a massa assustadora da prisão de San Quentin, isolada das mansões, lojas e marinas pelo *cordon sanitaire* da Interestadual 580. Há muito que Nick já perdera a conta do número de homens que despachara para San Quentin, mas lembrou que a ala das mulheres fora o lar de Hazel Dobkins por muitos anos.

Depois de passar pelo longo pier da Chevron, no lado de Contra Costa da ponte, não havia mais nada para se ver. Ele passou rápido pelas comunidades-dormitórios de Richmond e Albany, passou pelo hipódromo, o Golden Gate Fields, e pegou o desvio para a artéria principal que levava ao *campus*, a University Avenue.

Partes da cidade de Berkeley pareciam ter sido congeladas no tempo

— um tempo específico, o final da década de 60. Havia *hippies* nas ruas, vestindo macacões e camisas de malha desbotadas; quilômetros de muros se achavam cobertos por cartazes e manifestos descascados, exigindo atendimento médico gratuito, poder para os sem-teto, denunciando a política externa americana na

América Central, África, Oriente Médio.

Berkeley estava determinada a continuar como o solitário posto avançado do radicalismo nos Estados Unidos, embora houvesse algo um pouco antiquado em sua posição política. A maioria dos *hippies* dava a impressão de andar na casa dos cinquenta anos, e Nick podia imaginar aqueles veteranos grisalhos da contracultura se reunindo para fumar um cigarro de maconha e recordar os dias gloriosos do Parque do Povo, a Marcha sobre Washington, e os Dias da Ira, trocando histórias pacifistas como os veteranos de guerra falavam de ações bélicas em suas reuniões.

Ele estacionou na Bancroft, e seguiu a pé para o *campus*. As coisas eram um pouco diferentes ali. Embora Berkeley, a universidade, ainda tivesse sua quota de estudantes radicais, a maioria se interessava agora por seus estudos. Tendo conquistado uma vaga numa grande universidade, os estudantes se preocupavam em estudar com afinco, tirar as melhores notas, e depois iniciar a carreira bem-remunerada de sua escolha. O brim e roupas desbotadas já não predominavam tanto aqui, os estudantes se apresentavam muito mais limpos e arrumados.

114

Havia a coleção habitual de excêntricos e pedintes na Sproul Plaza, mas também pareciam velhos demais para serem estudantes. Os estudantes genuínos olhavam curiosos, como os judeus para Jesus, o cara que cantava os sucessos de Frank Sinatra a plenos pulmões, e depois seguiam apressados para suas aulas de economia.

O *campus* era agradável e calmo, os longos passeios ensombreados por enormes eucaliptos. Nick gostou da caminhada e contemplou as lindas estudantes com um ar aprovador. Pediu a uma que o orientasse e recebeu a informação que desejava, mais o bônus adicional de um sorriso deslumbrante. Se dispusesse de tempo e inclinação, convidaria a moça para um café, mas tinha um trabalho a realizar.

Dwinelle Hall, ele foi informado, era o prédio principal da administração, onde ficavam os arquivos, todos os registros dos estudantes.

Num escritório no porão, ele mostrou sua identificação da polícia e uma mulher que mal saíra da adolescência — Nick calculou que devia ser uma estudante trabalhando em meio expediente — sentou a um computador e ligou-o.

— Estou procurando informações sobre uma antiga aluna — explicou Nick — Uma certa Lisa Oberman.

— Tem o ano? Os arquivos estão dispostos pelo ano.

— Acho que 82 ou 83.

— Acha?

Nick notou que havia um enorme livro de biologia aberto na mesa, ao lado do computador. Provavelmente ela se ressentia da intromissão de um tira em seu horário de estudo. Seus dedos dançaram sobre o teclado do computador.

— Há uma porção de Obermans. Andrea C., Andrew W... – Os olhos da moça percorreram a coluna de nomes na tela. – Donald M., Mark W.

Lamento, mas não há nenhuma Lisa Oberman. Tem certeza do ano?

— Catherine Tramell disse que se formou em 83. E disse que essa Lisa Oberman estava aqui na mesma ocasião.

— Como é mesmo esse outro nome?

— Tramell – respondeu Nick – Catherine Tramell.

Ela bateu nas teclas, balançou a cabeça quando o nome de Catherine apareceu.

— Temos a Tramell, mas nenhuma Lisa Oberman.

— Deve haver uma Lisa Oberman – insistiu Nick – Não pode ser algum erro?

A moça fitou-o friamente.

— Só se você o está cometendo.

— Obrigado... muito obrigado.

— Não foi nada – murmurou ela, voltando a se concentrar em seu livro de biologia.

115

Nick Curran seguiu direto para a casa de Catherine Tramell na Divisadero e avistou-a saindo com a figura franzina e murcha de Hazel Dobkins. Ele encostou no meio-fio e foi se postar no portão. Catherine não pareceu ficar desconcertada.

— Hazel – disse ela, calmamente –, este é Nick. Eu lhe falei a respeito dele, lembra?

Hazel acenou com a cabeça, sorriu distraída.

— Você é o Tiro Certo, não é? Como vai?

Nick teve a impressão de que a velha presumia que tinham algo em comum, um vínculo que os unia, a fraternidade das pessoas que haviam liquidado uma vida humana, como se pertencessem a uma associação tradicional qualquer. Meio que esperou que ela lhe concedesse um aperto de mão secreto dos matadores.

— Vou bem, obrigado. – Ele virou-se para Catherine. – Preciso falar com você por um minuto.

Catherine levou Hazel até o Lotus estacionado na frente da casa.

— Por que não entra e espera no carro, querida? Voltarei num instante.

— Está bem. – Uma pausa e Hazel acrescentou na maior jovialidade:

– Adeus, Tiro Certo.

Quando chegaram a um ponto em que a velha não podia mais ouvi-los, Nick virou-se para Catherine, sacudindo a cabeça.

— Você aprecia a companhia de assassinas ou o quê? Sabia que Roxy...

Catherine interrompeu-o bruscamente:

— Claro que sabia.

— E não se importava? Ou isso a tornava mais exótica... e mais desejável?

— Deve compreender que escrevo sobre pessoas diferentes.

— Escrever é uma coisa, convidá-las para sua cama é outra.

— Às vezes, quando faço minhas pesquisas, eu me envolvo com as pessoas. Acontece, e você sabe disso.

— Uma ova que acontece.

— Aconteceu com você.

— Não foi a mesma coisa.

— Foi, sim. Você ficou fascinado por mim. E eu sou fascinada pelos matadores.

Matar não é como fumar. Pode se parar.

— E o que isso significa?

Catherine beijou-o de leve no rosto, um beijo afetuoso, do tipo conjugal.

— Tenho de ir agora. Prometi a Hazel que a deixaria em casa até seis horas. Ela adora o programa *Os Mais Procurados da América*.

116

— Ela espera ver alguém que conheceu na prisão? É por isso?

— Não posso conversar agora – disse Catherine, começando a se encaminhar para o carro.

— Não havia nenhuma Lisa Oberman em Berkeley na época em que você estudou lá – anunciou Nick, desafiando-a.

Ela parou no mesmo instante.

— O que andou fazendo? Investigando-me? Para quê?

— Uma pesquisa.

Catherine sentou ao volante do Lotus, ligou o motor. A janela baixou silenciosamente.

— Nenhuma Oberman, hem?

— Absolutamente nenhuma.

— Por que não tenta Lisa Hoberman?

Ela engrenou o carro, acelerou duas vezes, e depois partiu a toda.

A estudante que atendera Nick Curran em Dwinelle Hall, em Berkeley, foi a mesma que recebeu seu telefonema, dado às pressas, de uma cabine a poucos quartos da casa de Catherine. Ela reconheceu a voz de Nick, que também reconheceu a sua. Contudo, ambos fingiram que nunca tinham se falado antes, embora houvesse um tom perceptível de triunfo na atitude da mulher. Fora ele que cometera o erro como ela dissera.

Oberman, Hoberman — era um erro trivial, fácil de se cometer, mas mesmo assim ela sentia-se triunfante.

— Temos uma Hoberman, Lisa – informou ela. – Setembro de 1979

a maio de 1983.

— Ótimo. – Nick bloqueou o outro ouvido ao som do tráfego na rua.

– Dê-me tudo o que tiver.

— Quer as notas?

— Tudo menos as notas.

— Posso dizer onde ela morava, posso dizer quais foram os seus cursos. Além disso, não há muita coisa.

Nick não precisava realmente saber qual fora a competência de Lisa Hoberman nos estudos, e a informação sobre seus domicílios, depois de dez anos, era inútil. Mas havia uma coisa que ele podia aproveitar, uma gazua de nove dígitos para as vidas de todos os cidadãos americanos.

— Tem o número do seguro social dela?

— Tenho, sim.

A estudante forneceu o número, e Nick anotou no caderninho que sempre levava no bolso traseiro da calça.

— Muito obrigado.

Ele desligou, ficou parado na calçada por um momento, refletindo sobre seu próximo movimento. Queria descobrir mais sobre Lisa Hoberman, e sabia onde podia obter informações adicionais. O problema 117

era a proibição de seu acesso aos computadores na chefatura. Tinha certeza de que sua senha para os computadores fora anulada; e mesmo que isso não tivesse ocorrido, não podia deixar seu nome nos registros. Quem entrasse nos arquivos precisava deixar seu nome no arquivo de acesso. Portanto, ele precisava de um cúmplice... um cúmplice que pudesse ficar de boca fechada.

O candidato natural era Gus Moran, é claro, mas Nick consumiu todos os palavrões que conhecia ao escutar o telefone do parceiro tocar interminavelmente. Ele deixou a cabine, foi procurar no Wagon Wheel e no Mac's, não encontrou Gus em parte alguma.

Isso significava que teria de recorrer à segunda opção. Andrews já o ajudara uma vez, talvez se mostrasse disposto a ajudá-lo de novo. O

detetive não ficara muito feliz na primeira ocasião, mas Nick concluiu que valia a pena tentar.

Andrews estava no Ten-Four, bebendo em companhia de dois outros homens, que Nicks sabia serem policiais, mas não conhecia pelos nomes.

Não eram da Homicídios, o que constituía um golpe de sorte, pois assim não especulariam sobre o interesse de Nick em falar com Andrews. Era uma aposta segura, no entanto, que todos sabiam a respeito dos problemas de Nick.

Ele levou Andrews para longe dos seus companheiros de bar e foi logo dizendo:

— Sam, preciso de um favor...

Não havia ninguém na sala dos detetives da Homicídios, o que era muito conveniente para ambos. Andrews deu uma volta furtivamente pela sala enorme e atravancada, como se fosse um ladrão noturno, e acendeu uma única lâmpada.

— Devo ter enlouquecido – murmurou ele. – Acho que vou me arrepender pelo resto da vida. Nunca deveria abrir os arquivos para você, Nick. Afinal, não deveria entrar nesta sala. Nem neste prédio.

— Não esquecerei, Sam, juro que não. Nunca esqueço um favor.

— O único favor que você pode me prestar, Nick, é me arrumar um emprego na mesma garagem de lavagem de carros em que você vai trabalhar. Será o que teremos de fazer, se formos apanhados aqui.

— Ora, não se preocupe. Provavelmente é um bom trabalho. Ao ar livre, dá para conhecer pessoas interessantes.

— Cale a boca, por favor – suplicou Andrews.

Ele sentou diante do terminal de computador, bateu seu código.

— Muito bem – sussurrou Nick, olhando para a tela. – Verifique no Departamento de Trânsito se há alguma licença no nome de Lisa Hoberman.

Ele indicou o número de seguro social de memória. Andrews bateu a informação e o enorme cérebro ficou quieto por um momento como se 118

ponderasse sobre o pedido. Depois, as palavras faiscaram na tela: 1987

Renovação — Elisabeth Garner. Queenston Drive, 147, Salinas, CA.

Nick quase soltou um grito ao ver o nome. Lutando contra um horror crescente e nauseante, ele conseguiu se manter calmo.

— Pode pedir a carta de habilitação, por favor, Sam?

Andrews transmitiu o comando e uma cópia da carta gerada por computador apareceu na tela. A foto no documento era inegavelmente da analista cuja vida se achava tão ligada à de Nick.

— Ei, essa não é a Dra. Garner? — indagou Andrews.

— É, sim. Peça o documento de 1980, por favor.

O retrato de dez anos antes era diferente, como não podia deixar de ser. Beth parecia mais jovem, menos bem-cuidada... afinal, era estudante na ocasião. Mas essa não era a distinção mais impressionante na fotografia. A Beth Garner de dez anos atrás tinha cabelos louros, longas tranças douradas, e Nick pôde constatar, mesmo na fotografia desfocada da carta de habilitação, que combinava exatamente com a cor dos cabelos de Catherine Tramell.

119

Capítulo Dezoito

BETH GARNER NÃO pareceu surpresa ao encontrar Nick na sala de jantar às escuras, quando voltou a seu apartamento naquela noite. Era quase como se previsse a presença dele ali ao entrar. Nick, por sua vez, não se mostrou preocupado por ter entrado sem que ela soubesse.

— Não devia deixar a porta aberta. Não há como saber quem pode entrar.

— Não deixei a porta aberta — disse ela, friamente. — Há algum problema com a tranca. — Beth acendeu uma luz. — O que você quer, Nick?

Estou muito cansada.

— Fale-me sobre Catherine.

Beth fitou-o em silêncio por um momento, depois deu de ombros.

— Ela lhe contou, não é? O que ela disse?

— O que ela me disse, Beth? Suponhamos que eu queira ouvir de você, com suas próprias palavras.

— Fui para a cama com ela uma vez, na faculdade.

Como uma psicóloga, o homossexualismo não era um comportamento anormal para ela, nada de que se envergonhar. Como uma heterossexual, porém, sentia a necessidade de justificar suas ações.

— Eu era apenas uma criança. Estava experimentando. E foi apenas essa vez.

— Apenas uma vez? Foi para a cama com ela uma vez e depois nunca mais tornou a vê-la. É isso?

Beth Garner hesitou por um instante.

— Não... não foi tão simples assim. Ela desenvolveu uma... fixação por mim. Arrumava os cabelos como os meus. Usava o mesmo tipo de roupas que eu. Seguia-me por toda parte. Atormentava-me. Perseguia-me.

Foi assustador. Senti medo na ocasião. E ainda sinto agora. Ela é uma mulher perigosa, Nick. Você tem de compreender isso.

Nick acenou com a cabeça. Ocorreu-lhe que ouvia imagens espelhadas da mesma história. As palavras de Beth Garner e sua reação ao episódio eram quase idênticas às de Catherine Tramell. A questão era uma só: quem era o algoz e quem era a vítima.

— Não foi isso o que ela lhe contou, Nick?

Ele sacudiu a cabeça.

— Não, não de todo. Ela me contou que era você.

— Eu?

— *Você* é que usava o mesmo tipo de roupas que ela. E *você* pintou os cabelos de louro.

120

— Pinte os cabelos, é verdade, mas não teve nada a ver com ela.

Também fui ruiva por algum tempo. Já lhe disse, eu era jovem, estava experimentando.

— Conheceu Noah Goldstein?

— Ele foi meu professor em dois cursos.

Nick perdeu o controle subitamente.

— Você viu todos os relatórios sobre o caso, Beth! Phil Walker mandou que entregássemos cópias de tudo a você. Sabia de tudo a respeito de Catherine Tramell, mas nunca disse absolutamente nada. Como explica isso?

— O que devo dizer? Afinal, o que eu poderia fazer? Procurar vocês, tiras miseráveis, e dizer “Eu não sou *gay*, mas por acaso transei com sua suspeita há dez anos?”

Beth virou-se, os braços cruzados, como se estivesse se abraçando para encontrar algum calor. Lágrimas brilhavam nos cantos dos olhos.

— Parece loucura, parece hipócrita, partindo de mim, uma analista, mas eu me senti embaraçada. Foi a única vez em que fui para a cama com uma mulher.

— Acha que ficaríamos chocados? Pelo amor de Deus, Beth, somos tiras.

— Isso mesmo... são tiras. Dali a pouco eu seria o alvo das conversas em todo o departamento. Piadinhas, risadas no banheiro. – Ela ofegou para respirar, tentando recuperar o controle. – Seja como for, isso não é

importante.

— O que é importante então?

— O importante, Nick, é que você tome cuidado com ela. É uma mulher doente, entende? Não percebe o que está acontecendo?

Ela fitou-o atentamente, suplicando com os olhos por sua compreensão, implorando que acreditasse nela.

— Não sei se ela está empenhada em algum tipo de vingança aqui, mas planejou toda a coisa. Sabe que estudei em Berkeley. Sabe que conheci Noah Goldstein. E inventa essa história a meu respeito. Tenta fazer você

pensar que sou uma mulher obcecada por ela. Tenta me entregar a você,

amarrada com uma fita de presente, dizendo: “Aqui está a psicopata que matou Johnny Boz.”

— Ela não a entregou a mim – protestou Nick, furioso. – Nem sabe quem você é. Falou-me sobre Lisa Hoberman. Não Beth Garner.

— Não posso acreditar que você seja tão estúpido, Nick Ela sabia que você descobriria quem é Lisa Hoberman. Afinal, você é um detetive...

e dos bons. O que ela fez? Deixe-me adivinhar. Disse em tom casual, dando a impressão de que era irrelevante? – Beth sorriu, mas era um sorriso torto, desagradável. – Ela lhe contou na cama, Nick? Deve ter sido. Eu faria assim.

121

Nick virou-se, recordando o corpo a estremecer de Catherine, enquanto relatava a história assustadora de Lisa Hoberman.

— Por que você mudou seu nome, Beth?

— Casei. E ele me chamava de Beth.

— Casou? Eu não sabia que você tinha sido casada.

— Não era da sua conta.

Depois, ela deu de ombros, calculando que era melhor que Nick soubesse logo de tudo. Não se sentia envergonhada por ter se casado e divorciado.

— Conheci meu marido logo depois que saí da faculdade de medicina. Fomos internos juntos. Ele foi trabalhar na clínica gratuita em Salinas. O casamento não durou muito.

— Quanto tempo?

— Não muito. Nick, você acha realmente que eu... que eu poderia matar alguém? Não conhecia Johnny Boz. Jamais ouvi falar dele.

A cabeça de Nick era um turbilhão. Não sabia mais em quem ou no que acreditar. Virou-se para sair.

— E Nilsen? – gritou Beth, às suas costas. – Que motivo eu poderia ter para matar Nilsen? Não combina, Nick. Pense um pouco a respeito.

Nick estava pensando a respeito. Só não queria falar a respeito, pelo menos não para ela. Espetou um dedo na fechadura quebrada da porta.

— Deveria mandar consertar esta fechadura. Há uma porção de maus elementos por aí.

— Tem toda razão.

Beth estendeu os braços para ele, como se quisesse afugentar alguma terrível maldade satânica... uma perversidade que só ela tinha o poder talismânico de erradicar.

— Ela é má. É brilhante. Tome cuidado, Nick

Ele acenou com a cabeça, como se concordasse. Mas nunca fora cuidadoso, com qualquer coisa, muito menos com as mulheres. Por que começar agora?

Ele não tomava cuidado quando entrou no saguão às escuras de seu prédio, e não pensou duas vezes ao subir a escada mal-iluminada até a porta de seu apartamento. Enquanto procurava as chaves nos bolsos, sentiu uma mão no ombro e pulou como se tivesse sido escaldado.

— Santo Deus!

Catherine Tramell saíra das sombras e ria para ele.

— Eu o assustei? – perguntou ela, com um brilho divertido nos olhos.

Sabia muito bem que o assustara e de certa forma isso parecia agradá-la... como já acontecera quando saltara em cima de Nick na praia.

— Nunca deve se aproximar furtivamente de um homem que sabe que está armado – disse Nick – É assim que os acidentes acontecem.

122

— Mas sei que você não está armado. Teve de devolver sua arma quando... entrou de licença.

Ela tinha razão, é claro. Nick tocou no lugar sob o braço esquerdo em que normalmente estaria aninhado o revólver 38. Portar uma arma se tornara uma segunda natureza para ele. Agora, sentia-se despido sem o revólver.

— Seja como for, Nick, apenas pensei em lhe fazer uma surpresa – acrescentou

ela, na maior jovialidade.

Depois, Catherine percebeu que alguma coisa o perturbava, algo mais desconcertante do que a surpresa.

— Qual é o problema, Nick?

— Descobri Lisa Hoberman.

— Descobriu? E o que ela anda fazendo?

— Só está interessada por curiosidade nas atividades de sua antiga colega de faculdade?

Ela fitou-o nos olhos, com uma expressão de incredulidade.

— Está querendo dizer que não vai me contar o que ela anda fazendo? Pensei que não teríamos mais jogos.

Nick abriu a porta do apartamento, mas não entrou. Ficou parado no limiar, como se barrando a entrada.

— Eu também. Achava que os jogos eram uma coisa do passado.

— E são, Nick

— Então por que a história que ouvi é um pouco diferente da sua?

Ela me contou que ocorreu justamente o contrário... que você ficou obcecada por ela. Disse que até arrumava seus cabelos como os dela.

Catherine sorriu.

— E você acreditou? Sua capacidade de credulidade me espanta, Nick. Fui uma vítima neste caso. Eu é que tive de ir à polícia do *campus* e apresentar uma queixa contra ela.

— Fez isso?

Ele ainda não acreditava em Catherine.

— Fiz, sim. Ainda pensa que eu mato pessoas, não é?

Nick não pensava que ela matava pessoas. Não *queria* pensar que ela fosse capaz disso.

— Não.

— Mentiroso!

Catherine virou-se, foi descendo pela escada escura, com a pose e a segurança de uma modelo da *haut couture*.

123

Capítulo Dezenove

UMA DAS GRANDES coisas em estar de licença, pensou Nick, enquanto esperava em seu carro para atravessar a Bay Bridge, era o fato da carga de trabalho se tornar muito mais leve. Normalmente, ele e Gus trabalhavam em meia dúzia de casos de homicídio ao mesmo tempo, lutando para se manter a par dos detalhes de cada investigação. Agora, em licença psicológica, Nick se encontrava livre para dedicar todo o seu tempo a um único caso, o que mais o interessava: decifrar a vida enrolada de Catherine Tramell. Nem era mais a morte de Johnny Boz. Agora, Nick queria conhecê-la, separar as mentiras das verdades, o fato da ficção.

Ele cruzou a ponte para Berkeley naquela manhã, estacionou o carro na Bancroft, seguiu a pé para o *campus*. Na frente da enorme biblioteca, ele encontrou um guarda do *campus* de Berkeley, que o informou que o escritório da segurança da universidade ficava no porão do Colton Hall.

O guarda de plantão ali era um homem de meia-idade, um ex-policial que passaria a maior parte da manhã enchendo o saco de Nick com histórias sobre o seu tempo na polícia de Albany, se Nick não lhe ressaltasse a urgência de sua missão. Ele falou com o guarda como se ele fosse um policial genuíno, um colega.

— Tenho de voltar logo a San Francisco com a pasta, ou o tenente vai me arrancar o couro. Sabe como são essas coisas.

O velho riu.

— Claro que sei. No meu tempo, também tínhamos uns caras insuportáveis.

— Posso imaginar.

O homem levou-o à sala do arquivo da segurança da universidade.

Eram velhas pastas empilhadas do chão ao teto, uma para cada incidente

comunicado na história moderna da Universidade da Califórnia, Berkeley.

Entre os relatos de roubo de calcinhas e bebedeiras com cerveja que escaparam ao controle, havia crimes mais sérios.

— Você disse que era de onde mesmo? – perguntou o guarda.

— Homicídios.

— Os caras da Homicídios que conheci no meu tempo eram todos metidos a besta. Você também é assim?

— Claro que não.

— Fico contente em saber disso. – O homem tirou uma pasta de uma gaveta de arquivo, consultou a ficha amarelada. – Aqui está. Ou quase.

— Quase? Como assim?

— Havia um relatório sobre Lisa Hoberman... de janeiro de 1980.

Mas não está aqui. Saiu.

124

— Saiu? Mas o que é isto aqui? Uma biblioteca?

O guarda do *campus* fitou Nick com um ar desaprovador, como se começasse a desconfiar de que, no final das contas, ele era mesmo um detetive da Homicídios metido a besta.

— Calma, cara.

— Quem levou?

— Um dos seus colegas. Um cara chamado Nilsen.

Nick tirou a ficha da mão do homem e leu o que estava escrito ali: Emprestada ao Departamento de Polícia de San Francisco. Det. M. Nilsen.

Assuntos Internos. 19/11/90.

— Conhece o cara? – perguntou o guarda do *campus*.

— Conheço.

— Então diga a ele que queremos a pasta de volta. Já tem mais de um ano que ele a levou.

— Claro que direi a ele – murmurou Nick.

A cabeça de Nick girava vertiginosamente e ele precisava de uma boa dose de pensamento lúcido administrada pelo Doutor Gus Moran.

Ligou para o parceiro de um telefone público no *campus* de Berkeley e combinaram um encontro no lado da baía de San Francisco. Querendo um lugar agradável e discreto, escolheram o Pier 7, encoberto pelo nevoeiro, ao sul da Market e do Embarcadero. Ficaram andando de um lado para outro do cais comprido e desativado, repassando os fatos várias vezes.

— Muito bem, Nilsen tinha um relatório sobre ela. E daí? Não sabe o que continha.

— Catherine me contou o que continha.

— *Se* ela dizia a verdade, Nick.

— Será que não percebe, Gus? Se Beth matou Johnny Boz para incriminar Catherine, não ia querer que ninguém soubesse o que aconteceu em Berkeley, mesmo que anos já tivessem passado. Mas Nilsen descobriu a história. E isso proporcionou a Beth um motivo para matá-lo.

— Mas como Nilsen descobriu? – indagou Gus, como se estivesse num debate estudantil. – Se é que isso aconteceu, claro.

— Ele era da Assuntos Internos. Provavelmente interrogou Beth a respeito.

Gus pensou por um momento. Alguma coisa não fazia sentido para ele.

— Mas ela teria de ser completamente pirada. E Beth Garner não é

do tipo que aprecia a companhia de assassinas múltiplas. Já sua namorada, por outro lado, é muito íntima de algumas.

— Ela é uma escritora – protestou Nick, na defensiva. – É parte do seu trabalho. Pesquisa.

— Talvez eu aceite essa desculpa esfarrapada, Nick, talvez não.

Ainda não me decidi. Claro que seria mais fácil se pudéssemos descobrir o que de fato aconteceu em Berkeley naquele tempo. Deve haver *alguém* que saiba o que aconteceu.

— Eu sei o que aconteceu – insistiu Nick – Catherine me contou. E

tudo o que ela disse foi confirmado.

— Você está com uma porção de passarinhos cantando na sua cabeça, isso é tudo.

— Não é nada disso!

Gus sorriu.

— Acha mesmo que você e ela vão continuar a foder como coelhos, ter uma porção de crias e viverem felizes para sempre? Essa não, cara! Por favor, não diga a seu velho amigo Gus que é isso o que está pensando.

Era mais ou menos o que Nick pensava, mas nem mesmo ele tinha coragem de dizê-lo a Gus.

— Não sei mais o que pensar, Gus.

— Ainda bem. Neste caso, resta alguma esperança para você.

— Tem de haver uma maneira de chegar ao fundo dessa história, Gus. Como você disse, alguém deve saber de alguma coisa.

— Talvez devamos fazer a mesma coisa que sua namorada faz, um pouco de pesquisa. Vou me concentrar nela, descobrir alguém que possa preencher os espaços em branco.

— Como faria isso?

— Acontece que sou um profissional de polícia experiente, garoto.

Sorte nossa, hem?

Nick sorriu.

— Vá atrás dela. Eu vou investigar Beth.

— O que será um grande erro.

— É possível, mas há algumas coisas que precisam ser checadas.

— Aposto que eu estou certo, e você errado – declarou Gus, confiante.

— É uma aposta que eu aceito.

Gus acenou com a cabeça.

— Tornaremos a nos encontrar aqui, neste velho pier, dentro de vinte e quatro horas. Vai ver só como o seu velho parceiro ainda não está pronto para ir embora para o pasto.

Nick subiu a escada para seu apartamento, preocupado com quem ou o que podia estar à espreita nas sombras. Não havia ninguém ali, mas ele ouviu música enquanto subia... e parecia vir do seu apartamento. Parou na porta, ficou escutando. Saía mesmo lá de dentro. Cauteloso, ele empurrou a porta de leve, esticou a cabeça para espiar.

126

Catherine estava de pé junto da janela. Usava uma *jeans* preta e seu amado blusão de couro preto de motociclista, com o zíper levantado até quase o pescoço.

— Não pude continuar zangada com você, Nick. Senti saudade.

— Não me afastei pelo tempo suficiente para você sentir saudade.

— Teve saudade de mim?

— Não.

Os lábios de Catherine se contraíram em contrariedade.

— Venha até aqui e me diga que não.

Nick adiantou-se, fitou-a nos olhos.

— Não, não senti saudade de você.

Muito devagar, ela começou a baixar o zíper do blusão. Logo ficou evidente que não usava nada por baixo do couro.

— Já vi isso antes – murmurou Nick

— Mas pode não tornar a ver. Meu livro está quase pronto. E o detetive está quase morto.

— É mesmo? E ele tem tempo para um último cigarro?

Catherine puxou-o, murmurando, a voz rouca:

— Depois.

Fizeram amor depressa, com a maior ansiedade, no chão da sala. A intensa atração que sentiam um pelo outro espalhou-se por seus corpos, com ardor e rapidez, como metal derretido.

Depois, Nick tateou pela calça à procura do maço todo amassado, tirou um cigarro, acendeu-o, aspirou a fumaça para os pulmões, passou o cigarro a Catherine.

— Tenho de fazer uma pesquisa amanhã – disse ele.

— Sou muito boa em pesquisas. Vou ajudá-lo.

Nick tornou a pegar o cigarro, deu outra tragada.

— Não, obrigado.

— O que está pesquisando?

— Um novo final para o seu livro.

Catherine sorriu.

— É mesmo? E qual é a mudança?

— A mudança é que o detetive não morre. Nem ele, nem a garota errada.

— E o que acontece com os dois?

— É um final feliz.

— Detesto finais felizes.

— Já imaginava. Mas pense no que tenho em mente.

Ela arrancou o cigarro dos lábios de Nick, deu uma tragada.

— Muito bem, pode falar.

— Ele e a garota errada fodem como coelhos, têm uma porção de crias e vivem felizes para sempre.

127

Catherine pensou a respeito por um momento.

— Não dá, Nick

— Por que não?

— Porque alguém tem de morrer.

— Por quê?

— Porque alguém sempre morre.

128

Capítulo Vinte

SALINAS É A SEDE do condado de Monterey, uma cidadezinha insípida do interior, perto da costa espetacular de Monterey, mas completamente diferente das elegantes cidades à beira-mar. Salinas ganha seu dinheiro das fazendas que produzem enormes vegetais ao redor e das fábricas de processamento de alimentos, em sua área industrial. Em cada esquina se encontram trabalhadores migrantes, à procura de emprego. O ar está impregnado pelos cheiros da enorme fábrica de condimentos McCormick, na margem leste da cidade.

Salinas foi o único lugar em que Nick pôde pensar para procurar informações sobre Beth Garner. Ela dissera que casara ali e o marido trabalhara na clínica em Salinas. Talvez o ex-marido soubesse de alguma coisa; e, se soubesse, Nick estava decidido a arrancar as informações de qualquer maneira.

A clínica gratuita atendia à força de trabalho migrante e Nick a encontrou à beira da cidade, perto das plantações e dos trilhos da ferrovia.

A sala de emergência estava mais ou menos cheia, com pacientes esperando a sua vez de verem um médico, mas Nick não estava com o menor ânimo de esperar. Seguiu direto para o posto das enfermeiras. Havia duas ali, ambas quase chegando aos trinta anos, absorvidas em seu trabalho burocrático.

— Oi – disse Nicka uma delas. – Estou procurando pelo Dr. Garner.

Pode me informar onde encontrá-lo?

— Não temos nenhum Dr. Garner na equipe da clínica, senhor.

— Não têm?

— Já tivemos. Há algum tempo, quando comecei a trabalhar aqui. Dr.

Joseph Garner.

— Deve ser ele.

— Infelizmente, ele não está mais conosco.

— Sabe para onde ele foi?

— Não está entendendo, senhor. Ele não está mais conosco. Com ninguém. Morreu.

— Morreu? Como ele morreu?

A enfermeira hesitou por um momento.

— Ele levou um tiro. E isso é tudo o que sei a respeito.

Nick encontrou um dos ajudantes do xerife de Salinas na frente da delegacia lavando um Chevy Blazer branco com uma mangueira. Não era um veículo da polícia e o homem parecia dispor de tempo suficiente para lavar seu próprio carro e conversar com um detetive da cidade grande.

129

Sabia de tudo a respeito da morte de Joseph Garner. Jogou água no pára-brisa, enquanto dizia:

— Uma coisa terrível, a morte do Dr. Garner. Esta é uma cidadezinha tranquila. Não há muitos problemas com os trabalhadores migrantes. Eles sabem que serão mandados embora se causarem encrencas.

A água desceu para a porta do carro.

— E Garner? O que aconteceu com ele?

— Foi muito estranho. Ele saíra do trabalho, voltava para casa.

Morava com a mulher a apenas dois quarteirões da clínica. Alguém passou de carro e atirou nele.

— Alguém num carro? Mas onde estamos? Oakland?

— Como eu disse, foi muito estranho.

— Houve suspeitos?

— Nenhum suspeito, nenhum motivo. Um caso sem solução.

— A esposa não foi suspeita?

O homem cortou o esguicho, olhou para Nick, curioso.

— Um outro cara de San Francisco esteve aqui há cerca de um ano.

E me fez a mesma pergunta. Qual é o problema?

— Rotina – respondeu Nick, uma palavra que ambos sabiam ser o código policial para “não se meta no que não é da sua conta”.

— Ele também disse que era rotina. Agora são dois caras dizendo que é rotina.

— Lembra o nome dele?

O ajudante do xerife pensou por um momento, depois sacudiu a cabeça. — Não, não me lembro.

— Se o ouvisse, poderia reconhecer?

— É possível.

Ele tornou a abrir a água, concentrando o jato agora nos pneus traseiros.

— Nilsen?

— Esse mesmo.

— Ela nunca foi suspeita?

O policial tornou a sacudir a cabeça.

— Não. Mas houve muito falatório. Só que não deu em nada.

— Que tipo de falatório?

— Uma namorada.

— Ele tinha uma namorada?

— Não. *Ela* é que tinha. Mas, como eu disse, nunca deu em nada.

Ele fechou a água, começou a enrolar a mangueira. O Chevy brilhava, a água escorrendo.

— Obrigado – murmurou Nick

— Espero ter ajudado.

— Ajudou... e muito.

130

Havia outro som na casa de Catherine em Stinson Beach. Outro som tão regular e ritmado quanto o barulho das ondas. Era o som da impressora a *laser* de sua editora de texto, imprimindo as páginas do novo livro que ela escrevera.

A máquina fazia tão pouco barulho que Nick só ouviu depois que avançara bastante pelo interior da casa. Não havia sinal de Catherine, mas alguém tirara o primeiro maço de folhas impressas da bandeja. Ele pegou a de cima e leu o título: *Tiro Certo*, de Catherine Woolf.

— Gosta do título?

Ela estava parada na porta.

— Muito... intrigante.

— Está pronto. Acabei meu livro.

Ele folheou as páginas.

— Como termina?

— Já lhe disse. Ela mata o detetive. – Ela esmagou o cigarro no cinzeiro. – Adeus, Nick

— Adeus?

— Terminei meu livro.

As palavras pareceram não causar qualquer efeito em Nick. Ele continuou parado no mesmo lugar.

— Não me ouviu, Nick?

Nick não deu o menor sinal de ter ouvido. Olhava para ela, esquadrihando seu rosto à procura de alguma indicação, algum símbolo de uma reconciliação.

— Seu personagem está morto, Nick. Isso significa adeus. —

Catherine começou a recuar para o terraço. — O que você quer, Nick?

Flores? Mandarei para você um exemplar autografado. Está bom assim?

— O que é isso... alguma brincadeira? — Ele quase sorriu, certo de que finalmente conseguira entender. — Está voltando aos jogos?

— Os jogos acabaram, Nick. Você tinha razão. Foi a foda do século, Tiro Certo.

— Mas do que está falando?

Alguém chamou de outra parte da casa:

— Catherine?

Era uma voz idosa, o chamado de uma velha.

— Já estou indo, Hazel. — Uma pausa, e Catherine acrescentou, a voz mais baixa: — Adeus, Nick.

— Mas...

— Falo sério.

E havia alguma coisa na voz de Catherine que dizia a Nick que, por uma vez, não se tratava de um jogo.

131

Nick chegou ao píer antes de Gus. Esperou em seu carro, fumando.

Gus parou o Cadillac ao lado do Mustang, tocou a buzina. Inclinou-se e abriu a porta do passageiro do carro velho e enorme.

— Entre! – gritou ele para Nick

Nick foi sentar ao lado do parceiro, e percebeu pela cara de Gus que ele descobrira algo, algo importante. Gus irradiava excitação.

— Tenho uma coisa que pode interessá-lo, garoto. Telefonei para pessoas do dormitório de Tramell. Obtive uma cópia do anuário de sua formatura, entrei em contato com a associação de ex-alunos, com tudo enfim. São muito prestativas, aquelas pessoas lá em Berkeley.

— Isso é ótimo. Vamos, Gus, conte logo.

— Não me apresse, Nicky. A notícia se espalhou, e esta manhã

recebi um telefonema da colega de quarto de Catherine Tramell no primeiro ano...

— *Ela* ligou para você?

— Isso mesmo. O nome é Mary Beth Lambert. Verifiquei no anuário e pude confirmar. Ela disse que sabe de tudo a respeito de Catherine Tramell e Lisa Hoberman. Uma coisa posso lhe garantir, aquela sua namorada sempre teve um jeito todo especial para assustar as pessoas.

Tanto tempo depois, e a tal de Mary Beth Lambert disse que não queria falar sobre Catherine Tramell pelo telefone. Insistiu que só conversaria pessoalmente... alegou que eu podia ser qualquer um. Ela mora em Oakland.

Fui encontrá-la no trabalho, em Pill Hill. Ela disse que seria melhor assim, depois do expediente, depois que todos os colegas de trabalho tivessem ido embora. – Gus ligou o carro. – Não quer dar um passeio até Oakland, garoto?

Nick limitou-se a dar de ombros. Se Catherine realmente o excluía de sua vida — se ele de fato não fora mais do que uma pesquisa — então não sentia vontade de fazer coisa alguma.

— Está com uma cara horrível, Nicky. Não se sente mal pelo fato do velho Gus ter levado a melhor, não é? Deixe que um velho tenha um pouco de glória. Tem algum problema com isso?

— Não, Gus, não tenho nenhum problema com isso.

— Ótimo.

Gus acelerou através do tráfego, seguindo para a Bay Bridge e East Bay. Ainda borbulhava com suas descobertas.

— E a colega de quarto não é tudo o que encontrei. Sabia que Beth Garner tem um consultório particular? Partilha um consultório na Van Ness com outra analista. E sabe quem é o paciente mais famoso de sua colega de consultório? Ou melhor, quem era? *Johnny Boz!*

Gus soltou um grito de alegria, bateu com a mão no volante.

132

— Catherine Tramell sabe disso, e imagina que pode incriminar Beth como uma psicopata com um furador de gelo. Você perde, garoto, você perde!

Ele lançou um olhar para Nick, esperando vê-lo a se remexer, pronto para reagir com algum comentário obsceno. Mas Nick se mantinha imóvel, o rosto impassível, como se fosse esculpido em pedra. Ele não era esse tipo de perdedor.

— Mas o que há com você?

— Cale-se, Gus.

Gus deu de ombros.

— Desculpe-me por ter falado.

Eles seguiram em silêncio pelo resto do percurso até Oakland. Pill Hill ficava em North Oakland — um conjunto de prédios de consultórios e hospitais, o maior centro médico de East Bay. Gus parou o Caddy na frente de uma torre. Os dois saltaram.

— Para onde pensa que está indo? — perguntou Gus.

— Vou com você.

— Nada disso. Você está de licença, garoto. Não vai demorar.

Voltarei num instante.

— Pode pelo menos me dizer para onde vai?

— Suíte 405. Espere no carro até eu voltar. Depois tomaremos alguns drinques, e eu lhe contarei toda a história.

Nick hesitou por um instante.

— Essa história é minha, Nick, deixe-me cuidar de tudo.

Nick acenou com a cabeça.

— Está bem.

Ele voltou ao carro, enquanto Gus se encaminhava para o prédio.

Estava deserto, mas a porta não se encontrava trancada, e havia um elevador com as portas abertas no térreo. Gus entrou, apertou o botão para o quarto andar. O elevador subiu um andar e parou, as portas se abrindo.

Gus tornou a apertar o botão, praguejando baixinho. O elevador tornou a subir, parou no terceiro andar. As portas se abriram para um corredor vazio.

— Mas que droga!

Gus detestava a tecnologia. As portas fecharam, o elevador subiu.

As portas voltaram a se abrir no quarto andar e Gus saiu para um corredor escuro. Não esperava deparar com alguém e por isso só teve um vislumbre de cabelos louros compridos e do brilho de um furador de gelo um momento antes que penetrasse em sua garganta.

Nick estava arriado no banco da frente do Cadillac quando subitamente uma coisa dita por Gus o atingiu com o impacto de um soco. A colega de quarto de Catherine no primeiro ano telefonara para ele. Quais 133

eram as possibilidades de que isso acontecesse? Alguém ligara para Gus e o atraía para uma armadilha — não podia ser outra coisa!

Nick saiu correndo do carro para o prédio. Subiu a escada de três em três degraus e passou pela porta de aço contra incêndio para o corredor do quarto andar.

Gus estava caído junto das portas abertas do elevador, o sangue escorrendo de uma dúzia de ferimentos no pescoço e rosto. As portas tentavam fechar, esbarravam no corpo sangrando de Gus, tornavam a abrir.

— Gus! – berrou Nick.

Ele se ajoelhou ao lado do parceiro caído, tentou estancar o fluxo de sangue com as mãos. O fluido quente corria entre seus dedos numa torrente pegajosa.

Os olhos de Gus estavam vidrados, a vida se esvaía segundo a segundo. A morte gorgolejava em sua garganta.

— Gus, Gus – balbuciou Nick – Não, por favor!

Gus estremeceu e ficou inerte. Nick estava encharcado com o sangue do parceiro. Tirou o revólver da cintura de Gus. O elevador parara ali e Nick não vira ninguém na escada. Quem quer que matara Gus, ainda se encontrava ali, no andar.

Um ruído, Nick virou-se e deparou exatamente com a pessoa que esperava.

— Parada! – berrou Nick, estendendo o revólver à sua frente, na posição de combate.

O cano apontava direto para o peito de Beth Garner. Ela empalideceu e se encolheu, as mãos se enfiando nos bolsos da capa.

— O que está fazendo aqui?

— Levante as mãos!

— Onde está Gus? Recebi um recado na secretária eletrônica para me encontrar com ele aqui. Onde ele está?

Ela segurava alguma coisa no bolso direito da capa.

— Levante as porras das mãos! – ordenou Nick – Não se mexa!

— Nick, por favor...

Ela avançou um passo.

— Eu disse para não se mexer! – Ele engatilhou a arma. – Sei de tudo sobre seu marido.

— Meu marido?

— E sei que você gostava de mulher. Ainda gosta, Beth?

— *O quê?*

Ela sorriu de maneira estranha, um sorriso compreensivo, deu outro passo em sua direção.

— Tire as mãos dos bolsos!

— *O que há com você?*

134

Ela se projetou na direção de Nick, tirando a mão do bolso. Ele disparou uma vez, o estampido ressoando entre as paredes. A bala acertou-a no peito, jogando-a para trás e para o chão.

Nick continuou a lhe apontar a arma por mais um momento. Beth ainda vivia... por pouco. Ele se ajoelhou ao seu lado, puxou a mão direita do bolso. Em seu punho estavam as chaves. Não uma arma.

Beth sussurrou algo, tão baixo que ele teve de se abaixar, até que o ouvido quase encostava em seus lábios. E ela tornou a murmurar suas últimas palavras:

— Eu amava você.

— O que o fez pensar que ela tinha uma arma?

Phil Walker estava parado por cima de Nick Curran, confuso e preocupado. Gus Moran morrera; Beth Garner morrera; e Nick Curran parecia ter se transformado num zumbi. A turma do local do crime se movimentava ao redor, mas os olhos de Nick mal registravam toda aquela agitação.

— O que Beth fazia aqui? O que Gus fazia aqui? – Phil Walker estava ansioso por algumas respostas, mas falar com Nick era a mesma coisa que se dirigir a um objeto inanimado. – E o que *você* fazia aqui?

Sam Andrews bateu no ombro de Walker.

— Encontramos uma coisa, Tenente.

— O quê?

Um técnico do laboratório segurava uma luva nas mãos enluvadas.

— Estava na escada, lá no quinto andar. Tem manchas de sangue recentes, uma peruca louca e um furador de gelo no bolso.

— Furador de gelo?

O técnico puxou o furador do bolso.

— Exatamente. E dê uma olhada nisto.

Ele virou o forro da capa e mostrou as iniciais, DPSE, Departamento de Polícia de San Francisco. Walker passou a mão pelos cabelos.

— Santo Deus!

Não havia muito mais a ver no prédio em Oakland, e por isso toda a equipe atravessou a baía de volta a San Francisco, seguiu para o apartamento de Beth Garner, no distrito de Marina. Espalharam-se por toda parte, atacando o apartamento como um pelotão de fuzileiros tomando uma praia. Nick foi atrás, pensando numa coisa que Gus lhe dissera. A voz rouca do parceiro soava tão claramente como se ele estivesse ali: “Não seja assassinado, Nick, pois não terá nenhuma privacidade se isso acontecer.”

— Ei, Tenente! – chamou Andrews. – Encontramos uma arma. Um revólver 38. Na estante, por trás de alguns livros.

135

— Mande a balística verificar se foi a arma que matou Nilsen –ordenou Walker.

— Há mais uma coisa.

— O que é?

— Fotografias – informou Andrews. – Fotografias de Catherine Tramell.

Isso pareceu despertar a atenção de Nick. Ele seguiu Walker para o quarto. O topo da cômoda de Beth Garner parecia ser um santuário a Catherine Tramell. Havia exemplares de seus livros e pilhas de fotografias

— Catherine na faculdade, Catherine numa luta de boxe, Catherine com Johnny Boz, Catherine com Roxy. Walker virou-se para Nick

— Acho que isso encerra o caso – murmurou ele.

Em plena madrugada, a equipe de Walker se reuniu na Homicídios, o escritório mais parecia uma colmeia de atividade. Talcott determinara que todo o caso fosse encerrado, sem faltar coisa alguma, até o amanhecer.

Planejava conceder uma entrevista coletiva e não queria que nenhum detalhe ficasse sem esclarecimento. A capa e a peruca loura estavam em cima de uma mesa.

— É do tamanho dela – anunciou Andrews. – E o sangue é de Gus.

— Ela deve ter ouvido sua chegada e se desfez de tudo – disse Walker a Nick

Andrews leu suas anotações:

— Não havia suíte 405 naquele prédio. A colega de quarto de Catherine Tramell no primeiro ano já morreu. De leucemia, há dois anos.

Estamos recebendo um fax de seu atestado de óbito.

— Mais alguma coisa?

— Há, sim – respondeu Andrews. – E é o grande fato. Balística garante que o 38 que encontramos no apartamento foi a arma usada contra Nilsen. Não há registro. Estão conferindo com a arma usada contra o marido em Salinas. O furador de gelo é do mesmo modelo usado em Johnny Boz.

Nick parecia não ouvir. Ainda se sentia atordoado... e, no fundo, aliviado por Catherine ter sido inocentada.

— Há uma ligação entre ela e Boz?

Andrews acenou com a cabeça.

— Há, sim. A psiquiatra de Johnny Boz disse que apresentou-os numa festa de Natal em sua casa, há um ano, e que os dois sentiram uma atração imediata.

Walker apertou o ombro de Nick Curran.

— Nunca se sabe com o são as pessoas, não é? Nem mesmo as que a gente julga conhecer por dentro e por fora.

136

Não foi o único tapinha nas costas que Nick recebeu naquela noite.

Talcott engoliu seu orgulho e apertou a mão de Nick

— Meus parabéns, Curran – murmurou ele, através dos dentes semicerrados.

Capítulo Vinte e Um

APESAR DA INTENÇÃO de Talcott de conceder uma entrevista coletiva cuidadosamente preparada na manhã seguinte, a notícia das novas mortes e do esclarecimento do caso vazou durante a madrugada. Foi transmitida pelas emissoras que funcionam vinte e quatro horas por dia e ouvida apenas por insones, o pessoal da noite, os viciados em notícias... e Catherine Tramell.

Ela esperava na porta do apartamento de Nick quando ele finalmente voltou para casa. Não usava maquiagem. Parecia jovem, o rosto viçoso, vulnerável e preocupada.

Nick fitou-a impassível.

— Não posso me permitir gostar de você – murmurou ela. – Não posso me permitir gostar de alguém. Não posso... não posso de jeito nenhum.

Nick se adiantou, abraçou-a, apertou-a. Havia lágrimas nos olhos de Catherine.

— Não quero fazer isso. Por favor. Não quero fazer isso. Perco todo mundo. Não quero perder você. Não quero...

Ele apertou-a ainda mais, levando-a pelo interior do apartamento, até

o quarto. Gentilmente, tirou as roupas de Catherine, estendeu-a na cama, beijou seu rosto, depois os seios. Os braços de Catherine enlaçaram-no por trás do pescoço, puxaram-no, os corpos se comprimindo.

E depois ele estava por cima dela, fazendo amor, gentilmente, ternamente, mal se mexendo. A pouca claridade no quarto refletia-se nas lágrimas nos olhos de Catherine, que faiscavam.

Gozaram juntos, ondas de prazer percorrendo-os, uma bem-aventurança sexual que se prolongou pelos minutos silenciosos e escuros da madrugada.

Mais tarde, ficaram deitados em silêncio na cama, aconchegados um contra o outro. O olhar de Nick fixava-se no teto, enquanto a fumaça de seu cigarro subia lentamente.

Catherine afastou-se de repente, o rosto oculto.

— O que faremos agora, Nick?

Depois de uma pausa, ele respondeu:

— Fodemos como coelhos. Temos uma porção de crias. E vivemos felizes para sempre.

— Detesto as crias.

— Fodemos como coelhos. Esquecemos as crias. E vivemos felizes para sempre.

138

Catherine deslizou ainda mais para a beira da cama, os cabelos caindo para o lado, as mãos pendendo, encostando no chão. O rosto se tornou subitamente impassível. Virou-se e fitou Nick nos olhos.

— Eu amo você – sussurrou ela, beijando-o com ardor.

Ela empurrou as costas de Nick para a cama, sentou em cima dele, os seios empinados. Inclinou-se e beijou-o de novo, os cabelos encobrindo os rostos de ambos como uma cortina dourada. Foi um beijo longo, úmido e quente. Nick inverteu as posições e penetrou-a num movimento suave e firme.

Nick só pensava no prazer de seu corpo naquele momento. Estava completamente alheio ao furador de gelo com uma lâmina de aço fina escondido por baixo da cama.

139

Document Outline

- Prólogo
- Capítulo Um
- Capítulo Dois
- Capítulo Três
- Capítulo Quatro
- Capítulo Cinco
- Capítulo Seis
- Capítulo Sete
- Capítulo Oito
- Capítulo Nove
- Capítulo Dez
- Capítulo Onze
- Capítulo Doze
- Capítulo Treze
- Capítulo Quatorze
- Capítulo Quinze
- Capítulo Dezesesseis
- Capítulo Dezesete
- Capítulo Dezoito
- Capítulo Dezenove
- Capítulo Vinte
- Capítulo Vinte e Um